Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação

Daiane de Macedo Costa Conti

O estado do conhecimento sobre gênero na bibliografia internacional

Rio de Janeiro
2013

Daiane de Macedo Costa Conti

O estado do conhecimento sobre gênero na bibliografia internacional

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof.ª Dra. Carmen Lúcia Guimarães de Mattos

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

P149 Conti, Daiane de Macedo Costa.

O estado do conhecimento sobre gênero na bibliografia internacional / Daiane de Macedo Costa Conti. – 2013.

156 f.

Orientadora: Carmen Lúcia Guimarães de Mattos.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação.

1. Inclusão em educação – Teses. 2. Discriminação de sexo na educação – Teses. 3. Educação especial – Teses. 4. Antropologia educacional – Teses. I. Mattos, Carmen Lúcia Guimarães de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

rc CDU 376.4:159.922

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

_____ _____

Assinatura Data

Daiane de Macedo Costa Conti

O estado do conhecimento sobre gênero na bibliografia internacional

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação.

Aprovada em 25 de março de 2013.

Banca Examinadora:

_____
Profª. Drª. Carmen Lúcia Guimarães de Mattos (Orientadora)
Faculdade de Educação da UERJ

_____
Profª. Drª. Paula Almeida de Castro
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

_____
Profª. Drª. Sandra Cordeiro de Melo
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

_____
Profª. Drª. Cleonice Puggian
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Rio de Janeiro

2013

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a todos aqueles que foram direta ou indiretamente vítimas de discriminação e preconceito de gênero.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Senhor e Salvador, que tem sido a minha fonte e força, e a todas as pessoas que Ele tem usado para me abençoar e apoiar ao decorrer da minha caminhada – em especial, aquelas que me ajudaram a escrever esse trabalho. Você sabe quem você é.

Não que o tenha já alcançado, nem que já tenha conseguido a perfeição total; mas prossigo para ver se consigo alcançá-la, visto que eu também fui alcançado por Cristo. Irmãos, eu mesmo não considero havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo o que fica para trás e avançando para o que está adiante, prossigo rumo à meta, para conseguir o prêmio do Supremo (...) (*Fil. 3:12-14*)

RESUMO

CONTI Daiane de Macedo Costa *O Estado do Conhecimento sobre Gênero na Pesquisa Internacional*. 2013. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013

Esta dissertação tem como objeto os estudos sobre gênero em pesquisas internacionais. Foram explorados 50 textos selecionados a partir de uma amostra de mil documentos oriundos da biblioteca virtual da Universidade de Sydney na Austrália. O estudo de natureza bibliográfica utilizou mapas conceituais e desenvolveu análises indutivas tendo com objetivo geral estudar como gênero tem sido abordado nas pesquisas internacionais de modo a compreender o desenvolvimento do conceito de gênero, as argumentações relacionadas a este conceito nos estudos investigados. A dissertação teve como objetivos específicos: Descrever os conceitos de gênero e suas interconexões em termos teóricos-epistemológicos de modo a construir uma linha do tempo da última década; Identificar e analisar as principais questões que orientaram as pesquisas em termos das escolhas de metodologias, instrumentos de coleta, formas de análise dos dados e pertinência teórica; Estabelecer a relação entre gênero e educação; analisar e descrever os cinco principais autores recorrentes nos textos, mostrando de que modo descrevem gênero levantando as suas contribuições para os estudos de gênero investigados. Os resultados apontam para: uma super-representação de trabalhos originários dos países ocidentais e uma sub-representação nos países do sul, como assinala Connell (2007); quanto as abordagens metodológicas visualiza-se uma tendência em utilizarem pesquisas quantitativas mais que qualitativas assim como as perspectivas binárias/dualistas em detrimento às perspectivas pós-estruturalista como suporte analítico-interpretativo; dentre as 2.066 citações de teóricos, cinco autores sobressaem nos estudos, são eles: Susan Moller Okin, Raewyn Connell, Madeleine Arnot, Bronwyn Davies e Pierre Bourdieu. Finalmente, este estudo denuncia a necessidade de pesquisas mais comprometida com o enfrentamento da desigualdades de gênero, em especial as minorias silenciadas pelas pesquisas examinadas, onde o mundo foi dividido entre homens e mulheres, na perspectiva de uma ordenação única de gênero, sem levar em conta as diferentes variações, interações e opções de gênero existentes na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Gênero. Educação. Estado do conhecimento. Pesquisa internacional.

ABSTRACT

CONTI, Daiane Costa de Macedo *The State of Knowledge on Gender in International Research*. 146f. 2013. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

This paper has as its object the study of gender in international research. It was explored 50 texts selected from a sample of one thousand documents from the virtual library of the University of Sydney in Australia. The study has a bibliographic nature and uses conceptual maps as research tools and the analyzes developed used inductive method. The main purpose was to study how gender has been addressed in international research in order to understand the development of the concept of gender, the arguments related to this concept in studies investigated. The dissertation has the following especific objectives: Describe the concepts of gender and their theoretical-epistemological interconnections in order to construct a timeline of the last decade; Identify and analyze the main research questions that guided the choices in terms of methodologies, research tools, methods of collecting and analysis of the data and its theoretical relevance; Establish the relationship between gender and education; Analyze and describe the five main authors used as theoretical bases in the researcher studied, showing how gender issues was raised, describe and their contributions to the studies investigated. The results indicate: An over representation of work originating from Western countries and an underrepresentation in the southern countries, as pointed Connell (2007); The methodological approaches visualized a pattern of using more quantitative than qualitative research as well as binary / dualistic perspectives in detriment to poststructuralist approach; The analytical and interpretatived lines of thoughts used assume that among the 2066 citations of theorists, five authors excel in the studies, they are: Susan Moller Okin, Raewyn Connell, Madeleine Arnot, Bronwyn Davies and Pierre Bourdieu. Finally, this study reveals the need for more research committed to tackling gender inequalities, especially, for the silenced minorities leaved out of the research examined. Those studies portraited a world divided between men and women, from the perspective of a single gender order without taking into account the different gender variations, options and interactions existing in the contemporary society.

Keywords: Gender. Education. State of knowledge. International research.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Modelo de Mapa Conceitual sobre gênero.....	35
Figura 2 –	Exemplo da análise dos teóricos presentes nas pesquisas estudadas.....	40
Figura 3 -	Exemplo de como foi realizada a contagem dos autores.....	40
Figura 4 -	Localização Geográfica das Pesquisas Estudadas.....	42
Figura 5 -	Pirâmide Hierárquica de Gênero numa Sociedade Patriarcal.....	109
Figura 6 –	Interseções entre as categorias Gênero e Educação nas pesquisas estudadas.....	113
Figura 7 –	Exemplo 1 da análise dos teóricos presentes nas pesquisas estudadas.....	122
Figura 8 –	Exemplo 2 da análise dos teóricos presentes nas pesquisas estudadas.....	122
Figura 9 –	Exemplo 3 da análise dos teóricos presentes nas pesquisas estudadas.....	123
Gráfico 1 -	Perspectivas de gênero nos textos pesquisados.....	84
Gráfico 2 -	Perspectivas de gênero: frequência das categorias.....	88
Gráfico 3 -	Perspectivas de gênero: categorias agrupadas por semelhança temática.....	93
Gráfico 4 -	Metodologias utilizadas nas pesquisas estudadas.....	97
Gráfico 5 -	Instrumentos de coleta de dados utilizados nas pesquisas estudadas.....	99
Gráfico 6-	Processos de Análises de Dados Utilizados nas Pesquisas Estudadas.....	102
Gráfico 7-	Educação e Gênero: categorias associadas.....	112

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro de Análise de Metodologias, Instrumentos e Análises de Dados..... 38

Tabela 2 - Seleção de textos originária do Banco dos dados do NETEDU..... 45

Tabela 3 - Categorias e Tipos de Abordagem de Abordagem de Gênero..... 46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UEPB – Universidade do Estado da Paraíba

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

PROPED – Programa de Pós-Graduação em Educação

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SYDNEY – Universidade de Sydney

NETEDU – Núcleo de Etnografia em Educação

COMUT – Sistema de Comutação Gráfica

ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

EUA – Estados Unidos da América

KU – Universidade do Kansas

UK – United Kingdom (Reino Unido)

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

ONU – Organização das Nações Unidas

OISE – Instituto de Estudos em Educação de Ontario

GRPESQ/ CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	**CONSIDERAÇÕES SOBRE O OBJETO DE ESTUDO**	16
1.1	**Gênero e Educação nas pesquisas estudadas: uma retrospectiva sobre a origem deste estudo**	16
1.2	**Primeira pesquisa: "Um estudo etnográfico sobre as ordenações e relações de gênero no ensino fundamental: observação de conselhos de classe"**	20
1.3	**Segunda Pesquisa: A produção do Proped/ UERJ sobre a temática gênero**	22
2	**ABORDAGEM METODOLÓGICA**	28
2.1	**Procedimentos de coleta e análise de dados**	31
2.1.1	Objetivo geral	32
2.1.2	Objetivos Específicos	32
2.2	**Processo da pesquisa**	33
2.3	**Países de origem das pesquisas estudadas**	41
3	**O QUE DIZEM OS ESTUDOS SOBRE GÊNERO NA LITERATURA INTERNACIONAL**	44
3.1	**Tabela/ Linha do tempo de gênero**	46
3.2	**Perspectivas de Gênero**	82
3.3	**Diferenças de Gênero nas Categorias de Análise Derivadas nas Pesquisas Estudadas**	87
4	**METODOLOGIAS UTILIZADAS PELOS TEXTOS DAS PESQUISAS ESTUDADAS**	96
4.1	**Os tipos de metodologias utilizadas pelos textos estudados**	96
4.2	**Tipos de instrumentos utilizados para a coleta de dados pelas pesquisas estudadas**	98

4.3 **Processos de análises de dados utilizados nas pesquisas estudadas** 102

5 **GÊNERO E EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DOS TEXTOS ESTUDADOS** 108

6 **AUTORES MAIS CITADOS NAS PESQUISAS ESTUDADAS** 122

6.1 **Susan Moller Okin** 124

6.2 **Raewyn Connell** 127

6.3 **Madeleine Arnot** 130

6.4 **Bronwyn Davies** 134

6.5 **Pierre Bourdieu** 137

CONSIDERAÇÕES FINAIS 140

REFERÊNCIAS 143

INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é expor a proposta de trabalho de pesquisa que se realizou em torno do debate da questão de gênero. O conceito de gênero adotado neste estudo foi emprestado de Connell. Este trabalho de pesquisa voltou-se para analisar as ordenações de gênero que estão presentes nas pesquisas internacionais. Além disso, tem como fim perceber se essas pesquisas e os dados e resultados que elas possuem e propagam, interferem ou não na aplicação de uma educação que acolha a todos sem discriminações, ou seja, que promova uma educação inclusiva. Entende-se que esse é um tema que deve ser incluído na educação, pois na história do Brasil e do mundo a questão de gênero esteve implícita em muitos debates, principalmente na busca de direitos no movimento feminista, que teve início nos anos de 1960 e 1970.

Dessa maneira, entende-se que a discussão do tema na área da educação é importante, pois compreende-se que a escola apesar de ter se democratizado nos anos de 1990 não alcançou um grau de qualidade desejável (OLIVEIRA, 2008), onde muitos escritos afirmam que ela se tornou uma espaço que inclui ao mesmo tempo que exclui (MARTINS, 1997; DUBET, 2003; GLAT, 2007; MATTOS, 2009), que ela é feita para os marginalizados (SENNA, 2008), que ela é a escola do pobre para o pobre (GUIMARÃES, 1998). Portanto, é possível que se encontre na temática gênero mais uma razão para uma possível colaboração com essa escola que ainda não se tornou ideal.

Para responder os questionamentos propostos, esta pesquisa realizou uma análise de 50 pesquisas internacionais. Todas elas foram provenientes da biblioteca da Universidade de Sydney, na Austrália, a qual a orientadora desta pesquisa teve acesso nos anos de 2009 e 2011. Sendo assim foi possível construir um acervo de mais de 1.000 textos, onde 50 deles foram usados para esta dissertação. A escolha desses textos ocorreu da seguinte maneira, primeiro foram separadas todas as pesquisas que tinham o tema gênero como objeto de estudo. Em seguida, buscou-se aqueles que também estudavam de alguma forma o gênero na educação. Por fim, as produções que possuíam palavras-chaves características aos dois campos de estudo no corpo do trabalho foram selecionadas. Como exemplo dessas palavras

foram: *teacher*, *gender*, *masculinite*, *female*, *school*, *student*, *university*. Assim, foram selecionados os 50 textos para essa análise.

Para realizar esta pesquisa do tipo bibliográfica, a metodologia escolhida foi a que comumente é utilizada para construir apreciações sobre determinado assunto ou área de estudo. Essa é a metodologia que incide na construção de um estudo sobre o estado do conhecimento sobre um determinado tema, no caso deste estudo foram os estudos sobre gênero (ROMANOWSKI, ENS, 2006; FERREIRA, 2002; MESSINA, 1998; SOARES, 1989; BRANDÃO, 1986).

Com essa metodologia examinou-se que tipo de abordagens as pesquisas tem se apoiado e defendido. Analisou-se também que tipo de metodologias, instrumentos de coleta e análises de dados os autores tem utilizado para realizar as suas pesquisas. Investigou-se sobre as relações existentes entre educação e gênero, nos textos estudados. Por fim, destacou-se os autores que foram mais influentes nas pesquisas de gênero. Desta forma a disposição dos capítulos acontece da seguinte maneira.

No primeiro capítulo discute-se quais foram as abordagens de gênero que as pesquisas utilizaram. Procurou-se observar se havia um uso maior de certas abordagens em relação a outras e se isso, de alguma maneira, poderia influenciar na construção de um pensamento reflexivo dos alunos-leitores dessas pesquisas e na produção de novas pesquisas a respeito de gênero.

No segundo capítulo analisa-se as metodologias utilizadas pelos autores das pesquisas estudadas. Observou-se quais as opções metodológicas mais utilizadas. Em consequência dessa análise, investigou-se os instrumentos eleitos para coletar e analisar os dados pesquisados. A hipótese investigada era se essas metodologias interferiam na formação do pensamento sobre gênero abordadas nas pesquisas, ou seja, quais as abordagens de gênero adotadas pelos autores em seus textos.

No terceiro capítulo procurou-se analisar as categorias levantadas que relacionavam as temáticas gênero e educação. Observou-se que ambas tinham muitas relações em comum, que algumas relações eram características do sexo masculino e outras do sexo feminino, porém todas as características tinham categorias que abrangiam um denominador comum a ambos os sexos.

No quarto capítulo enfatizou-se a importância de investigar os autores mais citados pelas pesquisas de gênero. Esses autores em seus escritos mostram as

tendências, debates e argumentos dos pesquisadores estudados em acordo com suas teorias.

Na conclusão serão demonstradas as principais reflexões, preocupações a respeito da temática gênero desta mestranda em relação aos resultados encontrados em seus estudos e aponta sugestões para futuras pesquisas sobre o tema de gênero.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O OBJETO DE ESTUDO

Justifica-se a realização deste estudo, que versa sobre a produção do conhecimento nas pesquisas internacionais sobre gênero, na medida em que este surge no escopo de diferentes estudos empreendidos pela equipe de pesquisa na qual esta mestranda se insere e ainda porque nessas pesquisas verificou-se a necessidade de aprofundamentos em estudos sobre esse tema no contexto da área da Educação. Desta maneira buscou-se compreender os impasses entre os diferentes enfoques, preconceitos e formas de enfrentamento das diferenças e problemáticas nas vivências de gênero. O uso de pesquisas internacionais tornou-se uma consequência da escassez desses estudos no Brasil e do tipo de enfoque dado a esta pesquisa, pois pretende-se através das análises dos estudos realizados abordar a temática de gênero por um enfoque pós-estruturalista ou seja por um enfoque crítico-sócio-antropológico.

1.1 Gênero e Educação nas pesquisas estudadas: uma retrospectiva sobre a origem deste estudo

A questão de gênero esta imbricada no cotidiano escolar, mesmo que de maneira velada. Portanto, alguns educadores e pesquisadores começaram a estudar a questão dentro da escola (SILVA, 1999; BRITO, 2004, 2006; CARVALHO,2001, 2003, 2004a, 2004b; CRUZ, CARVALHO, 2006; CASTRO, 2007; FINCO, 2008, GODINHO, 2006; HENRIQUES, 2002; PICANÇO, 2006; ROSEMBERG, 2001a, 2001b; SOUZA, 2006). O que se observa nesses trabalhos é a tendência em mostrar as diferenças existentes entre meninos e meninas no ambiente escolar, isto é geralmente associada as dicotomias entre: menino e menina, homem e mulher, aluno e aluna, presentes nos estudos de abordagem biológica (abordagem biológica é a perspectiva de gênero adotada por alguns pesquisadores que defende que o gênero é determinado pelo sexo do indivíduo, ou seja, pelo traço biológico que cada ser humano tem). São poucos os estudos que abordam a perspectiva de gênero para além da perspectiva biológica (Estudos além da abordagem biológica são os

estudos que falam sobre a perspectiva pós estruturalista de gênero. Essas pesquisas defendem que o gênero é construído socialmente, pelo meio que o indivíduo convive e se relaciona), posterior ao movimento feminista, ou a partir das abordagens estrutura esta pós-estruturalistas ou até mesmo para além destas, como por exemplo as perspectivas crítico-sócio-antropológicas.

Considerando a história do conhecimento e da aprendizagem dos sujeitos sociais em Senna (2003) é importante ressaltar que a escola espera que chegue a ela como um sujeito cartesiano (DESCARTES, 1637), ou seja, um aluno que pode aprender por si mesmo. Antes do surgimento do sujeito cartesiano as respostas para os questionamentos da humanidade vinham de Deus. Descartes surge com o sujeito cartesiano que rompe essa premissa através da célebre frase “eu penso, logo existo.” Esse indivíduo é aquele que, portanto, rompe com a fé e sua autoridade para dar lugar ao sujeito que tendo as condições adequadas de aprendizagem é capaz de responder os questionamentos a serem feitos. O sujeito cartesiano comparando com os dias de hoje, é aquele aluno que esta pronto para receber o estímulo necessário para o seu desenvolvimento (SENNA, 2006). Espera-se desse aluno, nas aulas ministradas pelo professor, que ele possua níveis de dificuldades que serão superadas gradativamente, e que ele vá se desenvolvendo gradualmente no processo de ensino aprendizagem chegando a um nível satisfatório de aprendizagem previsto pela escola. Descartes propõe que para o desenvolvimento do pensamento cartesiano a prática escolar seja baseada em quatro regras:

> 1)não acolher como verdadeiro o que não conhecesse como tal;
> 2)dividir as dificuldades em quantas parcelas fossem necessárias para poder resolvê-las;
> 3)conduzir os pensamentos por ordem de dificuldade, dos mais simples aos mais complexos; e,
> 4)de fazer enumerações tão completas e gerais que pudesse ter a certeza de nada omitir” (DESCARTES, 1637, p. 38).

Dessa maneira, ao analisar os artigos que discorrem sobre as questões de gênero e escola, pode-se observar que as meninas têm um comportamento mais quieto, tranquilo, que corresponde mais ao comportamento esperado para um sujeito cartesiano. Diferentemente, os meninos apresentam um comportamento oposto, apresentam características como à indisciplina e a bagunça (BRITO, 2006). Porém ao serem analisadas as questões referentes à aprendizagem, ou seja, em relação aos conteúdos ensinados pelos professores, os meninos estão à frente das

meninas. Porém eles acabam sendo considerados os piores, por conta do comportamento e outras questões que envolvem o contexto escolar, como por exemplo, o número de faltas (CARVALHO, 2004a, 2004b; COSTA, 2010).

Assim, percebe-se na escola um ambiente de exclusão em relação aos meninos (COSTA, 2010). Por não corresponderem a um padrão cartesiano de comportamento e desenvolvimento esperado pela escola, os meninos acabam sofrendo discriminações, estereótipos e rotulações que os levam a exclusão. (JODELET, 1999). Dentro desse contexto escolar eles recebem os mais diversos tipos de rótulos como, por exemplo: bagunceiros, inquietos, agitados, desatentos, agressivos, nervosos, difíceis, medianos (BRITO, 2006), o que termina por levá-los a encabeçar a lista de fracassados no sistema escolar. De acordo com Jodelet (1999) esse tipo de exclusão "corresponde a um sentimento de incompatibilidade de interesses coletivos próprios às comunidades" (p.58), ou seja, no momento em que aqueles alunos não correspondem aos interesses da escola que são os interesses coletivos que obedecem à formação progressiva dos alunos, eles sofrem a exclusão, pois de acordo com os padrões predominantes nas escolas os alunos que não estão de acordo com o padrão não podem interromper o desenvolvimento da maioria.

Neste enquadre, os processos que levam a exclusão acentuam-se e consideram-se as relações e ordenações de gênero e a atribuição de estereótipos entre meninos e meninas. Isso confirma que a discriminação de gênero é mais um dos mecanismos de inclusão pela exclusão (BARROSO, 2003; DUBET, 2003; SENNA, 2008; MATTOS, 2009). Como se segue na fala de Senna:

> [...] ainda que potencialmente incluídos na sociedade, os marginalizados continuam a não ser tolerados e têm sua condição perpetuada na atitude social que os toma como sujeitos meramente tutelados, cuja emancipação se compreende como impossível à luz de uma certa condição de alienado estrutural, ou seja, formalmente incapaz de ter comando sobre si próprio. Desse modo, às condutas de exclusão, vieram somar-se condutas de banimento, estas sutilmente organizadas para atestar e reiterar a natureza alienada dos sujeitos historicamente marginais. O fracasso escolar é produto, ao mesmo tempo, de uma vocação social para a exclusão e de um sem-número de mecanismos de banimento que reforçam a condição alienada dos sujeitos marginais, interditando-lhes a possibilidade de serem sujeitos na esfera pública (SENNA, 2008, p. 198-199).

Nas relações de gênero, pode-se enfatizar que a conjuntura atual da formação dos professores pode colaborar para esse processo discriminatório. De acordo com Glat e Nogueira (2002) formar o professor numa concepção clássica,

esperando uma posição estática do aluno no processo de ensino-aprendizagem é o mesmo que não preparar o professor para lidar com as mais diversas situações existentes dentro do ambiente escolar, promovendo-se assim uma educação exclusiva ao invés de inclusiva (p.2).

De acordo com estudos realizados na área de educação inclusiva (GLAT, NOGUEIRA , 2002; GLAT, 2007) espera-se que no mínimo dentro das escolas se encontrem dois tipos de professores, um generalista e um especialista. O generalista como a própria nomenclatura indica, ele estará voltado para as questões mais gerais da escola e da sala de aula. De acordo com Bueno (1993, 2001) esse professor trabalha nas salas de aula regulares e tem prática e conhecimento sobre a diversidade dos seus alunos. Esse por sua vez estará envolvido com as questões mais densas que envolvem o ambiente escolar. No caso da inclusão/ exclusão ele estará auxiliando, dando suporte para que o professor generalista possa estar suprindo as necessidades educacionais especiais encontradas que aparecerem dentro da sala de aula (GLAT, 2007). Deve-se lembrar que esse professor especialista não é apenas uma pessoa envolvida com patologias como autismo, síndrome de down, altas habilidades ele é um especialista em auxiliar na dificuldade do processo de ensino-aprendizagem, seja ela qual for.

Dessa forma, entende-se que os estudos de gênero se tornam necessários à medida que as diferenças sexuais mais perceptíveis passam a ser consideradas no tratamento e avaliação dada aos alunos (BRAGANÇA, MATTOS, 2009). Assim, a questão de gênero observada na perspectiva biológica suscita um posicionamento exclusivo em relação aos meninos, enquanto a perspectiva pós-estruturalista discute essa questão ligada à Educação. Além disso, pode-se perceber que apesar dos meninos sofrerem maior exclusão na escola do que as meninas, eles ainda continuam exercendo maior poder sobre elas na vida adulta, a sociedade de um modo geral ainda é patriarcal. Os homens, mais que as mulheres, ocupam os cargos políticos, econômicos e sociais mais altos. Nesse contexto, entende-se que também é preciso fazer maiores investigações sobre que escola é essa que exclui os meninos. É preciso pesquisar e estudar esse tipo de escola, o que se tem ensinado nessas escolas que apesar de discriminarem o comportamento dos meninos forma um cidadão com um comportamento patriarcal. Os estudos discriminados a seguir refletem sobre essa questão.

1.2 Primeira pesquisa: “Um estudo etnográfico sobre as ordenações e relações de gênero no ensino fundamental: observação de conselhos de classe”

A primeira pesquisa realizada foi no ano de 2010 com o título “Um estudo etnográfico sobre as ordenações e relações de gênero no ensino fundamental: observação de conselhos de classe” (COSTA, 2010). Nesta pesquisa foram utilizados vídeos de Conselhos de Classe de pesquisas anteriormente realizadas pelo grupo de pesquisa Etnografia e Exclusão em Educação (GRPESQ/ CNPq), que se insere no Núcleo de Etnografia em Educação (Netedu/ UERJ). Para este trabalho foram analisados vídeos de 4 pesquisas anteriores, mais precisamente, foram pesquisas realizadas no ano de 1993, 2004, 2006 e 2010. Esses vídeos, a princípio, foram coletados para outra finalidade, porém com os dados em mãos pode-se fazer uso deles novamente para realizar as análises sobre gênero. Utilizando-se assim da vantagem de adotar as novas tecnologias, como a câmera digital, a filmadora e o gravador de áudio, na pesquisa etnográfica. De acordo com Mattos (2008), quando esses instrumentos são agregados a pesquisa eles permitem que o pesquisador ganhe olhares mais atentos e ampliados, que são os dos recursos, tornando assim o que antes poderia passar despercebido ou que era invisível tornar-se visível.

> A prática pedagógica da sala de aula que resulta em sucesso ou fracasso de alunos e alunas é dividida por uma linha muito ‘tênue’, e o olho humano muitas vezes nos trai, daí a necessidade de outros instrumentos de registros para ampliá-lo. (MATTOS, 2008, p. 2).

Portanto, por causa do uso dessas ferramentas (câmera digital, filmadora, gravadores etc.) nas pesquisas foi possível reconsiderar os mesmos vídeos para analisar e investigar outros parâmetros passíveis de importância para uma nova observação. Dessa maneira, foi realizada uma pesquisa recursiva (MATTOS, CASTRO, 2010) com um olhar voltado para as interações de gênero existentes nos vídeos de 4 anos diferentes de pesquisas onde foram observados os conselhos de classe.

Essa pesquisa analisou os Conselhos de Classe, mais precisamente os momentos que os professores e professoras falavam sobre os seus alunos. Foram captados os minutos e segundos que os docentes falavam sobre as alunas e os

alunos e a primeira constatação significativa foi que eles falavam mais dos alunos do que das alunas.

Em seguida, procurou-se investigar a natureza dessas apreciações, dividindo-as em positivas, negativas e ao mesmo tempo, positivas e negativas por sexo. Primeiro dos alunos e segundo das alunas. O resultado obtido foi que eles recebiam mais apreciações negativas do que elas, enquanto que elas recebiam mais apreciações positivas do que eles. Calculou-se a porcentagem encima do total dessas apreciações dos conselhos de classe, chegando aos seguintes números as apreciações negativas recebidas por eles foram cerca de 73%, as apreciações negativas e positivas deles foram de 18% e por último, alguns alunos do sexo masculino, tinham algumas apreciações positivas, somando um total de 9% de elogios. Já as alunas também tiveram mais apreciações negativas, com um total de 46%, as apreciações negativas e positivas foram de 32% e as positivas foram de 22%.

O último passo na análise desses dados foi considerar o tipo de conteúdo dessas apreciações. Foi analisada cada fala, cada avaliação realizada por cada professor a respeito dos alunos e das alunas e constatou-se algumas considerações significativas foram elas: 1) os meninos são mais citados e recebem mais apreciações negativas por conta do seu comportamento, da indisciplina, das faltas e não por causa da sua dificuldade de aprendizagem ou da nota ou conceito que receberam; 2) as alunas foram menos citadas, porém receberam mais avaliações negativas por conta das dificuldades de aprendizagem, da aquisição do conteúdo e das notas baixas que receberam.

Elas receberam mais apreciações positivas do que os alunos, porque possuem um comportamento oposto ao deles. Elas se apresentaram mais submissas, recatadas, pouco falantes e participativas nas aulas. Assumindo, portanto, o comportamento esperado por esses professores e professoras. Já eles demonstram um comportamento agitado, agressivo, inconstante e indisciplinado, o que gerava nos educadores uma certa revolta e como consequência eles procuravam prejudicar e punir de alguma forma aqueles alunos tidos como bagunceiros e “impossíveis”.

O mais interessante dessa análise é que apesar da maioria dos meninos ter recebido o estigma de que “todo menino é bagunceiro”, “os meninos são péssimos” eram os alunos do sexo masculino que eram considerados como os melhores

alunos, os excelentes quando recebiam apreciações positivas. Portanto, a sua apreciação variava de um extremo ao outro, ou eles eram excelentes, fenomenais ou eles eram péssimos, terríveis. Enquanto que as meninas encontravam-se na média, ou seja, não eram tão boas em conteúdo, nem eram bagunceiras ou indisciplinadas.

O que se constatou dessa pesquisa é que os meninos assumiam aquele tipo de comportamento como uma forma de chamar atenção e de reagir contra aquele modelo de escola e de sala de aula. Escola essa que muitas vezes não capacita verdadeiramente para o futuro fora dela. Já as meninas, adaptavam-se mais a esse modelo escolar e, portanto, não questionavam e nem tentavam transgredir a ordem.

> Portanto, o fato de serem avaliados com notas mais baixas reprovações, dentre outras características negativas não sugere que eles sejam “os piores” ao contrário, talvez por isso mesmo eles sejam “melhores” que as meninas, que agem passivamente em relação ao “tipo” de aula que recebem de modo a obter “boas” menções (COSTA, 2010, p. 38)

Dessa forma, esse estudo concluiu sobre a necessidade de se discutir de maneira mais abrangente a temática de gênero nas escolas de modo a minimizar seus efeitos nas discussões do conselho de classe. É claro que não se pode generalizar os dados constatados desse estudo, porém eles mostram uma realidade da sala de aula significativas das diferentes percepções de gênero. A escola como espaço de socialização pode contribuir para a formação de valores podem acentuar as diferenças de gênero ou permitir que essas diferenças sejam reduzidas ou que sejam minimizados os seus efeitos discriminatórios.

Portanto, esse estudo ressaltou a importância de novas pesquisas de gênero sobre a realidade escolar e a necessidade de ampliação do debate sobre gênero nas salas de aula. Esse debate precisa ser realizado de maneira sutil, ou seja, não sendo algo imposto ou que invada os conceitos familiares, mas sim procurando ressaltar nos alunos a necessidade de se viver um com o outro de maneira respeitável, sem preconceito e de forma democrática (FINCO, 2008).

1.3 Segunda Pesquisa: A produção do Proped/ UERJ sobre a temática gênero

A segunda pesquisa foi realizada no ano de 2011 com o intuito de investigar como andam as pesquisas que tem como assunto principal a questão de gênero. A proposta foi analisar o Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) o qual a autora desta dissertação esta inserida.

A primeira intenção da pesquisa foi observar se o PROPED estava realizando pesquisas que envolviam a temática. Visto que PROPED é um programa reconhecido nacionalmente pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Dessa forma, as pesquisas realizadas no PROPED são observadas pelos pesquisadores da área educacional como pesquisas reconhecidamente de relevância social e acadêmica.

A segunda proposta foi verificar o conteúdo dessas pesquisas, ou seja, de que maneira os pesquisadores e pesquisadoras estariam trabalhando, fazendo questionamentos e sustentando seus argumentos nos trabalhos. Quais os temas nos quais as pesquisas estariam mais focadas em que temas relacionados aos estudos de gênero? Quais as abordagens sobre gênero adotadas nesse estudo?

A coleta das pesquisas foi realizada no próprio site, onde lá se encontram todas as pesquisas já realizadas por mestres e doutores, desde a fundação do Programa, que foi no ano de 1979. A procura dos trabalhos foi feita com o lançamento da palavra-chave “gênero”, no buscador do site. Dessa maneira, foram encontradas 14 dissertações e apenas 1 tese, porém uma dessas dissertações estava com erro e não foi possível abri-la, então só puderam ser utilizadas 13 dissertações para a análise.

Ao ponderar o conteúdo proposto de cada dissertação constatou-se que as pesquisas utilizavam a palavra gênero para referir-se a outra questão que não a proposta de análise desta dissertação. As pesquisas tratavam da palavra gênero para referir-se a “gênero do discurso”, “gênero musical”, “gênero literário” e “gênero político.” Portanto essas pesquisas utilizavam-se da palavra num sentido gramatical, no seu sentido literal e não num sentido sintático, ou seja, envolvendo um contexto específico. Dessa maneira, reduziu-se o número de 14 produções, para 9 produções. Como já foi relatado anteriormente, uma dessas dissertações não abria, porém ao ler o resumo dela dava-se a entender que ela coincidia com o foco que se deu a essa pesquisa sobre o tema gênero. Portanto, a princípio tinham 13 pesquisas sobre gênero, porém apenas 8 delas referiam-se a proposta de análise. A única tese

de doutorado que apareceu com a palavra gênero não estava relacionada com a proposta de analisar as interações de gênero no sentido das masculinidades/ feminilidades, papeis sexuais, discriminação/ equidade de gênero, dominação masculina etc.

Essas 8 pesquisas foram analisadas com a ajuda do mapa conceitual, que consiste em um método de estudo criado por Joseph Novak nos anos 1970 onde cria-se uma rede, uma estrutura lógica de esquemas onde estarão inseridos os conceitos, as ideias, os textos, enfim todos os dados, todo o material no qual propõe-se estudar. Nesse método de análise de dados se faz um mapeamento dos principais conceitos e a partir deles são feitas as relações entre esses conceitos, palavras, ideias, sugestões, pressupostos etc., são elaborados diagramas onde será possível observar de maneira mais simples e visual, aquela linguagem escrita nas pesquisas (NOVAK, GOWIN,1984,1999; LIMA,2004;TAVARES,2007).

As 8 pesquisas foram analisadas dessa maneira, foram trabalhos realizados nos anos de 1993, 1994, 1998, 2004, 2006, 2007, 2008 e 2011. As dissertações foram “Causas do desânimo e abandono dos professores das séries iniciais do ensino fundamental – representação social” (CAMPOS, 1993), “Trabalho docente: vocação para o magistério, qualificação para o trabalho e relações de gênero – as falas de professoras das primeiras séries do ensino fundamental” (PEREIRA, 1994), “Prostituição e sexualidade: uma questão que envolve as meninas de rua?” (RIBEIRO, 1998), “Análise experimental dos efeitos do design do mobiliário escolar (assento tradicional e bola de sentar) no desempenho em leitora oral posto de trabalho informatizado” (LING, 2004), “Diferença e identidade: um recorte da experiência curricular do Colégio Santo Inácio do Rio de Janeiro a partir da década de 70” (SILVA, 2006), “Memórias bordadas nos cotidianos e nos currículos” (CHAGAS, 2007), “A produção do saber nas pesquisas sobre o fracasso escolar (1996-2007)” (BRAGANÇA, 2008), “O currículo na formação de professores em questões de gênero” (CASTRO, 2011).

Todas as 8 dissertações trataram do tema gênero e educação de maneira que contribuiu para novas e futuras análises. Elas fizeram levantamentos importantes e significativos para gerar possíveis aplicações e debates na educação brasileira, com o fim de reduzir as diferenças de gênero. Porém, apenas uma delas tratou o gênero de maneira mais contemporânea, ou seja, da maneira pós-estruturalista, acreditando que o mesmo é construído a partir das relações sociais e que esse se forma pelo

envolvimento da pessoa com a sua cultura, com o meio em que habita (CONNELL, 1994, 2005; SCOOTT, 1995). A única dissertação que tratou gênero de maneira mais completa foi o último trabalho realizado, do ano de 2011 a pesquisa “O currículo na formação de professores em questões de gênero” (CASTRO, 2011).

As dissertações dos anos de 2007 e 2008, as pesquisas “Memórias bordadas nos cotidianos e nos currículos” (CHAGAS, 2007) e “A produção do saber nas pesquisas sobre o fracasso escolar (1996-2007)” (BRAGANÇA, 2008) até mencionaram as questões de gênero pelo viés pós-estruturalista. Entretanto no momento de finalizar as suas conclusões e sustentar a sua tese optaram por fazer uma análise que se sustentasse na paridade homem X mulher, ou seja, pelo viés dualista, essencialista (ARÁUJO, 2005).

As outras dissertações dos anos de 1993, 1994, 1998, 2004, 2006 “Causas do desânimo e abandono dos professores das séries iniciais do ensino fundamental – representação social” (CAMPOS, 1993), “Trabalho docente: vocação para o magistério, qualificação para o trabalho e relações de gênero – as falas de professoras das primeiras séries do ensino fundamental” (PEREIRA, 1994), “Prostituição e sexualidade: uma questão que envolve as meninas de rua?” (RIBEIRO, 1998), “Análise experimental dos efeitos do design do mobiliário escolar (assento tradicional e bola de sentar) no desempenho em leitora oral posto de trabalho informatizado” (LING, 2004), “Diferença e identidade: um recorte da experiência curricular do Colégio Santo Inácio do Rio de Janeiro a partir da década de 1970” (SILVA, 2006). As mais antigas produções, não se arriscaram em se aventurar pela perspectiva culturalista. Focaram-se apenas em realizar análises que ressaltavam e mostravam as diferenças sexuais entre homens e mulheres, os problemas que isso acarretava para um e para outro. Em alguns casos, pode-se até afirmar que as pesquisas tinham um viés mais sexista, mais de defesa das mulheres como nas pesquisas de 1994 e 1998 que mantiveram as suas análises sobre o sexo feminino.

A pesquisa de 1994 focou as dificuldades, a formação e o trabalho que as docentes tinham para ingressar e manter-se no magistério. Já a pesquisa de 1998 também focou a sua análise na fala das meninas de rua, como elas chegaram a essa vida, o que as levou a aflorar a sexualidade e as levar a uma vida na prostituição, quais oportunidades elas gostariam de ter tido ou quais oportunidades elas acreditam que se tivessem obtido teriam tido um futuro diferente. Nessas duas

dissertações as pesquisadoras apenas consideraram o posicionamento, apenas a fala delas, ou seja, apenas o que as mulheres tinham para contribuir para tal questão. É claro que ambas as pesquisas mostraram os lados frágeis da nossa sociedade que essas mulheres tem sofrido e vivido. Dessa maneira elas salientaram que há necessidade de se ter mais atenção por parte das autoridades interessadas em resolver essa questão, por parte do governo, da escola, da família, ou seja, as partes que envolvem a socialização de uma pessoa.

Entretanto, uma análise de gênero que se propõe a buscar uma igualdade, o fim das diferenças sexuais, da discriminação, do preconceito e o início de uma nova geração onde se respeite o outro e aprenda a conviver com as diferenças torna-se necessário fazer pesquisas explorem a igualdade de gênero. Porém fazer esse tipo pesquisa não significa fazer uma análise onde irá apenas relatar as diferenças de gênero, mas fazer uma apreciação que considere esta questão observando, relacionando ideias, conceitos, semelhanças e diferenças entre conceitos, enfim considerando, não apenas as dicotomias entre o sexo feminino e masculino, mas as diferentes possibilidades e interações de gênero e suas particularidades.

Quando se trata da igualdade de gênero, não se deve fixar em um determinado comportamento guiado pelo sexo. Por exemplo, ser uma pessoa meiga é um traço de feminilidade. Numa abordagem pós-estruturalista, considera-se o que o comportamento meigo não esta associado a uma específica forma de interação de gênero, pois esse traço de identidade depende das circunstâncias sociais que essa pessoa vive. Enquanto o comportamento (ser meigo), na abordagem biológica, torna-se uma característica das mulheres.

Essa pesquisa salientou a necessidade de serem realizadas mais pesquisas que abordem a temática de interações igualitárias gênero como foco principal. Além disso, ressaltou a necessidade de se ampliar o olhar de gênero numa perspectiva para além da visão biológica/ binária/ dualista, isto é para uma visão critico-social-antropológica. Não se quer aqui dizer que esta é a perspectiva mais correta, mas sim que essa pesquisa mostrou que há mais trabalhos que tratam do gênero na perspectiva biológica e sexista, assim como poucas produções pelo viés pós-estruturalista ou crítica-sócial-antropológica. Dessa maneira, constata-se a necessidade de serem realizadas mais pesquisas de gênero e mais pesquisas de gênero sob a perspectiva mais contemporânea. Assim:

> é possível concluir, com as últimas dissertações analisadas, que o PROPED nos termos de gênero e educação tem progredido, mas de forma bem lenta. As primeiras pesquisas mostram uma preocupação com a mulher, a luta para que a mulher alcance o seu espaço, a tão sonhada equidade, a luta contra a sociedade patriarcal e machista. Em seguida numa perspectiva biológica e por fim, a mais recente dissertação já tratava do conceito mais recente. É possível ver o pouco avanço, mas estudar mais o assunto torna-se algo necessário, para entender melhor as influências do mesmo no processo educacional (COSTA, 2011, p. 7).

Ao analisar a questão de gênero na área da educação no Brasil, a partir da amostra do Proped, pode-se observar a necessidade de estudos mais aprofundados, mais complexos que possibilitem novas conclusões lutando rumo a igualdade de gênero. Dessa maneira, este estudo se propõe a analisar o gênero a partir de pesquisas internacionais e observar como ele vem sendo trabalhado para assim formar uma base de achados para futuras pesquisas.

2 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Esta é uma pesquisa bibliográfica, onde analisou-se artigos de revistas, jornais e livros que versavam sobre o tema gênero e que se encontravam disponíveis na biblioteca virtual da Universidade de Sydney. Foi possível ter acesso a essa biblioteca, pois a senha foi disponibilizada ao Núcleo de Etnografia em Educação (NetEdu) através do Convênio que a professora e coordenadora do grupo realizou com a Universidade de Sydney em seu estágio de pós-doutorado e posterior visita de um professor desta instituição ao Proped no ano de 2011.

Diante desse contexto a metodologia escolhida para analisar as questões que permeiam a temática do estudo é a que vem sendo usada quando se quer construir levantamentos sobre determinada área ou tema; quando se quer apreciar o que se tem produzido sobre determinado assunto ou questão, é a metodologia que consiste na construção do estado do conhecimento de um determinado tema. (ROMANOWSKI, ENS, 2006; FERREIRA, 2002; MESSINA, 1998; SOARES, 1989; BRANDÃO, 1986).

De acordo com Ferreira (2002), nos últimos 15 anos tem sido produzidos uma gama de estudos e pesquisas denominadas como estado do conhecimento. Essas mesmas pesquisas de caráter bibliográfico têm como objetivo central a investigação de produções científicas, como artigos, periódicos, dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em anais de congressos, seminários, fóruns entre outras publicações. Essa investigação desses documentos tem como fim um mapeamento do que se tem compreendido sobre determinada área do conhecimento, em determinado tempo histórico, em determinado meio social, ou seja, em que condições vêm sendo produzidas as publicações, querendo responder o que, sobre quem, o que se tem destacado e privilegiado nesses trabalhos, etc.

> Os objetivos favorecem compreender como se dá a produção do conhecimento em uma determinada área de conhecimento em teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos de periódicos e publicações. Essas análises possibilitam examinar as ênfases e temas abordados nas pesquisas; os referenciais teóricos que subsidiaram as investigações; a relação entre o pesquisador e a prática pedagógica; as sugestões e proposições apresentadas pelos pesquisadores; as contribuições da pesquisa para mudança e inovações da prática pedagógica; a contribuição dos professores/pesquisadores na definição das tendências do campo de formação de professores. (ROMANOWSKI, ENS, 2006, p.39)

Pesquisas desse tipo têm encontrado respaldo por apresentarem a sua importância não só para o meio acadêmico, mas para a comunidade em geral, quando a mesma enxerga a universidade como prestadora de serviços. (CHAUÍ, 1999).

No meio acadêmico, de acordo com Messina (1998) uma pesquisa do tipo que se elegeu para esta dissertação permite que a produção do conhecimento continue caminhando, pois ajuda a perceber e reavaliar discursos que ao serem avaliados de maneira rápida e corriqueira foram considerados descontínuos, contraditórios, incoerentes, insipientes. Além disso, ela afirma que esse tipo de pesquisa colabora ainda para uma intervenção na prática e na teoria de uma área de conhecimento (p.1). Na mesma linha de concordância com a professora Messina (1998), a professora Magda Soares (1989), depois de realizar um estado do conhecimento sobre a alfabetização no Brasil, justifica a importância do seu trabalho como significativo para a evolução da ciência. Para ela, o valor desse trabalho se explica pela possibilidade de ordenação periódica das informações e resultados que foram obtidos através das pesquisas. Essa ordenação permite a conexão de perspectivas, a percepção de duplicações ou contradições e a identificação de lacunas e vieses presentes nos trabalhos, para que assim possam ser investigadas melhor (p.3).

Esse tipo de pesquisa, também encontra respaldo e incentivo da sociedade em geral, quando a mesma enxerga a universidade como uma prestadora de serviços, ou seja, não a vê mais como uma instituição social e sim como uma organização social (CHAUÍ, 1999). Por isso, ao encontrar uma pesquisa que sintetiza e apresenta uma avaliação do que vem sendo estudado nessas instituições de ensino superior, em um curto espaço de tempo e com uma certa legitimidade, a universidade demonstra a sua qualidade e eficácia à sociedade, sendo assim considerada um lugar de prestígio onde deve-se buscar estudar.

> A ‘qualidade’ é definida como competência e excelência, cujo critério é o ‘atendimento às necessidades de modernização da economia e desenvolvimento social’; e é medida pela produtividade, orientada por três critérios: quanto uma universidade produz, em quanto tempo produz e qual o custo do que produz. Em outras palavras, os critérios da produtividade são quantidade, tempo e custo, que definirão os contratos de gestão. Observa-se que a pergunta pela produtividade não indaga: o que se produz, como se

> produz, para que ou para quem se produz, mas opera uma inversão tipicamente ideológica da qualidade em quantidade (CHAUÍ, 1999, p.6).

Nesse contexto, entende-se que o pesquisador que se propõe a fazer uma pesquisa com esse tipo de metodologia precisa estar ciente que um trabalho como esse é algo limitado. E que se estiver sofrendo pressão da sociedade para realizar um trabalho significativo em um curto espaço de tempo pode acabar realizando uma análise superficial do material. Alguns autores (ROMANOWSKI, ENS, 2006; FERREIRA, 2002; ANDRÉ, 2001) apresentam algumas dificuldades que esse tipo de trabalho pode apresentar, entre eles estão: as dificuldades para acessar as pesquisas, as limitações que os resumos apresentam e as consultas aos catálogos por causa dos títulos das produções.

Dessas dificuldades, o problema para acessar as pesquisas esta vinculada ao local restrito que elas se encontram, geralmente as produções ficam restritas em CDs de congressos, em páginas da internet dos programas dos cursos de pós-graduação e a possibilidade de acesso se limita ao sistema de Comutação Bibliográfica (COMUT). Esse sistema por sua vez, não consegue alcançar toda a territorialidade brasileira (ROMANOWSKI, ENS, 2006). Quando se decide fazer uma pesquisa desse tipo, muitos pesquisadores escolhem apenas avaliar os resumos, porém os mesmos mostram apenas uma noção rápida e objetiva do trabalho, então dessa maneira podem levar o pesquisador a tirar conclusões inapropriadas sobre o trabalho ou assunto, pode confundir, pode esconder algum dado relevante etc. Dessa maneira, a pessoa não descreve a história de determinada área da pesquisa apenas lendo resumos, pois muitos podem ser incompletos, pouco claros nos objetivos, muito sucintos, confusos, não revelam a metodologia utilizada, etc. (ANDRÉ, 2001; FERREIRA, 2002; ROMANOWSKI, ENS, 2006).

> é ilusório pensar que, se tomar apenas os resumos encontrados no CD-ROM da ANPED, o pesquisador estará escrevendo a História da produção acadêmica da Educação sobre determinada área, no país. Ele estará, quando muito, escrevendo **uma das possíveis** Histórias, construída a partir da leitura desses resumos (FERREIRA, 2002, p.69 – grifo do autor).

Por fim, outra dificuldade apresentada nesse tipo de trabalho é no momento de pesquisar as produções bibliográficas nos catálogos. Essa dificuldade aparece porque muitos títulos de produções não apresentam no seu conteúdo o que realmente queriam dizer, ou confundem termos, ou não indicam o tema da pesquisa,

ou usam um termo erroneamente etc. (FERREIRA, 2002; ROMANOWSKI, ENS, 2006).

Entendidas essas dificuldades do trabalho que se intitula “estado do conhecimento” é preciso realizar alguns procedimentos antes de iniciar a pesquisa para que ela não se torne limitada ou superficial. Dessa maneira Romanowski (2002) sinaliza uma lista desses procedimentos que necessitam ser seguidos para que possa ser realizada uma pesquisa com essa proposta:

> 1)definição dos descritores para direcionar as buscas a serem realizadas;
> 2)localização dos bancos de pesquisas, teses e dissertações, catálogos e acervos de bibliotecas, biblioteca eletrônica que possam proporcionar acesso a coleções de periódicos, assim como aos textos completos dos artigos;
> 3)estabelecimento de critérios para a seleção do material que compõe o *corpus* do estado da arte;
> 4)levantamento de teses e dissertações catalogadas;
> 5)coleta do material de pesquisa, selecionado junto às bibliotecas de sistema COMUT ou disponibilizados eletronicamente;
> 6)leitura das publicações com elaboração de síntese preliminar, considerando o tema, os objetivos, as problemáticas, metodologias, conclusões, e a relação entre o pesquisador e a área;
> 7)organização do relatório do estudo compondo a sistematização das sínteses, identificando as tendências dos temas abordados e as relações indicadas nas teses e dissertações;
> 8)análise e elaboração das conclusões preliminares.” (ROMANOWSKI, 2002, p. 15-16).

Para concluir, um estudo sobre o estado do conhecimento não é algo fácil de ser realizado. Como foi possível ver, existem inúmeras dificuldades que perpassam o percurso que estão desde o acesso até o conteúdo das produções, porém não é algo impossível de ser feito. Sendo possível o acesso ao banco de dados a análise das pesquisas deve ser feita minuciosamente para que o trabalho se torne algo de valor. O pesquisador que se propõe a um trabalho desse não estará fazendo uma síntese de toda a educação brasileira, ou toda a história da educação brasileira, ou qualquer que seja o tema, estará apenas estudando um fragmento importante do assunto, que deve ser investigado, que deve ser entendido sobre a sua evolução, sobre o que se tem falado a respeito.

2.1 Procedimentos de coleta e análise de dados

A fim de seguir os procedimentos que Romanowski (2002) infere para a efetivação de um trabalho do tipo “estado do conhecimento”, nesta pesquisa foram elaborados os seguintes objetivos.

2.1.1 Objetivo geral

O objetivo geral desse trabalho foi estudar gênero enquanto uma categoria de estudo nas pesquisas internacionais de língua inglesa de modo a compreender o desenvolvimento do conceito e as argumentações relacionadas ao tema de gênero nesses estudos.

2.1.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos foram:

- Selecionar, analisar e construir mapas conceituais de cinquenta artigos científicos de uma bibliografia internacional de língua inglesa originária do Banco de Dados do Netedu (2009-2011).
- Identificar e elencar numa perspectiva histórica os conceitos mais freqüentes e como estes se interconectam em termos teóricos e epistemológicos e em termos da relevância e influência no desenvolvimento dos artigos pesquisados. Possibilitando assim a confecção de uma linha do tempo a respeito do gênero, considerando a última década.
- Levantar, identificar e analisar as principais questões que orientaram o objeto de estudo eleito pelos autores dos textos pesquisados de modo a identificar o papel da teoria e da metodologia presente no texto.
- Perceber de que modo os artigos sobre gênero envolvem a área de educação.

- Elencar os cinco principais autores mais citados nos cinqüenta textos. Mostrando os seus pontos de vista a respeito do tema gênero, as suas contribuições dos seus principais livros e abordando um pouco da sua trajetória acadêmica.

Dentro desse escopo serão descritos os passos para o desenvolvimento da pesquisa.

2.2 Processo da pesquisa

De acordo com o primeiro, o segundo e quinto item da lista de procedimento para a realização de uma pesquisa que busca conhecer a produção de um determinado tema é, respectivamente — “definição dos descritores para direcionar as buscas a serem realizadas” e “localização dos bancos de pesquisas, teses e dissertações, catálogos e acervos de bibliotecas, biblioteca eletrônica (...)” e “coleta do material de pesquisa, selecionado junto às bibliotecas de sistema COMUT ou disponibilizados eletronicamente” (ROMANOWSKI, 2002, p. 15-16) foram realizados no ano de 2009 com o grupo de pesquisa Núcleo de Etnografia e Educação (NetEdu). Esse mesmo grupo de pesquisa havia iniciado em 2008 a pesquisa, — Fracasso Escolar no Brasil: gênero e educação (MATTOS, 2008, 2010) — e precisava reunir um grande número de publicações que abordassem o tema gênero ligado a escola. Dessa maneira, foi realizada uma busca de arquivos nacionais em periódicos online em sites como —Scielo Brasil e —Google Acadêmico e também uma busca internacional. Essa busca de arquivos internacionais foi possível, pois a coordenadora do grupo, Carmen de Mattos, no ano de 2009 obteve acesso a biblioteca da Universidade de Sydney depois de realizar o seu pós-doutorado com a professora Raewen Connell. Dessa forma, a busca desse material tanto nacional quanto internacional foi realizada nos catálogos pela busca da palavra-chave —*gênero* ou —*gender* no caso dos catálogos internacionais. Nessa coleta de material foi construído um acervo de cerca de 1000 textos internacionais e 300 textos nacionais.

Diante da grande diferença de produções encontradas internacionalmente comparadas com a produção nacional, esta pesquisa voltou-se exclusivamente para a produção internacional. Primeiramente, porque grande parte da produção nacional foi analisada para o projeto de pesquisa "Fracasso Escolar no Brasil: gênero e pobreza" (MATTOS, 2008,2010) e demais trabalhos desenvolvidos pelo grupo. Já a produção internacional, como a quantidade era três vezes maior que a nacional a mesma ficou quase que intacta. Dessa maneira, entende-se que a mesma sendo maior há mais discussão no meio acadêmico sobre o tema e possivelmente maiores contribuições para a realidade brasileira. Assim, este projeto de pesquisa visa analisar e mapear 50 textos dessa vasta bibliografia internacional.

Seguindo os procedimentos da lista o item três, — "estabelecimento de critérios para a seleção do material que compõe o *corpus* do estado da arte" — e o quatro — "levantamento de teses e dissertações catalogadas" , também foram concluídos logo no início da pesquisa. Os 50 textos para compor este estado da arte foram selecionados da seguinte maneira. Primeiro foram escolhidos aqueles textos que tinham o tema gênero como assunto central. Em segundo foram separados aquelas pesquisas cuja discussão englobava a educação dentro da proposta de gênero. Para isso, aqueles escritos que possuíam no título ou no corpo do texto a palavra gênero e educação foram selecionados. Os textos que continham as palavras em inglês *gender*, *education*, *university*, *classroom*, *student*, *school*, *colege*, respectivamente gênero, educação, universidade, sala de aula, aluno (a), escola, colégio foram separados. Além disso, foram escolhidos apenas artigos científicos ficaram de fora resumos, dissertações e teses. Os resumos não entraram por apresentarem as suas limitações a respeito do conteúdo. Já as dissertações e teses por serem consideradas muito extensas não entraram nessa seleção, pois o tempo disposto para a realização da pesquisa é apenas de 2 anos. Dessa maneira aleatória, pode-se chegar ao total de textos utilizados para a análise desta pesquisa.

Em seguida a pesquisa partiu para o que esta descrito no quinto item da lista a "leitura das publicações com elaboração de síntese preliminar (...)". Essa leitura inicial teve como objetivo a elaboração de mapas conceituais de cada texto. Esse mapa conceitual foi composto pela referência, um pequeno resumo do texto, a metodologia utilizada pelo autor ou autores e o referencial teórico usado pelos mesmos, destacando aqui fragmentos dos escritos dos autores que foram empregados para embasar o texto. Também foi destacado como o tema gênero foi

abordado no texto, que perspectiva o autor tem sobre o gênero e as relações de gênero. Por fim, houve um destaque de possíveis outras leituras que possam contribuir para esse ou outros escritos e o país que a pesquisa daquele artigo foi realizada. Para exemplificar segue o modelo de mapa conceitual utilizado, segue-se abaixo um modelo de mapa realizado

Figura 1 – Modelo de Mapa Conceitual sobre gênero

Mapa conceitual sobre Gênero				
Referência : CONNELL, R.W. A sober anarchism. **Sociological Theory**, vol. 10, n.1, 1992.				
Resumo do texto e citações diretas	**Metodologia e questões do estudo**	**Teóricos Utilizados e pq foram usados?**	**Como o tema gênero é abordado nesse texto?**	**Quais os temas que mais foram relacionados a educação-gênero?**
➔ Esse é um texto que vai analisar 4 concepções centrais das obras da escritora e socióloga Dorothy Smith. Além disso, vai estudar as suas sugestões para métodos e refletir sobre seus projetos políticos. Em seu texto ela fala sobre uma sociologia para mulheres. ➔ Os sociólogos tendem a ver o mundo como problemático e a sociologia feminina não foge disto, de ser um poblema para eles. A questão de gênero também tem sido vista como uma coisa errada para a sociologia. Isso ocorre porque a sociologia é patriarcal e geralmente exclui o ponto de vista feminino. O trabalho dela, envolve uma síntese original da sociologia do conhecimento, etnometodologia , semiótica política, economia e prática feminina. ➔ Um dos pontos chaves do trabalho dela é perceber que sua profissão é conivente com a estrutura de poder que se porpõe analisar. Os sociólogos são coniventes às estruturas de poder do estado como escolas, fábricas, hospitais, etc. ➔ Ela cita Durkheim e Parson como exemplo de uma sociologia que passa por um processo de abstração, de apagar o real. Esse processo de abstração é o modo de funcionamento do aparalho dominante da sociedade, ela fala ainda que isso seria uma epistemologia do poder. ➔ A sociologia da Austrália não é tão conhecida como a norte-americana, que é dominante no mundo,	Esse é um trabalho que utilizou uma metodologia de análise bibliográfica, onde o autor analisou a obra da escritora e socióloga Dorothy Smith. O autor analisou 4 concepções to trabalho dela, onde ele pode refletir sobre a sua posição e suas propostas para a criação de uma sociologia feminina e superação de uma divisão sexual do trabalho e patriarcado. Além disso, aborda-se um pouco da metodologia que ela usa. A etnometodologia e a etnografia institucional (bottom-up). Uma das questões do estudo mais interessantes é que ela usa autores que defendem a classe a conscientização da classe operária, como Marx e Engels, ela utiliza Foucaul e Lytoard para falar da importância do conhecimento para a superação da abstração e imposição do patriarcado, porém na hora de colocar a mão na massa ela retrai. Ela não é uma feminista radical.	(Smith, 1987; 1989; 1990a, 1990b, 1991.)→ O trabalho dela foi analisado. A sua posição sobre gênero, sociologia feminina e superação do patriarcado e divisão sexual do trabalho. Foram analisadas suas sugestões e posição. (Connell, 1990) →O gênero tem sido visto como uma coisa errada para a sociologia, como uma problemática. (Durkheim; Parson) → Autores citados por Smith para falar de uma sociologia que passa por um processo de abstração, de destruir o real. Ela os utiliza para falar da epistemologia do poder, o modo como as estruturas de poder, a elite dominante se mantém na sociedade. (Eisenstein, 1991; Franzway, Court and Connell, 1989; Watson, 1990) → Autores que questionam as femocratas, ou seja, mulheres que ao chegarem no poder lutam dentro da burocracia, suportando pressões. Esses autores questionam a posição delas quando estão no poder, se é a mesma quando estavam no movimento feminista.	O tema gênero é abordado numa perspectiva essencialista, biológica. Porque Connel, ao estudar Smith vê que ela trabalha com a divisão sexual do trabalho, falando apenas de homens e mulheres e tratando-as como subordinadas e coitadas e os homens como mandões, chefões, malvados. Não passa da questão de gênero homem e mulher quando ela quer enfatizar a criação de uma sociologia feminina.	Os temas relacionados a educação e gênero aqui nesse texto é que o conhecimento, a leitura seria importante para a superação da divisão sexual do trabalho, para a superação do patriarcado, da dominância masculina num cenário global. Pode-se ter como palavras-chave: conhecimento, escrita, sociologia feminina, gênero, patriarcado, divisão sexual do trabalho.

Fonte: MATTOS, CASTRO, ALMEIDA, 2010.

Esse mapa conceitual foi criado a partir dos objetivos da pesquisa. Para cada objetivo específico, uma seção. Dessa maneira a concretização das duas últimas etapas – “organização do relatório do estudo compondo a sistematização das sínteses, identificando as tendências dos temas abordados e as relações indicadas nas teses e dissertações” e “análise e elaboração das conclusões preliminares” – tornou-se mais fácil de ser concluída.

A primeira seção analisada foi “Como o tema gênero é abordado nesse texto.” Foi considerado se o texto defendia uma visão dualista, pós-estruturalista ou sexista do gênero. O que gerou o gráfico 1, denominado “Perspectivas de gênero nos textos pesquisados” que mostra como alguns dos textos mesclavam duas das perspectivas mencionadas acima. Algumas pesquisas abordavam um tipo de conceito de gênero, porém na hora de finalizar o trabalho optavam por não sair da perspectiva biológica, também chamada de dualista ou essencialista. Esse gráfico pode ser encontrado na

página 79, no capítulo a frente, onde será analisado melhor, onde será esmiuçada cada característica relevante apresentada nele.

Ainda neste tópico do mapa conceitual, a partir das partes retiradas dos próprios textos foi possível levantar as categorias que mostrariam quais assuntos as pesquisas de gênero estariam abordando mais. Essa análise inicial gerou o gráfico 2, que foi intitulado como “Perspectivas de gênero: frequência das categorias.” Essa análise foi qualificada como inicial, pois à medida que se verificava a frequência dos termos, as categorias se tornavam mais evidentes. Esse gráfico poderá ser visto na página 82, onde também haverá a descrição dos dados que ele apresenta.

Em seguida, após esse primeiro levantamento, pôde-se constatar que algumas categorias se interconectavam, pois o assunto se assemelhava ou um estava correlacionado a outro. Então, foram relacionadas e agrupadas por afinidade temática as categorias que tinham relação entre si e assim foi gerado o gráfico 3, cujo título é “Perspectivas de gênero: categorias agrupadas por semelhança temática.” Ele poderá ser contemplado juntamente com a sua análise no capítulo 3 desta dissertação, mais precisamente na página 87.

No gráfico 3 para demonstrar como as categorias foram agrupadas, citando, o exemplo dos temas “formação profissional”, “diferenças de gênero” e “divisão sexual” que se transformaram na categoria única “divisão sexual do trabalho.” Isso foi feito porque a formação profissional corresponde às mulheres que estudam que buscam certas carreiras para alcançar cargos melhores. Entretanto, elas tem que enfrentar os problemas da diferença de gênero onde para alcançar empregos com salários melhores, muitas das vezes elas precisam procurar uma carreira que é caracterizada como “carreira masculina”, “profissão de homem.” Essas profissões denominadas como sendo deles gera a divisão sexual dentro do ambiente de trabalho, onde muita das vezes elas não exercem profissões como as deles ou até exercem a mesma ocupação, porém por ser mulher ainda tem o salário menor. Portanto, lendo-se os textos e estudando o seu conteúdo pode-se induzir que tópicos similares poderiam imergir para um novo mais significativo.

A segunda parte dos mapas conceituais analisadas responde a pergunta “Quais os temas que mais foram relacionados à área de educação e gênero?” Nos mapas conceituais foi respondida esta pergunta a partir da co-relação entre os temas educação e gênero. Então no final da leitura e análise dos 50 mapas conceituais focando os temas mais freqüentes no que diz respeito a essa relação

entre os dois temas, gênero e educação, foi formado o gráfico 7, “Educação e Gênero: categorias associadas”, o gráfico e a sua análise podem ser contemplados na página 104.

Com as categorias que surgiram observou-se que elas tinham uma relação onde uma era conseqüência da outra. Dessa maneira configurou-se um esquema que mostra a relação de uma com a outra e como todas tem pontos em comum. Nesse esquema é possível constatar que o foco central da relação entre educação e gênero acaba sendo o mercado de trabalho. No quadro esquemático que foi montado mostra-se como certas categorias são mais comumente voltadas aos estudos sobre o sexo masculino e como outras acontecem mais com o sexo feminino. Esse quadro encontra-se na página 105, seguido da sua apreciação.

O terceiro capítulo desta dissertação trata do tópico “Metodologia e Questões de Estudo nos textos estudados.” Nesta fase, no mapa conceitual, foram destacadas as citações existentes nos próprios textos que evidenciavam que tipo de metodologia foi utilizada para coleta e análise dos dados nesses estudos. Além disso, foram consideradas as questões que permeavam os estudos. Deve-se deixar claro que nem todas as pesquisas declaravam a metodologia que estavam usando tanto para coleta quanto para a análise, muitas não mencionavam os instrumentos de pesquisa e outras não informavam as questões de estudo, ou seja, que objeto buscavam estudar.

Dessa forma, iniciou-se pela análise e criação de um quadro onde seria possível ver mais facilmente qual a metodologia e os instrumentos de pesquisa. Isso pode ser observado no quadro que se segue. As primeiras partes desse quadro seriam compostas pelas partes já destacadas do mapa conceitual. Deve-se considerar que o quadro inicia-se da esquerda para a direita, do item “referência”, seguindo para “citação”, “métodos, objetivos e questões do estudo” e por fim “tipo de metodologia usada no texto”. Os itens “métodos, objetivos e questões do estudo” e “tipo de metodologia usada no texto” foram formados depois da leitura e análise dos tópicos iniciais, “referência” e “citação”, respectivamente. Segue abaixo um exemplo retirado desse quadro que foi formado pelos textos analisados para essa pesquisa.

Tabela 1 – Quadro de Análise de Metodologias, Instrumentos e Análises de Dados

REFERÊNCIA	CITAÇÃO	MÉTODOS, OBJETIVOS E QUESTÕES DO ESTUDO	TIPO DE METODOLOGIA USADA NO TEXTO
BANWART, M. C. Gender and Young Voters in 2004: The influence of perceived knowledge and interest. American Behavioral Scientist. Vol. 50, n.9, 2007.	Método Participantes 666 participantes na pesquisa, onde 55% eram mulheres e 45% homens, ambos de cursos de graduação ou cursos de ciência política. Desse grupo, 41% votava nos democratas, 35% nos republicanos e 24% outras. Procedimentos e Medidas A pesquisa e os estímulos também foram parte de uma pesquisa maior. Os dados coletados com as mesmas perguntam antes e depois dos testes não são relatados nesse estudo. As sessoes constituem em passar 12 anúncios de tv dos dois principais candidatos a presidente. A ordem foi alternada dos candidatos. Usou-se uma escala para medir o cinismo dos eleitores antes e depois dos testes. (1= discordo fortemente e até 5= concordo totalmente). Foi feita uma escala sobre as avaliações dos eleitores sobre os candidatos e tinham pares não qualificados, qualificados, não sofisticados e sofisticados- calmos, agressido, fracos, fortes, etc.	Entrevistas Testes (Estímulos) Escala de avaliações Questionários Essa pesquisa acredita que tenha diferenças no conhecimento sobre os canndidatos e os temas de campanha. Nesse contexto, estudou-se a perspectiva dos jovens sobre isso para escolher em quem votar em 2004. Os resultados mostraram que a percepção difere de gênero, mas o interesse não difere nesse carater, em geral o interesse é elevado. As percepções são sobre as políticas e cinismo dos candidatos. Agora sobre conhecimento, embora as jovens mulheres sejam desinteressadas elas tendem a votar diferente dos meninos desinteressados.	Pesquisa de Campo

Fonte: O autor, 2013

Através desse quadro foram estruturados 3 gráficos. O primeiro desses três, é o gráfico 4, nomeado “Metodologias utilizadas nas pesquisas estudadas.” O gráfico mostra o resultado da última seção do quadro montado, “tipo de metodologia usada

no texto". Nele é possível facilmente contemplar quais foram às metodologias que mais foram usadas nos textos estudados. Já o segundo gráfico desses três mostra o resultado da seção "métodos, objetivos e questões do estudo" do quadro de análise, que aborda os instrumentos de pesquisa que foram utilizados para fazer a coleta de dados. Esse gráfico de número 5 foi intitulado de "Instrumentos de coleta de dados utilizados nas pesquisas estudadas" e pode ser visto na página 91.

É importante salientar que as pesquisas tanto as bibliográficas quanto as de campo, as duas pesquisas mais realizadas, poucas foram as que falavam sobre as metodologias e os instrumentos de coleta de dados. A impressão que se dava era de que as pesquisas eram realizadas da maneira que o autor quisesse, sugerindo então que grande parte delas eram manipuladas, ou seja, davam o resultado já planejado, o resultado já previsto. Segue abaixo o gráfico que mostra os instrumentos mais utilizados nas pesquisas que informaram esse dado.

O último gráfico, "Processos de Análises de Dados Utilizados nas Pesquisas Estudadas" é uma conseqüência dos dois últimos. Ao observar os tipos de pesquisa e os instrumentos utilizados para a coleta de dados, houve a necessidade de salientar quais os métodos de análise de dados foram mais escolhidos para a realização da pesquisa. A análise desse gráfico mostra que 84% das pesquisas não identificaram o seu método de análise, ou seja, poucas se preocuparam em informar isso ao leitor. Nesse contexto foi gerado o gráfico de número 6 (p.95), a partir do restante das pesquisas que informaram o tipo de método usado para analisar os dados. Através dele pode-se considerar que a análise comparativa e a triangulação de dados foram os métodos mais utilizados nas pesquisas que informaram que tipo de metodologia estavam utilizando. Considera-se que apesar da grande parte das pesquisas não informar o seu método, as que informavam tinham por intenção gerar um resultado mais aberto, menos controlado por perguntas e respostas como nos questionários e testes.

Por fim, a última análise correspondente ao mapa conceitual foi em relação aos teóricos. Na seção "teóricos utilizados e porque foram utilizados?" foi feita uma seleção minuciosa dos autores que foram citados n os 50 textos usados para essa pesquisa. A seleção foi realizada destacando: o nome, o ano correspondente a pesquisa, e o que autor falou sobre o assunto. Segue abaixo o exemplo de como foi realizada esta fase da análise.

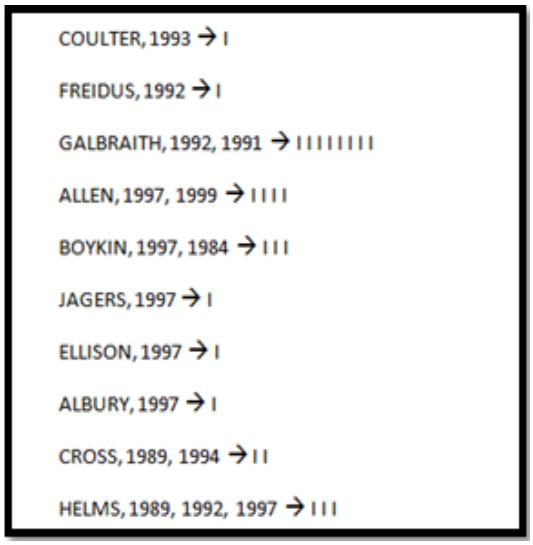
Figura 2. Exemplo da análise dos teóricos presentes nas pesquisas estudadas

(A. Koblitz, 2000)→ A pesquisadora revela que foi no século XIX que essas primeiras mulheres alcançaram o grau de doutoras. As famílias dessas mulheres queriam que elas estudassem para cuidar de suas propriedades, de suas heranças. Apesar de alcançarem o status de elite por alcançarem seus doutorados, os estudos não lhes proporcionaram uma vida financeira independente, porém para elas foi ótimo, pois só assim tiveram acesso as ciências.

Fonte: O autor, 2013

Depois desta etapa da análise, o segundo passo foi contabilizar quantos autores foram citados ao longo dos textos. Foram contabilizadas 1.739 citações de autores. Como é possível observar no segundo exemplo acima, muitas vezes mais de um autor era usado como referência para afirmar um fato e sustentar um argumento. Dessa forma o segundo passo foi separar esses autores e contabilizá-los individualmente. Nessa nova contagem obteve o número de 2.066 teóricos citados ao longo dos 50 textos. Com esse número tão vasto de autores citados, ficaria inviável analisar e considerar a relevância de todos eles para a pesquisa de gênero. Dessa maneira foi realizada uma nova contagem para encontrar os 5 autores mais relevantes, os mais considerados mundialmente em torno da análise de gênero. Então a medida que um autor fosse se repetindo ele ganhava um traço, para identificar o número de vezes que ele foi citado. Segue abaixo o exemplo de como foi realizada esta análise:

Figura 3 - Exemplo de como foi realizada a contagem dos autores



Fonte: O autor, 2013

No final dessa contagem os 5 autores mais citados nessa ordem de relevância foram: 1) Susan Moller Okin, 2) Raewyn Connell, 3) Madeleine Arnot, 4) Bronwyn Davies e 5) Pierre Bourdieu. Com esses autores pode-se analisar as perspectivas dos mesmos e estudar as teorias que desenvolveram, os livros que foram escritos por eles e assim entender como no cenário internacional essas teorias foram utilizadas.

Entretanto outras fontes de pesquisa foram usadas de forma complementar, porém a fonte principal foi o conjunto de textos selecionados para o estudo. A análise realizada nesta pesquisa serve de base para futuras pesquisas sobre gênero.

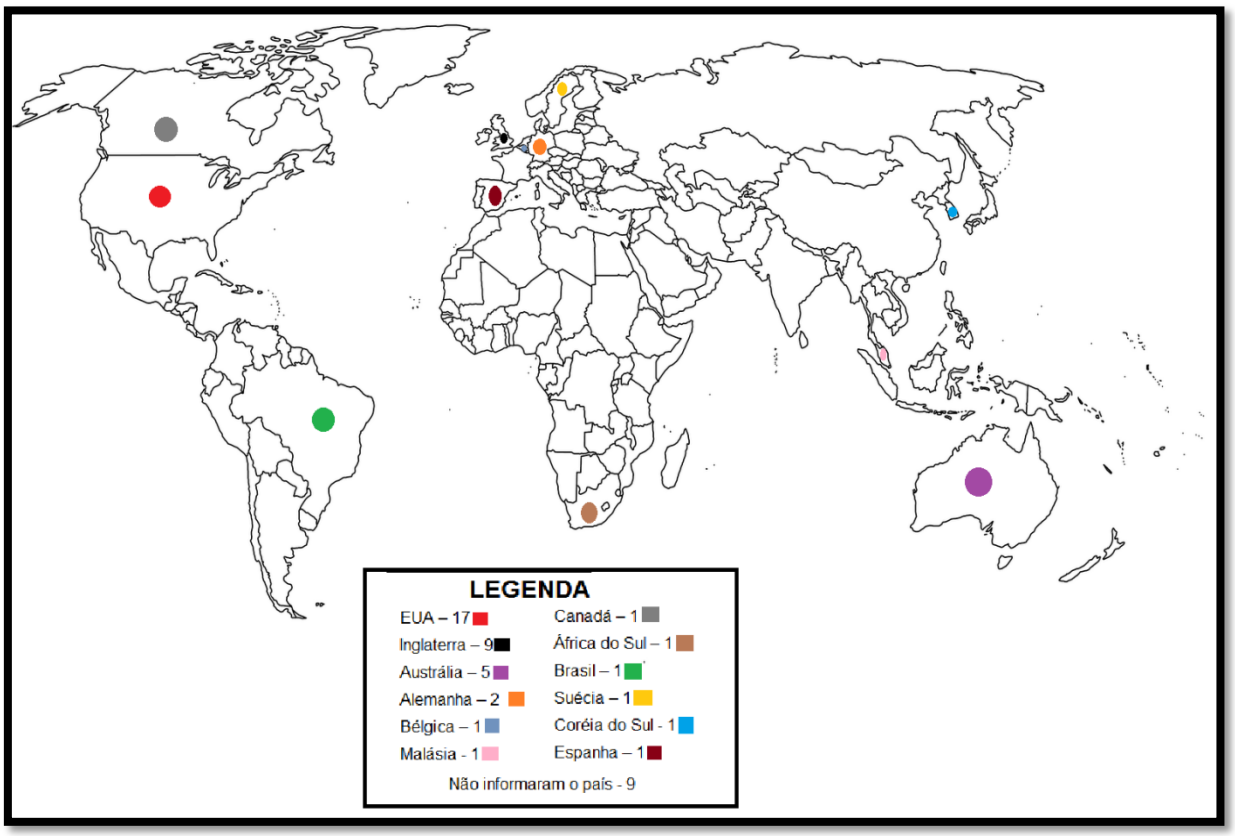
2.3 Países de origem das pesquisas estudadas

No fim da análise dos dados, para melhor entendimento do leitor desta pesquisa, salientou-se a necessidade de identificar de onde vieram as pesquisas estudadas. Para isso foi feito um mapa mundi com todos os países de onde originaram-se as pesquisas de gênero que foram acessadas na biblioteca da Universidade de Sydney. Foram 17 pesquisas oriundas dos EUA, 9 da Inglaterra (Reino Unido), 5 da Austrália, 2 da Alemanha, 1 da Bélgica, 1 da Malásia, 1 do Canadá, 1 da África do Sul, 1 do Brasil, 1 da Suécia, 1 da Coréia do Sul e 1 da Espanha. Foram 9 as pesquisas que não informaram seus países de origem.

Mais precisamente, algumas pesquisas não só informaram o país onde foi realizado a pesquisa, mas também disseram que universidade estava a frente do trabalho. Dos EUA obteve-se a Universidade do Kansas, a Universidade da Califórnia, a Universidade de Ohio, a Universidade da Georgia, a Universidade de Nova Jersey, a University of Illinois at Urbana Champaign, a Universidade de Harvar, a Universidade de Virginia, a Universidade do Tennessee,a Universidade Americana, a Universidade do Arizona, a Universidade de Washington, a Universidade de Norte de Iowa, a Universidade do Oeste da Virginia, a Universidade do Texas e a Universidade de Los Angeles. Já da Inglaterra as únicas Universidades que citaram seus nomes foram a Universidade de Manchester, a Universidade de Yorkshire, a Universidade de New Castle, a Escola de Economia e Politica de

Londres e a Universidade de Edingurgh. As Universidades citadas da Austrália foram a Universidade de Sydney, a Universidade de Melbourne e a University Queensland Brisbane. Da Bélgica foi apenas a Ghenty University, da Alemanha foi a Universidade de Amsterdã, do Canadá foi a Universidade de São Francisco Xavier, da África do Sul foi a Universidade de Witwatersand, da Coréia do Sul foio a Universidade de Seoul, da Espanha foi a Universidade Carlos III, da Malásia foi a faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade da Malásia, do Brasil foi Pontífica Universidade Católica de São Paulo. O restante dos textos dos países citados não informou as suas instituições de origem. Segue abaixo o mapa que mostra os países de onde vieram as pesquisas.

Figura 4. Localização Geográfica das Pesquisas Estudadas



Fonte: O autor, 2013

A importância deste mapa está na relação entre os dados por ele revelado e o trabalho de Connell (2007), "*Southern theory: the global dynamics of knowledge in social science*", que afirma que a maioria das teorias que orientam os estudos de gênero são originárias do Ocidente. A autora afirma a necessidade se produzir teorias do Sul para os países do Sul. Ela chama a predominância das abordagens

teóricas do Ocidente como “intoxiocidentificação” do Sul. A seleção dos textos para esta dissertação se deu de modo aleatório, tendo como parâmetro para considerar ou desconsiderar as pesquisas apenas as palavras-chaves que estavam ligadas aos objetivos da pesquisa. Dessa maneira como o mapa mundi mostra que apesar de terem pesquisas que não são comuns de serem consideradas, como pesquisas de países como a Malásia, Coréia do Sul e África do Sul. A maior parte das pesquisas de gênero faz parte do hemisfério Norte, ou melhor caracterizando, faz parte do grupo dos países desenvolvidos, ou seja, EUA, Inglaterra, Alemanha. Então entende-se quando Connell, questiona que para se criar mais leis que promovam a equidade de gênero é preciso considerar a realidade do próprio país e não buscar soluções em países que tem realidades diferentes.

Dessa forma, deixa-se um alerta para que os próprios países que enfrentam seus problemas de gênero incentivem e façam pesquisas a respeito do tema. Neste trabalho que foi realizado no Brasil, a intenção inicial foi analisar trabalhos oriundos de todos os países, porém as analises finais evidenciaram que grande parte das pesquisas é originária do ocidente, particularmente EUA E Inglaterra.

3 O QUE DIZEM OS ESTUDOS SOBRE GÊNERO NA LITERATURA INTERNACIONAL

Esta dissertação analisa o conceito de gênero a partir de três perspectivas, biológica, pós-estruturalista e sexista. Optou-se por considerar a temática sob essas perspectivas, pois os estudos anteriores realizados por esta autora denotavam essas três abordagens como as mais debatidas nas pesquisas de gênero. A abordagem biológica, também chamada de dualista preconiza que o gênero é determinado pela sexualidade, pelas características físicas que cada ser humano possui Connell (1994, 1998) e Arnot (2006) são dois dos autores que investigaram essa abordagem, mas que não a apóiam. A segunda defende que gênero é construído a partir das relações sociais, das relações com o meio, da cultura, de tudo o que envolve a socialização, e a construção da identidade de gênero (SABAT, 2001; PINHEIRO, 2001; SCOTT, 1995). A terceira e última abordagem foi a sexista, que é aquela que defende um sexo, homem ou mulher, assumindo na grande maioria das vezes, atitudes preconceituosas (FORMIGA, GOLVEIA, SANTOS, 2002; SANTOS, SOUZA, 2010). Algumas pesquisas utilizaram duas dessas perspectivas, outras tiveram a intenção de defender uma delas, mas acabaram fazendo a análise pela abordagem oposta. Isso será contemplado ao longo deste capítulo.

A primeira direção deste texto foi compreender o conceito de gênero ao longo dos anos através de uma linha de tempo. O período inicial delimitado para esse estudo foi das décadas de 1990 a 2010, entretanto, dada a complexidade e extensão do trabalho optou-se por reduzir seu escopo para as décadas de 2000 a 2010. Esta delimitação justifica-se por entender-se que os autores investigados de modo geral utilizavam referências de décadas anteriores. Assim conclui-se que ao utilizar as décadas de 2000 a 2010 cobre-se ainda as duas últimas décadas anteriores o que contribui para que este estudo compreenda-as deste modo. Entretanto, optou-se por manter 7 textos da década de 90 para compor a linha do tempo planejada. Assim, pode-se ter um melhor entendimento como o tema gênero vem sendo abordado ao longo dos 30 últimos anos, elencou-se a seguir o numero de textos selecionados e os anos de pertinência desses textos:

Tabela 2 - Seleção de textos originária do Banco de dados do NETEDU

Quantidade de textos	Anos de referência
1	1990
1	1992
2	1994
1	1997
1	1998
1	1999
2	2000
4	2001
4	2002
7	2003
6	2004
7	2005
5	2006
5	2007
2	2008
1	2009
Total 50	Anos de 1990 a 2009

Fonte: O autor, 2013

Para a análise dos textos procedeu-se da seguinte forma. Primeiramente, foi escrito um resumo do que cada autor compreendia como gênero. Depois foram levantadas as categorias relacionadas aos conceitos emitidos pelos autores sobre gênero. Nesta fase verificou-se que certas categorias eram mais freqüentes que outras. Além disso, foi ressaltado que tipo de perspectiva de gênero que cada autor assumiu e defendeu nos seus estudos, considerando o ano em que os trabalhos foram realizados. Para melhor visualização dos resultados dessas análises foi desenvolvida a tabela 3 que expressa a linha do tempo pertinente a esses dados. Esta tabela foi gerada logo após a identificação do que os autores entendem sobre gênero. O gráfico 1 deste capítulo mostra as perspectivas que são mais comumente abordadas nos textos de gênero e por fim os dois últimos gráficos, também deste capítulo, mostram as categorias mais debatidas nos textos de gênero. O penúltimo gráfico mostra as categorias que realmente apareceram, sem recortes ou abreviações. Já o último gráfico mostra as categorias condensadas, pois muitas

categorias estavam ligadas entre si, exemplo: mercado de trabalho, divisão sexual do trabalho etc.

3.1 Tabela/ Linha do tempo de gênero

A princípio a proposta era fazer uma linha do tempo onde fosse possível ao leitor visualizar claramente como o tema gênero foi se desenvolvendo ao longo dos anos. Entretanto, com a significativa quantidade de textos analisados, a conclusão dessa linha do tempo se tornaria algo que poderia confundir ou não se ser algo de fácil entendimento para o leitor. Dessa maneira foi feita uma tabela que esta em ordem cronológica, do texto mais antigo para o mais recente, onde demonstrou na coluna 4 as variações com que as abordagens aparecem ao longo da história dos estudos sobre gênero. Demonstra ainda que a abordagem biológica tem muita força no contexto das demais.

Tabela 3 - Categorias e Tipos de Abordagem de Abordagem de Gênero

1	2	3	4
Ano	Referência	Categorias	Abordagem de gênero
1990	JONES, M. Gail. Gender Issues in Teacher Education**. Journal of Teacher Education** , 40; 33, 1989.	(educação, formação profissional, diferença homens e mulheres)	BIOLÓGICA
1992	CONNELL, R.W. A sober anarchism. **Sociological Theory**, vol. 10, n.1, 1992.	(divisão sexual do trabalho, diferença homens e mulheres-)	BIOLÓGICA
1994	CONNELL, R. W. Bodies and Genders. **Agenda,** n.23, body politics, 1994.	(diferença entre homem e mulher, construção social do gênero)	BIOLÓGICO E PÓS-ESTRUTURAL
1994	KLEIN, S. S. ; ORTMAN, P. E.; CAMPBELL, P.; JACOBS, J.; POLLARD, D.; SCHMUCK, P.; GREENBERG, S.; KACHUCK, B. SADKER, D.; SCOTT, E.; HOLLINGSWORTH, S.; MCCLELLAND, A. Continuing the Journey	(programas educacionais, estudo, formação profissional, mercado de trabalho, diferença entre homem e mulher)	BIOLÓGICA

	Toward Gender Equity. **Educational Researcher**, 1994.		
1997	MONTECINOS, C; NIELSEN, L. E. Gender and Cohort differences in University students' decisions to become elementary teacher education majors. **Journal of Teacher Education**, January Teacher Education, Jan-Freb, vol. 48, n.1, 1997.	(educação, estereótipo profissional, mercado de trabalho)	SEXISTA HOMENS
1998	CONNEL, R. W. Introduction: Studying Australian Masculinities. **Ligs,** vol., 3 no. 2, December **1998.**	(relações sociais, construção de identidade de gênero (masculina ou feminina, papéis sexuais)	PÓS-ESTRUTURAL
1999	FOSTER, Michele. Race, Class, and Gender in Education Research: Surveying the Political Terrain. **Educational Policy,** vol.3, n.1, p.77-85, 1999.	(formação profissional, mercado de trabalho, dominância masculina, diferença entre homens e mulheres)	BIOLÓGICA
2000	BROWN, Angela H.; CERVERO, Ronald M. and JOHNSON-BAILEY, Juanita. Making the Invisible Visible: Race, Gender, and Teaching in Adult Education. **Adult Education Quarterly**, Vol. 50 No. 4, pp.273-288, August 2000.	(Formação profissional, mercado de trabalho, dominância masculina, diferença entre homens e mulheres)	BIOLÓGICA
	BRUIJN, E. de; VOLMAN, M. Changes in Occupational Structure and Occupational Practice – A Challenge to Education. **The European Journal of Women's Studies**, vol. 7, n.4, 2000.	(mercado de trabalho, diferença entre homens e mulheres)	BIOLÓGICA
2001	IVINSON, Gabrielle. Feminist Scholarship in Education: The State of the Art? **British Educational Research Journal**, Vol. 27, No. 2, pp. 219-223, Apr. 2001.	(estudos, formação profissional, mercado de trabalho)	APOIO A PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURALISTA , ABORDAGEM BIOLÓGICA
2001	LONG, M.; BOLARSKY, G.; THAYER, G. Gender and racial counter-stereotypes in science education television: a content analysis. **Public Understanding of**	(visão sobre as mulheres na sociedade e no mercado de trabalho, diferença entre homem e mulher)	BIOLÓGICA

	Science, n.10, p. 255-269, 2001.		
2001	REESE, H. W. ; LEE, L-J; COHEN, S. H.; PUCKETT JR, J. M. Effects of intellectual variables, age, and gender on divergent thinking in adulthood. International Journal of Behavioral Development, vol. 25, n.6, 2001.	(saúde, depressão faz mulheres ter comportamento diferente do homem)	BIOLÓGICA
2001	SANDERSON, P. Age and gender issues in adolescent attitudes to dance. **European physical Education Review**. Vol. 7, n.2, 2001.	(perspectivas de papéis sexuais em relação a homens e mulheres dançando, mulheres graciosas e homem fortes)	BIOLÓGICA
2001	BLOOM, Barbara; OWEN,Barbara; DESCHENES, Elizabeth Piper; ROSENBAUM, Jill. Moving Toward Justice for Female Juvenile Offenders in the New Millennium: Modeling Gender-Specific Policies and Programs. **Journal of Contemporary Criminal Justice**, Vol. 18, No. 1, pp. 37-56, February 2002.	(estereótipo diferenciada entre homens e mulheres no sistema estereótipo, diferenças em relação a 48ster, aos estudos e ao social)	BIOLÓGICA
2002	CONNELL, R. W. Making the Difference, then and now. Discourse: studies in the cultural politics of education, Vol. 23, No. 3, 2002	(papeis sexuais, preservação da cultura dominante, mercado de trabalho, diferença entre homem e mulher,	BIOLÓGICA
2002	VALIENTE, Celia. An Overview of Research on Gender in Spanish Society. **Gender & Society**, Vol. 16, No. 6, pp.767-792, December 2002.	(mercado de trabalho, formação profissional, papéis sexuais, diferenças entre homens e mulheres)	BIOLÓGICA
2002	ZITTLEMAN, K.; SADKER, D.Gender Bias in Teacher Education Texts: new (and old) lessons. **Journal of Teacher Education**, vol. 53, n.2, March/ April, 2002.	(preservação da cultura dominante pelos livros didáticos)	BIOLÓGICA
2003	DAVIES, J. Expressions of gender: an analysis of pupils' gendered discourse styles in small group classroom discussions. **Discourse & Society**, vol. 14, n.2, 2003.	(mulheres sexistas, feministas e unidas conta os homens que procuram manter a cultura dominante, diferenças homem e mulher)	BIOLÓGICA
2003	HYDE, C. A.; DEAL, K. H. Does Gender Matter? Male	(formação profissional, homens com medo de	BIOLÓGICA

	and Female Participation in Social Work Classrooms. **Affilia**, vol. 18, n.2, 2003.	serem sexistas nos cursos de enfermagem)	
2003	PASCOE, C. J. Multiple Masculinities?: Teenage Boys Talk about Jocks and Gender. **American Behavioral Scientist**, vol. 46, n. 10, jun. 2003.	(formação das masculinidades, masculinidade patriarcal, diferença entre homens e mulheres)	BIOLÓGICA E PÓS-ESTRUTURAL
2003	PEACE, Paul. Balancing Power: The Discursive Maintenance of Gender Inequality byWo/Men at University. **Feminism & Psychology**, SAGE, 2003.	(estereótipo masculino, falsa igualdade de gênero)	PROPOSTA PÓS-ESTRUTURAL, ANÁLISE BIOLÓGICA
2003	ROSEMBERG, Fúlvia. Multilateral Organizations And Early Child Care And Education Policies For Developing Countries. **Gender & Society**, Vol. 17, No. 2, pp.250-266, April 2003.	(mercado de trabalho, mulheres auxiliares de creche,)	SEXISTA - Mulheres
2003	ROSEN, Allison B.; TSAI, Jerry S.;DOWNS, Stephen M. Variations in Risk Attitude across Race, Gender, and Education. **Medical Decision Making**, vol. 23, pp. 511-517, NOV–DEC 2003.	(Saúde, mulheres tendem a estar menos em perigo e tem atendimento pior em relação aos homens)	BIOLÓGICA
2003	SHAKIB, Sohaila. Female Basketball Participation: negotiating the conflation of peer status and gender status from childhood through puberty. American Behavioral Scientist, vol. 46, n.10, Jun.2003.	(esportes, estereótipo masculina, preservação da cultura dominante, diferenças)	BIOLÓGICA
2004	BOK, M. Education and Training for Low-Income Women: An Elusive Goal. **Affilia**, vol. 19, n.1, p.39-52, 2004.	(formação profissional, mercado de trabalho, diferenças,	SEXISTA (MULHERES) PEQUENA DISCUSSÃO BIOLÓGICA)
2004	BRUTSAERT, H.; HOUTTE, M. V. Gender Contexto of Schooling and Levels of Stress Among Early Adolescent Pupils. **Education and Urban Society**, vol. 37, n.1, Nov. 2004.	(estereótipo masculino, interação professor x aluno,)	BIOLÓGICA
2004	CHEN, P; WHITE, H. R. Gender differences in adolescent and Young adult predictors of later intimate partnet violence – A prospective study. **Violence Against Women**, vol. 10, n.11,	(Violência, homens agressivos e mulheres vítimas)	BIOLÓGICA

	Nov. 2004.		
2004	JANSSEN, Anna; MURACHVER, Tamar. The Relationship between Gender and Topic in Gender-Preferential Language Use. **Written Communication**, Vol. 21 No. 4, pp. 344-367, October 2004 .	(linguagem, comunicação, perspectiva pós-estruturalista, masculinidades e feminilidades, não se atribuiu o sexo ao tipo de linguagem, à comunicação)	BIOLÓGICA E PÓS-ESTRUTURAL
2004	MASON, M. A.; GOULDEN, M. Marriage and Baby Blues: Redefining Gender Equity in the Academy. **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science,** vol. 596; p.86, 2004.	(mulheres tem que abrir mão da carreira em prol da família ou vice-versa, os homens não tem que fazer essas concessões)	BIOLÓGICA
2004	LOSH, Susan Carol. Gender, Educational, and Occupational Digital Gaps 1983-2002. **Social Science Computer Review**, 22; 152, 2004.	(diferenças entre homens e mulheres em relação ao uso da tecnologia diminuiu, mas ainda há uma desvantagem para com as mulheres)	BIOLÓGICA
2005	CHING, Cynthia Carter; BASHAM, James D.; JANG, Eunice . The Legacy of the Digital Divide: Gender, Socioeconomic Status, and Early Exposure as Predictors of Full-Spectrum Technology Use Among Young Adults. **Urban Education**, Vol. 40, No. 4, July 2005, pp. 394-411.	(diferença entre homens e mulheres em relação ao uso da tecnologia, formação profissional)	BIOLÓGICA
2005	CONNELL, R. W. Change among the Gatekeepers: men, masculinities, and gender equality in the Global Arena. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, vol. 30, no. 3, 2005	(estereótipo masculino, patriarcalismo, hegemonia, medo de perder o poder, preservação da superioridade masculina,)	PÓS-ESTRUTURAL
2005	COUTINHO, Martha J.; OSWALD, Donald P. State Variation in Gender Disproportionality in Special Education: Findings and Recommendations**.** **Remedial and Special Education**, vol. 26, n.1, pp.7-15, 2005.	(meninos são mais identificados como portadores de necessidades educacionais especiais e por isso recebem mais atenção que as meninas – diferenças sexuais, necessidades educacionais especiais)	BIOLÓGICA

2005	KOBLITZ, Ann Hibner. Gender and Science – where science is on the margins. Bulletin of Science, **Technology & Society**, Vol. 25, No. 2, April 2005.	(estudo sexista foca nas mulheres e na importância de procurar outros autores fora da estereótipo dos países do norte)	SEXISTA – MULHERES
2005	MCLEOD, J. Feminists re-reading Bourdieu: old debates and new questions about gender habitus and gender change. **Theory and Research in Education**, vol. 3, n.11, 2005.	(dominância masculina, mulheres submissas, uso estereótipo da teoria de bourdieu pelas feministas)	BIOLÓGICA
2005	RIVADENEYRA, Rocío; WARD, L. Monique. From Ally McBeal to Sábado Gigante: Contributions of Television Viewing to the Gender Role Attitudes of Latino Adolescents. **Journal of Adolescent Research**, Vol. 20, No. 4, July 2005.	(a influencia da tvs para os latinos, preservação da cultura dominante, estereótipo masculino e estereótipo feminino)	BIOLÓGICA
2005	SPARK, C.; HARRIS, A. Vocation, vocation – a study of prisoner education for women. **Journal of Sociology**, vol. 41, n. 2, 2005.	(diferenças entre homens e mulheres, estereotipo, papeis sexuais, prisão)	BIOLÓGICA
2006	ARNOT, Madeleine. Gender equality, pedagogy and citizenship: Affirmative and transformative approaches in the UK. **Theory and Research in Education**, v.4, n.2, 2006.	(cidadania, feministas – conflito – luta pela igualdade – celebração das diferenças,	FOCA NO BIOLÓGICO, MAS DISCUTE O PÓS-ESTRUTURAL TAMBÉM
2006	ENSLIN, P.; TJIATTAS, M. Educating for a Just world without gender. **Theory and Research in Education**, vol. 4, n.1, 2006.	(luta contra a preservação da cultura dominante, igualdade de gênero, busca por oportunidades de educação, trabalho para ambos)	PÓS-ESTRUTURAL
2006	HEMMINGS, Clare. Ready for Bologna? The Impact of the Declaration on Women's and Gender Studies in the UK. **European Journal of Women's Studies**, Vol. 13, n.4, pp. 315–323, 2006.	(papéis sexuais, diferenças entre homens e mulheres no mercado de trabalho e na sociedade)	BIOLÓGICA
2006	ROBEYNS, I. Three models of education – rights, capabilities and human capital. Theory and	(busca pela igualdade de gênero na educação, nas pesquisas)	BIOLÓGICA

	Research in Education, vol. 4, n. 1, 2006		
2006	SJOGREN, E.; KRISTENSON, M.; LINQUESTGROUP, T. Can gender differences in psychosocial 52stereó be explained by socioeconomic status? **Scandinavian Journal of Public Health**, vol. 34, 2006.	(diferenças entre homens e mulheres na educação, no mercado de trabalho, acarretam problemas diferentes para ambos)	BIOLÓGICA
2007	BANWART, M. C. Gender and Young Voters in 2004: The influence of perceived knowledge and interest. American Behavioral Scientist. Vol. 50, n.9, 2007.	(eleições, dominância masculina – conhecimento político, diferenças homem x mulher x eleições)	BIOLÓGICA
2007	KEAY, Jeanne. Learning from other teachers: Gender influences. **European Physical Education Review,** vol. 3, n. 2, p. 209-227, 2007.	(Mercado de trabalho, educação física, dominância masculina, preservação da cultura dominante, mulheres com atitudes masculinizadas)	BIOLÓGICA
2007	LINGARD, B.; MILLS, M. Pedagogies making a difference: issues of social justice and inclusion. **International Journal of Inclusive Education**, Vol. 11, No. 3, pp.233-244, May 2007.	(inclusão, necessidades educacionais especiais, sala de aula, atenção aos meninos é primordial para o desempenho)	SEXISTA – homens
2007	PILCHER, J. Childhood, gender and school health education in England. **Childhood**, vol. 14, n.2, 2007.	(documentos do século xx, cartilhas gênero e educação, preservação da cultura dominante, preservação dos papeis sexuais)	BIOLÓGICA
2007	SOHN, A.; CHUN, S.S. Gender Differences in Sexual Behavior and Condom-related Behaviours and Attitudes among Korean Youths. **Asia-Pacific Journal of Public Health**, Vol. 19 No. 2, 2007.	(educação sexual, preservação dos valores, mudança de comportamento feminino por causa da emancipação das mulheres, saúde, gravidez indesejada, doenças sexualmente estereotipadas)	BIOLÓGICA
2008	ENGLISH, Leona M.; IRVING, Catherine J. Reflexive Texts: Issues of Knowledge, Power, and Discourse in Researching Gender and Learning. **Adult Education**	(pesquisa encomendada do governo, mulheres quando focam em discussão de gênero biológico se prendem aos direitos perdidos das mulheres, a estereótipo	PÓS-ESTRUTURAL

	Quarterly, Vol. 58, N. 4 pp. 267-283, August 2008	masculino, a hierarquia e ao patriarcado, já a discussão pós-estrutural permite ir além dessas discussões e busca entender as estruturas formadas)	
2008	LAGESEN, Vivian Anette. A Cyberfeminist Utopia? Perceptions of Gender and Computer Science among Malaysian Women Computer Science Students and Faculty. **Science Technology Human Values**, vol. 33, n.1, pp. 005-027, 2008.	(educação tecnológica, malásia não é patriarcal branca na tecnologia, formação profissional, busca por melhores empregos, salários e incentivo financeiro, conflito entre os valores e estereótipos antigos e os atuais)	BIOLÓGICA
2009	CONNELL, R. Long Marches: Gender politics and gender research in Australian perspective. Public lecture for the conference on "Two Decades of Gender and Difference" to celebrate the work of Chilla Bulbeck, Adelaide, 18-19 February, 2009.	(1950 – exaltação do homem, 1960 – inicio da luta feminista e da sua emancipação, a formação da divisão sexual do trabalho se deu pela colonização britânica, assim como a hegemonia e o patriarcalismo se deram pelos acordos e circunstancias do meio)	PÓS-ESTRUTURAL

Fonte: O autor, 2013

Os textos presentes nessa tabela foram analisados individualmente. E isso foi de extrema importância para que as duas colunas finais, dessa tabela fossem geradas, as colunas das "categorias" e da "abordagem de gênero". Elas deram origem aos dois gráficos que serão analisados a seguir, pois eles elucidaram algumas questões sobre a abordagem de gênero ao longo dos anos.

Cada um dos textos relacionou o gênero a um tema específico, ligado direta ou indiretamente com a área de educação. O primeiro texto de JONES (1990) "*Gender Issues in Teacher Education*" realizou uma pesquisa que observou as interações de meninos e meninas em sala de aula. Além disso, ele analisou também se os professores que ingressaram na carreira recentemente haviam passado por discussões de gênero e se eles tinham uma prática que levava para a igualdade de gênero. Constatou-se que não, que tanto os mais antigos quanto os mais novos perpetuam o sexismo. Dessa maneira, ao analisar meninos e meninas, professores

e professoras, considerou-se que a sua pesquisa teve uma abordagem de gênero biológica.

O segundo texto foi de Connell (1992), "*A sober anarchism*", foi uma analise feita pela autora de uma teórica chamada "Doroth Smith." Connell salientou que Smith trabalhava sobre a divisão sexual do trabalho, falando apenas de homens e mulheres. Para Connell a teórica Smith apenas considerava como as mulheres eram subordinadas e se encontravam numa posição de subordinadas enquanto que os homens assumiam posições de líderes. Smith também questiona no seu trabalho o uso da sociologia feminina com o fim de buscar a equidade de gênero, pois a mesma, na sua visão, é patriarcal. Dessa forma, entende-se que a discussão de Smith é biológica, pois mesmo ao questionar o uso da sociologia, ela se refere a homens e mulheres. Assim, como o texto de Connell, foi analisar os escritos de Smith, considerou-se esse texto como de abordagem biológica.

O texto de 1994, pertencente a Connell (1994) "*Bodies and Genders*" levanta uma discussão sobre o gênero estar desvinculado ao corpo. Connell, afirma que ao se discutir gênero deve-se realizar um debate crítico, ou seja, cuidadoso. Ele sugere isso, pois desde o século XIX vem se assumindo como única abordagem de gênero correta, aquela que separa gênero do corpo. Connell enfatiza que há a necessidade dessa discussão de gênero pós-estruturalista sim, porém deve ser feita de forma equilibrada, não descartando a abordagem biológica como totalmente errada. Um dos perigos que ele ressalta é que a abordagem pós-estruturalista leva a crer que o corpo "é como uma tela a ser pintada, uma superfície a ser impressa ou uma paisagem a ser marcada" (CONNELL, 1994, p.11), ou seja, descarta-se de maneira completa a função do corpo. Dessa forma, entende-se que Connell, nesse artigo tratou das duas formas de abordagem de gênero, pós-estruturalista e biológica.

O texto de Klein et. al (1994) "*Continuing the Journey Toward Gender Equity*" aborda a questão dos programas educacionais e a necessidade de ocorrer ações que produzam a igualdade de gênero. Ao longo do texto, pode-se observar diferenças que prejudicam as mulheres, onde apesar de estudarem o mesmo tanto ou até mais que os homens, elas continuam ganhando quantias salariais inferiores e também ocupando cargos de trabalho inferiores a eles. Além disso, eles tendem a ocupar mais postos de liderança do que elas. Entende-se que as mulheres não ingressam muito em carreiras que envolvem, por exemplo, a matemática. Os homens, entretanto, ingressam em carreiras que confirmem o seu estereotipo

masculino, principalmente quando diz respeito as áreas ligadas ao estudo da matemática, eles não optam pelas áreas da leitura e da escrita, por exemplo. Aqui aponta-se a necessidade de ações que incentivem as mulheres a ingressarem em carreiras voltadas para o estudo da matemática. Nos materiais didáticos, nos currículos, observa-se ainda a predominância de estereótipos de gênero, como a idéia de que homens não gostam de ler livros de histórias que tenham personagens. Além disso, observa-se nas pesquisas uma tendência do currículo, da interação na sala de aula e da avaliação beneficiarem os meninos e com isso entende-se a necessidade de implantar aulas sobre sexualidade e compreender as escolas mistas, pois pesquisas têm mostrado que mulheres se saem melhor em escolas só de meninas, pois criam grupos, onde eleva-se a auto-estima. Ao trabalhar as diferenças entre homens e mulheres evidenciou-se que o texto discutiu o gênero a partir da abordagem biológica.

O texto de Montecinos e Nielsen (1997) "*Gender and Cohort differences in University students' decisions to become elementary teacher education majors*" analisou homens e mulheres na escolha profissional da docência, porém o autor focou mais nos homens e por isso descobre que eles demoram mais para escolher ser professor. Eles constataram que muitos homens almejam a área administrativa da educação, que muitos escolhem por ter uma referência masculina, um exemplo. Em relação aos medos da profissão ambos têm medo de não serem profissionais bem sucedidos, de não prosperarem. Além disso, eles têm a preocupação de não encontrar vagas para eles. A ausência ou presença de homens na sala de aula é fundamental para incentivar ou não outros homens a ingressar na carreira. Ao direcionar a sua análise para a questão dos homens na docência, considera-se que a abordagem de gênero apresentada de forma sexista, tendia focar em apenas um sexo, no caso o masculino.

Já o texto de Connell (1998) "*Introduction: Studying Australian Masculinities*" fala da questão das masculinidades, exatamente no plural, para dizer que não existe uma masculinidade, mas diversos tipos delas. O texto começa mostrando quais foram as primeiras tentativas de estudo de gênero, em relação aos homens. Primeiramente olhando-se para uma perspectiva mais psicológica de construção de identidade, depois partindo para uma concepção de papéis sexuais que predominou nos anos 50 e 60 e que se revolucionou através do movimento feminista. E por fim, a forte tendência atual estudar o gênero na perspectiva das relações sociais. A

autora mostra como há tendências nos estudos de gênero, de como pesquisar gênero pelo método etnográfico, abordando a questão da hegemonia masculina. Isso ocorre porque é mais fácil, é mais simples do que procurar entender o gênero numa perspectiva de masculinidades e feminilidades. Connell conclui que a conscientização e mudança nas masculinidades e feminilidades se tornam necessárias para que se faça um estudo bibliográfico ou com outros métodos. Enfim, Connell finaliza propondo que se pesquise o gênero nos diversos campos e com diversos métodos. Com essa análise considerou-se o texto com uma abordagem de gênero pós-estruturalista.

No trabalho de Foster (1999), "*Race, Class, and Gender in Education Research: Surveying the Political Terrain*" o foco não foi no tema gênero, mas sim na questão da raça. Porém, ela inseriu o tema gênero em algumas discussões intercalando os dois assuntos, gênero e raça. Ela observou uma relação de hierarquização do homem branco sobre as mulheres, nos estudos que ela analisou. Os primeiros estudos de gênero focavam nessa questão da dominação masculina. Ela constatou que os homens, na educação, dominavam os locais de administração enquanto que as mulheres, na sua grande maioria eram professoras, gerando assim teorias sexistas. Os estudos que ela analisou focavam numa luta contra o homem branco, pois nos anos 50 e 60 foi muito forte a idéia de superioridade racial. Apesar dessa idéia ter sido discutida nos estudos como algo negativo, ela foi reinventada nos anos de 1980 como "linguagem de risco" e em 1990 ela foi revivida com as teorias neoconservadoras de "inferioridade genética." Os estudos de gênero e raça, portanto, não lutavam contra essas ideologias, mas acabavam a promovendo. Percebendo isso, Foster (1999) foi analisar as pesquisas e ela percebeu que a pesquisa interpretativa (etnografia e teoria crítica) tem sido muito escolhida para estudar gênero, raça e classe, porém esse tipo de pesquisa não tem considerado as 3 categorias de maneira profunda e com isso acabam fazendo uma análise superficial. As pesquisas de gênero pouco são abordadas nesse tipo de metodologia, quando usadas são para falar como os homens brancos tem privilégios e as mulheres não e como elas tem participado pouco da pesquisa acadêmica. Nos anos 60, a pesquisa era dominada pelos homens e elas eram apenas contribuintes. Foster então chega a conclusão de que talvez por isso, poucos estudos sobre elas foram feitos. O que ela propõe é que dêem oportunidades iguais de incentivo à pesquisa, de entrada nos programas de pós-graduação, de possibilidade de

publicação etc. Ao analisar a posição de homens e mulheres na pesquisa e no mercado de trabalho, considerou-se esse texto com uma abordagem biológica de gênero.

A pesquisa de Brown, Cervero e Johnson-Bailey (2000), "*Making the Invisible Visible: Race, Gender, and Teaching in Adult Education*" foi considerada uma pesquisa de abordagem biológica, pois mostrou a diferença de homens e mulheres no mercado de trabalho, mais precisamente na sala de aula. O texto também abordou a não aceitação, por parte dos homens, da afronta que eles tem sentido sobre a sua autoridade patriarcal. Esse texto mostrou como o gênero e a raça de professoras de matemática nos EUA (afro-americanas) interferem na sua maneira de lecionar. A autora mostrou como as professoras que sofreram com exclusão, negligência, racismo, sexismo, na sua infância e na sua formação docente fizeram dessas experiências ruins algo bom. Os autores mostram que essas mulheres tentaram criar um ambiente positivo, onde ambos os sexos participem, mas principalmente as mulheres, que geralmente são mais tímidas. Por sua vez, com esse ganho de espaço das mulheres eles buscam afrontá-las, pois eles têm achado que estão perdendo a sua autoridade. Esse pensamento vem à mente deles, pois antes apenas homens brancos davam aula de matemática, gostavam de matemática. Os autores concluem que o gênero e a raça das professoras pode influenciar o ambiente de ensino-aprendizagem.

"*Changes in Occupational Structure and Occupational Practice – A Challenge to Education*" é o texto dos autores Bruijn e Volman (2000) onde eles observaram como as diferentes competências e habilidades de homens e mulheres. As mulheres têm competências que não são reconhecidas, como a habilidade de ouvir, de ajudar e isso não é reconhecido e nem remunerado. Também mostra como homens estão em certos cargos que já são praticamente selados como "trabalhos de homens", onde as mulheres não poderiam exercer por não ter qualificações. Isso acontece de maneira mais forte no setor de econômico-administrativo/ comercial. O que se tem procurado fazer para superar isso são os testes de aptidões, onde através desses testes identificam-se habilidades que antes não eram reconhecidas e, portanto, não remunerada. Ao analisar as diferenças entre homens e mulheres no mercado de trabalho e na formação das suas habilidades e competências considerou-se este trabalho uma pesquisa biológica de gênero.

O texto de Ivinson (2001) "*Feminist Scholarship in Education: The State of the Art?*" Nesse trabalho a autora tenta defender uma observação de gênero mais pós-estruturalista, porém o que ocorre é que ela defende os interesses feministas, a superação da dominância masculina. Então, por isso considerou-se que esse texto apoiou a abordagem pós-estruturalista, mas analisou a temática numa perspectiva biológica, considerando a diferença dos sexos. Essa autora considerou 3 livros de gênero e a sua análise inicia falando do movimento feminista, dos avanços das mulheres na luta pela igualdade ao longo dos anos 60, 70, e 80. Nos anos 90, ela ressalta que o baixo rendimento dos meninos fez com que toda a atenção dos estudos de gênero se voltasse para eles e com isso as mudanças de gênero a favor das mulheres, não passaram de algumas poucas melhorias. Há uma necessidade se investigar gênero alem de pesquisas previamente estipuladas. Precisa-se investigar gênero no meio cultural, na sala de aula, dentro de um contexto. Isso é necessário para que se diminua a exclusão social. As mulheres têm enfrentado o fato de terem que lidar com a vida acadêmica e profissional ao mesmo tempo em que lidam com o papel sexual que lhe é atribuído de mãe e esposa. Os livros estudados nesse artigo falam um pouco disso, porém buscando entender essas questões dentro de um contexto, na sala de aula, num contexto político e na vida social das crianças. Mostrando que os contextos sociais indicam muito sobre a interação de gênero.

"*Gender and racial counter-stereotypes in science education television: a content analysis*" foi a pesquisa realizada por Long, Bolarsky e Thayer (2001). Nesse trabalho o tema gênero foi discutido encima de programas educativos da TV. Esse texto falou sobre ciência e gênero e abordou o tema na perspectiva biológica binária, ou seja, homem e mulher. O texto mostrou que apesar de os programas terem avançado um pouco sobre a idéia da mulher também estar inserida nas ciências (colocando-as para falar, responder, questionar), o maior número de homens ainda tem sustentado um pouco a idéia de que ciências não é algo voltado para elas. Essa posição, portanto, alimenta a desigualdade de gênero.

Reese et. al. (2001) escreveu "*Effects of intellectual variables, age, and gender on divergent thinking in adulthood*." Esse artigo fez uma pequena abordagem de gênero na abordagem biológica buscando observar se homens e mulheres tem pensamentos divergentes diante de algumas variáveis. O único fato significativo que apareceu no estudo foi dizer que a depressão era a única variável que provocava diferenças de pensamento. Porém, no geral, a variável gênero em si não traz muitas

divergências, só quando esta correlacionada a idade, pois homens e mulheres, meninos e meninas tendem a ter os mesmos pensamentos na mesma faixa etária de idade. Apesar de o método considerar o nível educacional dos participantes, nada significativo foi encontrado na análise de dados.

A pesquisa de Sanderson (2001) "*Age and gender issues in adolescent attitudes to dance*" debate o gênero sob uma perspectiva biológica porque neste estudo ele analisou as diferenças e as relações existentes nas atitudes de dança de meninos e meninas, considerando também a variável "idade". Para isso foi comparado o comportamento em relação à dança de homens e mulheres. Observou-se que se tem uma expectativa de atitudes. Exemplo: mulheres gostem de balé e homens de danças em que exerçam a sua dominação e força. Porém o que Sanderson viu foi um desânimo, um desinteresse de ambos os sexos pela dança, pois que ela quase não é colocada nas escolas e quando é, esta relacionada a uma atividade estética voltada apenas para as meninas.

O texto de Bloom et. al. (2002) "*Moving Toward Justice for Female Juvenile Offenders in the New Millennium: Modeling Gender-Specific Policies and Programs*" a discussão de gênero que o texto fez foi a respeito da diferença que as mulheres são tratadas nos presídios em relação aos homens. Eles recebem todo o apoio social, educacional e de saúde, enquanto elas ficam a mercê de qualquer aparato. Além disso, os autores mostraram que as legislações e programas criados usam o gênero masculino, esquecendo-se das mulheres O estudo mostra como elas precisam de apoio em todos os aspectos, pois muitas sofreram abuso ou estão grávidas. Além disso, o texto mostra a influência da família tanto para levá-las a uma condição carcerária quanto para tirá-las de uma vida que as levaria a essa condição. Outro quesito que as leva para longe de uma vida prisional é a falta de oportunidades educacionais, que as leva a repetência, evasão e conseqüentemente a delinqüência. Uma oportunidade de estudo e de desenvolvimento de habilidades e competências as levaria para um outro patamar. Mostrou-se também a necessidade de se dar atenção para o tratamento físico em relação à dependência química e ao álcool. Enfim, esses tipos de ações não devem ser voltadas apenas para os homens, mas também para as mulheres. Planejamentos, políticas e programas devem ser criados para serem contínuos, tratando os aspectos físicos. Ao analisar a diferença entre os sexos, entre os tratamentos diferenciados que homens e

mulheres recebiam na prisão, considerou-se o artigo uma análise biológica de gênero.

"*Making the Difference, then and now*" foi um texto escrito por Connell em 2002. Não tem o tema gênero como assunto central, mas sim a discussão de como vencer as diferenças no sistema educacional. Connell, portanto, debateu sobre a questão dos papéis sexuais de homens, mulheres, pais, filhos e professores e como a mesma tem sido usada para reproduzir a cultura dominante. Connell também fala das mudanças que o neoliberalismo trouxe. E uma delas foi a maior participação das mulheres no mercado de trabalho. Em conseqüência disso também aumentaram os métodos de segregação da mulher no mercado de trabalho, defendendo-se a idéia "isso não é profissão de mulher". Essa pesquisa "Making the Difference: Then and. Now" permitiu as discussões de gênero nas famílias e nas escolas e esse texto foi uma releitura da pesquisa, "Making the Difference" feita pela própria no ano de 1982. A conclusão de Connell é que houve muito avanço no que diz respeito a equidade de gênero, porém há muito a ser mudado. Ao analisar as diferenças de homens e mulheres, considerou-se que o texto abordou o gênero dentro de uma abordagem biológica

Valiente (2002) escreveu o texto **"***An Overview of Research on Gender in Spanish Society*" e mostrou como o tema gênero foi abordado nas pesquisas espanholas no período de 1975 à 2001. Observou-se que grande parte dos estudos buscou investigar a questão de gênero pelo viés biológico analisando as questões referentes às diferenças entre homens e mulheres. Os estudos espanhóis sobre gênero refletiram sobre família, educação, trabalho, política, sexualidade e homens. Constatou-se que alguns assuntos são mais pesquisados do que outros como, por exemplo, trabalho, educação, família e política são assuntos bem pesquisados, já sexualidade e homens são assuntos pouco pesquisados.

Em relação à família observou-se que até antes da Segunda Guerra Mundial esperava-se uma postura de subordinação das mulheres em relação aos homens. Que elas adotassem uma postura doméstica. Ao longo da luta feminina, este cenário foi mudando, porém apesar das mulheres adotarem um discurso mais moderno elas ainda se sujeitam a esse padrão. Já na educação observou-se que elas tinham uma educação diferenciada da deles. Além disso, o currículo dessas escolas as ensinava a cuidar da casa e ser boas esposas. Já o currículo deles focava em garantir um futuro, um emprego. Hoje, as escolas são mistas, mas ainda há diferença no ensino

profissionalizante de homens e mulheres. Ainda existem muitas diferenças no que diz respeito a gênero e educação.

Valiente (2002) também destaca questões sobre trabalho e gênero. Há uma constante discussão nas pesquisas sobre elas ocuparem cargos menores do que os homens, como elas recebem salários menores do que eles etc.

Sobre a política, a relação com o gênero fica na questão do voto. Metade ainda vota em partidos que tenham preceitos tradicionais e a outra metade vota em partidos com preceitos mais liberais. Além disso, a participação delas tem aumentado no que diz respeito a assumir cargos políticos.

De acordo com as análises de Valiente (2002) pouco se tem estudado sobre a sexualidade. O que se fala muito é sobre os papéis sexuais das mulheres, como esposas e donas de casa. Pouco se fala sobre homossexuais. Quando se aborda esse assunto fala mais sobre os gays e quase nada sobre as lésbicas, elas são quase uma categoria inexistente. Pouco também se falou dos homens nos estudos de gênero, o foco maior são as mulheres e as feminilidades. Quando se aborda o homem é para falar da violência que ele sofre em relação à mulher.

Esse foi um dos textos mais completos, que abordaram o gênero nas mais diversas categorias, porém analisou a questão num parâmetro comparativo entre homens e mulheres. Portanto, o texto analisou o gênero na visão biológica.

O texto de Zittleman e Sadker (2002) "*Gender Bias in Teacher Education Texts: new (and old) lessons*" aborda o tema gênero pela perspectiva biológica, enfatizando como os livros didáticos têm enfatizado pouco para questão de gênero e até em algumas vezes perpetuado e acentuado as diferenças de gênero e a dominação masculina. O artigo mostrou que os livros têm enfatizado que as mulheres não têm muito interesse pelas ciências, pela matemática e elas são estimuladas a ficarem em carreiras que são menos lucrativas. Nos livros, pouco se inclui ou enfatiza a visão e posição das mulheres. Também há pouco reconhecimento de mulheres que fizeram histórias como filósofas, historiadoras, pesquisadoras etc. Os livros têm incentivado os professores a ter olhares estereotipados para os seus alunos. Esse estudo conclui que houveram avanços, mas insignificantes e que os professores não estão sendo suficientemente preparados para lidar com o preconceito e as diferenças de gênero.

Já a pesquisa de Davies (2003) "*Expressions of gender: an analysis of pupils' gendered discourse styles in small group classroom discussions*" foi um trabalho de

campo que analisou a influência dos discursos de homens e mulheres na aprendizagem. No curso da universidade que foi feita a pesquisa tinha um número maior de mulheres do que homens. Observou-se que elas são mais unidas em seus discursos, se defendem, abraçam a causa uma da outra, lutam contra o sexismo e tendem a ser contra os homens que fazem isso. Já os homens no seu discurso tendem provar a sua heterossexualidade, afirmando como as mulheres são submissas as suas decisões, ridicularizando os gays e afeminados, além de tomarem cuidado com o que usam nas suas falas, para reafirmar a sua heterossexualidade muitos usaram palavrões. Dessa forma, Davies (2003) tratou o tema gênero numa perspectiva biológica.

"*Does Gender Matter? Male and Female Participation in Social Work Classrooms*" foi uma pesquisa realizada por Hyde e Deal (2003) que trouxe uma discussão de gênero relacionada a questão da comunicação. O estudo é restrito a uma faculdade particular e a um curso de serviço social, que é um curso predominantemente feminino. Porém ele traz conclusões interessantes. Aqui o tema gênero acaba sendo debatido na perspectiva biológica, na paridade entre homens e mulheres. Entende-se aqui que homens e mulheres quando não se comunicam na sala de aula é por questões parecidas a timidez de serem considerados burros, sexistas. A timidez deles em relação a ser considerado sexista se agrava um pouco por causa da questão da dominação masculina, ao fazerem seus comentários eles tinham medo de serem considerados sexistas e estarem defendendo o sexo masculino. Além disso, em relação à comunicação muitas mulheres não se comunicavam porque eram oprimidas por eles, a grande maioria não fazia nada para mudar essa situação. Na pesquisa a diferença de gênero que eles levantaram não foi em relação à comunicação, mas em relação ao maior número de mulheres fazerem o curso, enfim, elas estarem em maioria.

Pascoe (2003) procurou fazer no seu texto, "*Multiple Masculinities? Teenage Boys Talk about Jocks and Gender*" uma reflexão sobre os diferentes tipos de masculinidade. Ele começou afirmando que há a masculinidade patriarcal, onde o homem tem o domínio, mas que hoje tem se aceitado mais a idéia de masculinidade. Apesar da maior aceitação dessa ideia, o que se observa nos textos é que se trabalha gênero, mais da forma binária, biológica, mas que só essa aceitação já é um grande avanço. O autor mostrou como as estruturas de gênero são construídas em torno dos grupos da escola. O texto mostrou que o esporte é um

retrato da masculinidade patriarcal, dominante e que é até uma garantia para quem quer ter mais um comportamento afeminado. Já as pessoas dos outros grupos, de dança, da matemática, dos rockeiros e principalmente do teatro são tido como gays, homossexuais e fica no inferior da hierarquia social e de gênero. O artigo analisou a influencia do esporte na vida social e na formação de gênero dos alunos. Dessa forma, ele considerou as duas perspectivas principais deste estudo, portanto, considerou-se este texto dentro das abordagens pós-estrutural e biológica.

"Balancing Power: The Discursive Maintenance of Gender Inequality byWo/Men at University" foi uma pesquisa realizada pelo autor Peace (2003) que se propôs a estudar o tema gênero além da abordagem biológica, sexual, essencialista, porém ao longo do artigo vemos que não o fez. O estudo traz uma discussão de homens e mulheres, mantendo a dualidade, a paridade de gênero. O artigo aborda como os estudos dos homens tem os auxiliado e mantido o seu poder, o patriarcado deles e como também tem os ajudado a disseminar uma falsa idéia de igualdade. Buscando ir além da abordagem biológica o autor fala como as mulheres podem ser opressoras e homens oprimidos, mas reafirma que a normatividade é os homens no comando oprimindo.

Rosemberg (2003) escreveu um trabalho que foi considerado sexista, pois ele buscou apenas defender as mulheres e os seus problemas em relação a profissão de auxiliar de creche. Esse artigo foi "*Multilateral Organizations And Early Child Care And Education Policies For Developing Countries*" e nele, observou-se que as creches no Brasil foram instaladas com baixo investimento e que continuam sendo espaços pobres para pobres. Com isso, no início, qualquer pessoa poderia trabalhar num lugar como esse, mesmo sem instrução ou preparo. Geralmente esses trabalhos eram tomados por mulheres, pois elas teriam esse "dom" de cuidar. Isso fez com que a remuneração dessas mulheres fosse bem baixa, quase um trabalho voluntário. O que a autora ressaltou foi a precariedade do local, a baixa remuneração das professoras e a falta de preparo delas. As pessoas não confiavam deixar seus filhos ali. Isso fez com que muitas mães preferissem a creche particular, arcando com custos que poderiam ser investidos em formação profissional para essas mulheres. A autora levanta essas questões como diferenças de gênero, pois os homens não passam por isso, pois não são eles que são vistos como pessoas que tem o "dom" de cuidar, ou seja, não tem esse papel sexual. Não tem que gastar

seus salários com creches particulares e assim podem investir na sua própria carreira.

O próximo trabalho, "V*ariations in Risk Attitude across Race, Gender, and Education"* escrito por Rosen, Tsai e Downs (2003) trouxe o gênero numa perspectiva estritamente biológica, até porque é um estudo voltado para a área da saúde. Ele mostrou como o gênero influencia para as atitudes de risco e para um atendimento melhor ou pior. O estudo mostrou que as mulheres tendem a correr menos riscos, por serem avessas a eles. Porém, mesmo sendo contra atitudes que levam ao risco quando elas precisam de atendimento, sofrem e isso ainda piora quando elas não têm ou não alcançaram o nível universitário.

Shakib (2003) escreveu "*Female Basketball Participation: negotiating the conflation of peer status and gender status from childhood through puberty.*" E esse foi um texto que tratou o gênero no contexto da prática dos esportes na escola em torno da perspectiva binária, estudando assim o comportamento de homens e mulheres. Apesar disso, também tratou do tema homofobia e dos problemas que a mesma traz para as meninas. O estudo mostrou como as meninas têm de enfrentar preconceitos e superar as expectativas de gênero, os estereótipos esperados a elas para, no período da adolescência, continuarem participando dos esportes. Observou-se neste estudo uma tendência de expectativas sexuais, onde os esportes são coisas de homem, para melhorar a forma física, adquirir habilidades. Já para as mulheres não seria adequado, pois a distanciava do modelo de feminilidade esperado, uma moça meiga, frágil, aparentemente atraente para os homens. O texto mostra como as meninas tiveram que superar algumas barreiras para continuar praticando os esportes. Algumas começaram a se arrumar mais, usar mais vestido, pois uma "mulher suja" por causa do esporte, não era modelo feminino. Além do mais, não sendo feminina muitas foram confundidas com homossexuais e sofreram até com homofobia, algumas não quiseram se arrumar e decidiram por largar os esportes. Muitas meninas gostavam dos esportes porque definia o corpo e com isso se tornavam mais atraentes para os meninos, ou seja, o interesse acabava atendendo as expectativas sexuais de serem namoradas e futuras esposas dos meninos. Propõe-se então que se ampliem as discussões de gênero nas escolas para que tais ações não se perpetuem.

Bok (2004) com o seu artigo "*Education and Training for Low-Income Women: An Elusive Goal*" falou sobre a dificuldade das mulheres, principalmente negras e

pobres, em garantir emprego e uma vida de bem-estar social. Observou-se no texto que a idéia de dar formação as pessoas foi do governo, pois isso reduziria a responsabilidade dele com o estado de bem-estar social das pessoas pobres. Porém, o que ocorre é que o governo não deu condições favoráveis de formação para essas mulheres, fazendo com que elas não consigam empregos bons e saiam da condição de pobreza. Bok (2004) salientou que há um favorecimento dos homens brancos, depois mulheres brancas, depois homens negros, depois mulheres negras. O governo vê como desperdício investir nelas e por isso não faz muitos esforços. A sua formação muita das vezes é muito rápida, não compreendendo as qualidades, habilidades e competências necessárias que irão garantir um bom emprego. Enfim, observou-se ao longo de todo o texto que as mulheres que alcançam uma formação, um diploma conseguem garantir empregos mais estáveis, condições salariais melhores. Por isso, entende-se que a combinação educação e trabalho é o melhor. Bok (2004) fez uma pequena discussão falando das diferenças entre homens e mulheres, mas ao ressaltar como as mulheres foram tão prejudicadas, esquecendo-se do outro lado, considerou-se o artigo sexista em favor das mulheres.

A pesquisa de Brutsaert e Houtte (2004) "*Gender Contexto of Schooling and Levels of Stress Among Early Adolescent Pupils*" trabalhou a temática de gênero dentro de uma perspective binária, examinando os níveis de stress de meninos e meninas em escolas mistas ou de sexo único. Nesse trabalho foram ressaltadas questões referentes à dominação masculina, quando as meninas se sentem acuadas por causa das relações com os meninos. O sentimento de pertença, a interação professor x aluno, a interação pais X alunos, todos esses temas de alguma forma foram relacionados ao gênero, dentro da perspectiva biológica. Portanto, o texto destacou a importância de se promover um ambiente de maior motivação acadêmica e aceitação de valores educacionais. Por fim, os dados desse trabalho destacaram que para as meninas é melhor que elas estudem em escolas de sexo único, pois a segregação por sexo mantém a confiança delas no início da adolescência quando essa confiança tende a cair. Além disso, meninas em escolas só de meninas tendem a alcançar maiores conquistas do que as de escola mista.

"*Gender differences in adolescent and Young adult predictors of later intimate partnet violence – A prospective study*" foi uma pesquisa publicada em 2004 pelos autores Chen e White (2004) . Eles abordaram o gênero na perspectiva biológica. Pesquisando a diferença de homens e mulheres em relação à violência doméstica,

investigando tanto quem é o agressor como quem é a vítima. As expectativas de gênero nos estudos que embasaram essa pesquisa formularam a hipótese de que os homens seriam mais agressores e as mulheres mais vítimas. E muitos fatores para essa expectativa são levantados em pesquisas anteriores como o álcool ser uma das causas de homens se tornarem agressivos; a infância agressiva os torna agressivos e as mulheres terem uma infância reprimida as coloca em uma posição de vítima em relação aos seus cônjuges. E a educação é pouco considerada nos estudos anteriores, os poucos que falam apontam que quanto mais educação menos violentos e vítimas homens e mulheres se tornam. Depois da pesquisa pode-se observar que causas para se tornar vítimas e agressores é a mesma para os dois. Tanto problemas com álcool, quanto uma infância conturbada, menor nível educacional, problemas de saúde mental como depressão, ansiedade etc levam homens e mulheres a se tornarem tanto agressores quanto vítimas. Dessa maneira, buscar a superação desses problemas seria uma possível solução para reduzir o número de agressores e vítimas.

Já a pesquisa de Janssen e Murachver (2004) "*The Relationship between Gender and Topic in Gender-Preferential Language Use*" abordou a questão de gênero encima de dois pontos de vista, o biológico e o pós-estrutural. Apesar de falar da diferença de meninos e meninas, eles defenderam mais o ponto de vista pós-estrutural, abordando maneiras de escrita femininas e masculinas não atribuídas ao sexo. O texto iniciou a discussão afirmando que existia um jeito mais feminino na linguagem e que as suas características eram mostrar mais a emoção, experiências pessoais, marcadores como ponto de exclamação, reticências e etc. Já a forma de linguagem mais masculina era mais assertiva, trazia fatos, debatia opiniões, considerava gráficos e tabelas. Além disso, observou-se que na comunicação olho no olho, os meninos interrompiam mais, eram mais propensos a discordar e gostam de debates. Já elas são mais educadas, gentis, tendem a perceber linguagens não-verbais, como gestos, olhares etc. A partir disso a pesquisa observou e analisou jovens de universidades através de sua escrita em três situações. Descrever o parceiro ideal, como organizar uma festa e falar sobre engenharia genética. O que se viu, foi que tanto homens quanto mulheres dependendo do tipo do assunto assumiam uma linguagem caracteristicamente mais masculina ou feminina, independente do sexo. Ou seja, sendo um escritor homem ou mulher não significava que ele ia adequar a linguagem ao seu sexo. Em relação ao parceiro ideal e como

organizar uma festa, tanto homens quanto mulheres usaram uma linguagem mais feminina. Já em relação a engenharia genética eles escreveram de maneira mais masculina. Os escritores escreviam de acordo com o tema proposto, usavam as suas palavras, a sua linguagem de acordo com a orientação sexual que o tópico pedia e não refletia sobre suas próprias visões de gênero sobre o assunto. Assim eles ajustavam a sua linguagem ao contexto da comunicação. Ao invés de enquadrar o seu sexo a situação, esse estudo mostra que a tendência é a da obediência a uma ordenação de gênero (CONNELL, 2002).

Mason e Goulden (2004) em sua pesquisa "*Marriage and Baby Blues: Redefining Gender Equity in the Academy*" debateram o tema gênero numa perspectiva dualista, biológica. Abordando uma postura de falar da diferença entre homens e mulheres em relação à carreira, os estudos e as suas famílias. Identificou-se como as mulheres ficam em desvantagem para formar suas famílias em prol das suas carreiras. Elas muitas das vezes têm que adiar a formação de sua família ou até mesmo tem que abrir mão de suas carreiras para ter filhos, casar ou manter o casamento. Os dados mostraram que as mulheres sofrem essa desvantagem, porque acabam não galgando cargos maiores. Muitas delas não abrem mão da maternidade por causa do relógio biológico. Já outras abrem mão e sofrem as conseqüências de não conseguir formar uma família. Enquanto isso os homens numa escalada social, como não estão presos a isso, podem ter filhos mais tarde e tem mais tempo para investir nas suas carreiras. Enfim, as mulheres são menos propensas a se casar e ter filhos para buscar sucesso profissional, em consequência disso elas são mais propensas ao divórcio, quando fazem a escolha pela vida profissional.

A abordagem do curso de vida discutido neste artigo sugere que a equidade de gênero em termos de ganhos e perdas familiares é tão desequilibrado como a equidade de gênero nos termos de ganhos profissionais, levantando a questão fundamental de que a igualdade de gênero significaria uma vida profissional dominada por homens. Mais de 30 anos depois da revolução feminista, a igualdade no local de trabalho continua a ser mais uma aspiração do que uma realidade. No entanto, os dados apresentados acima sugerem que as mulheres, em comparação com os homens, têm padrões de formação significativamente diferentes da família quando eles procuram alcançar essa meta. Mulheres visando alta posição no mundo profissional acadêmico tomam decisões de não casar e ter filhos em seus vinte e

poucos anos, como suas mães fizeram. Eles podem estar atrasando esses compromissos porque consideram muito mais importante chegar ao sucesso profissional do que formar uma família. Além disso, eles não tem o contra tempo do relógio biológico. Os estudiosos de gênero concentraram muito os seus estudos em analisar a questão dos resultados profissionais na vida de homens e mulheres. Entretanto, eles não conseguiram reconhecer que a diferença entre os resultados de familiares de homens e mulheres, medido pelo casamento, filhos e divórcio, é uma questão que provoca tanta desigualdade de gênero como a diferença do emprego.

"*Gender, Educational, and Occupational Digital Gaps 1983-2002*" foi escrito por Losh (2004) e trabalhou o tema gênero de maneira biológica, analisando o uso da tecnologia por homens e mulheres. O que o texto constatou nos anos de 1983 à 2002 é que houve um aumento no uso do PC pelas mulheres, porém a diferença ainda é grande entre os dois. Elas ainda enfrentam uma série de desvantagens como: o acesso restrito no local de trabalho, a falta de confiança e prestígio assumindo assim apenas lugares de secretariado e assistente e quase nunca um papel de gerência, de liderança. Elas também não assumem lugares de engenheiros, técnicos, elas ficam como assistentes, professoras etc. Observou-se que quanto mais instrução, mais a utilização do PC. O que se viu também foi mais uma diferença, mesmo homens e mulheres tendo o mesmo grau de instrução, elas acabam tendo menos acesso que eles. Este estudou mostrou a gravidade das diferenças na área e forneceu bases para que elas sejam eliminadas.

Ching, Basham, Jang (2005) em sua pesquisa, "*The Legacy of the Digital Divide: Gender, Socioeconomic Status, and Early Exposure as Predictors of Full-Spectrum Technology Use Among Young Adults*" trabalharam o gênero de maneira binária analisando a relação de homens e mulheres com o computador. O texto começou mostrando estudos anteriores que salientam que o gênero é um fator que mostra a exclusão ou inclusão digital. Esses estudos afirmaram que as mulheres geralmente não optam ou não tem interesse pela área da informática e que os homens, ao contrário delas, gostam mais desta área. Além disso, os estudos afirmavam que elas aprendiam a mexer mais no computador na escola enquanto eles aprendiam mais em casa. Isso tudo estaria relacionado as escolhas futuras, para as faculdades, mostrando que elas fariam parte do grupo que não escolheria essa área para estudar, enquanto os meninos fariam. Os estudos anteriores também mostraram a falta de confiança das poucas mulheres em relação aos homens que

resolveram entrar na área tecnológica no ensino superior. Depois do estudo empírico, pode-se observar que a diferença de gênero continua e que elas tendem a relatar menos freqüência de uso que os meninos. Portanto, pode-se apenas confirmar que o gênero é uma variável que influencia na inclusão ou exclusão tecnológica, como afirma Mattos (2013).

Em "*Change among the Gatekeepers: men, masculinities, and gender equality in the Global Arena*" o autor Connell (2005) aborda o tema gênero numa perspectiva pós-estruturalista, apesar de focar o seu trabalho nos homens Connell retrata o universo deles em confronto com a busca pela igualdade de gênero. A pesquisa trata da hegemonia dos homens, do patriarcalismo, da dominação masculina e a resistência dos homens em aceitar a igualdade de gênero. Eles na sua grande maioria estão em cargos de liderança, de poder e não querem que isso mude. O texto mostra como os homens tem guardado essa hegemonia com um certo receio de perder o poder, a sua masculinidade, a sua superioridade. Porém o texto ressalta alguns casos de homens que tem mudado essa visão patriarcal, principalmente os mais jovens. Essa busca pela igualdade ocorre quando eles têm filha mulher, quando tem que cuidar da saúde de maneira preventiva etc. Muitos tem até contribuído para a igualdade, quando estão em cargos políticos de poder, contribuindo para mudança de leis e implementação de outras. A mudança dos homens pela igualdade de gênero se deu em mais expansão a partir dos anos 90 e isso pode ser visto em documentos internacionais. Apesar das mudanças de uns e da resistência de outros (mais velhos) eles não buscam a igualdade em certos aspectos, como cuidar da casa, dos filhos, da saúde, eles não abrem mão de que isso seja feito pelas mulheres. Muitos não aderem a igualdade de gênero com medo de serem ridicularizados. Muitas das vezes quando se quer falar de igualdade de gênero isso acaba se transformando numa luta, numa guerra dos sexos, onde se fala de um e esquece o outro. As mulheres lutando por seus direitos e os homens pelos seus. Quem acaba vencendo são os homens, pois já estão numa posição predominante. Um dos problemas para não haver mais debate para a igualdade de gênero é o neoliberalismo que acabou com o estado de bem-estar social, quer era algo favorável para buscar a educação. Então elas tiveram que buscar trabalho e acabaram entrando no mercado de trabalho informal e sem estudos elas não tem condições de alcançar cargos maiores e nem ter condições para argumentar a favor da igualdade de gênero. Enfim, como vimos, muitos homens aderem a busca pela

igualdade, muitos não, outros apenas falam que aderem, mas na prática não mostram. Estudar as diversas masculinidades é necessário para que se paute para encontrar caminhos para a igualdade de gênero.

Coutinho e Oswald (2005) "*State Variation in Gender Disproportionality in Special Education: Findings and Recommendations*" abordam o gênero de maneira biológica, referindo-se a homens e mulheres e observando a diferença de ambos, em relação a educação especial. O texto destacou que há uma maior identificação de homens com necessidades educacionais especiais e em conseqüência disso eles acabam recebendo mais atenção do que as meninas, no que diz respeito ao ensino-aprendizagem na escola, mesmo quando elas também precisam dessa atenção especial. Três tipos de necessidades educacionais foram pesquisadas: dificuldade de aprendizagem, distúrbios emocionais e retardo mental. As únicas doenças que as mulheres recebem um pouco mais de atenção são em relação aos distúrbios emocionais e muitas das vezes esse tipo de identificação é usada para proporcionar as meninas uma competência menor para certas atividades. O estudo aponta a necessidade de mais estudos de gênero e formas mais eficazes de identificar as necessidades educacionais especiais para que não se privilegie um e falte com outro.

Koblitz (2005) é uma autora que propôs que o tema gênero não fosse apenas observado pelas teorias da América do Norte e da Europa, mas que fossem consideradas também as pesquisas do mundo todo. "*Gender and Science – where science is on the margins?*" defendeu uma abordagem sexista de gênero, pois os estudos de outros países selecionados pela autora, falam especificamente de mulheres, da força das mulheres, da mudança das mulheres e dos seus papéis sexuais. Um dos exemplos foi de uma mulher russa que ingressou nas ciências, alcançando o doutorado e mesmo não estando com a sua filha o tempo todo do seu lado pode ser considerada uma boa mãe. Ela alcançou isso dividindo a responsabilidade da filha com o marido. A autora mostra outros exemplos de estudos que mostram essa transformação do papel sexual, das mulheres abrindo mão de serem mães para encaminhar-se para os estudos e para a carreira. Além disso, o texto trouxe outros estudos que mostram como as mulheres se tornaram mais interessantes para os homens, tanto no aspecto do casamento, por terem conteúdo científico para conversar quanto para lutar pela ciência num contexto político. A autora finaliza enfatizando que seu intuito não era escrever uma teoria

geral do gênero, mas sim mostrar outras possibilidades, outras visões sobre o campo.

"*Feminists re-reading Bourdieu: old debates and new questions about gender habitus and gender change*" foi à pesquisa realizada por McLeod (2005) que abordou o tema gênero nos estudos de Bourdieu feito pelas feministas. Observou-se que Bourdieu tem uma posição firme, afirmando que o campus social é formado pelo habitus. O habitus sendo as maneiras de ser, as orientações, os valores, os comportamentos. Ele entende que o habitus é formado da interação dos diversos campos sociais, formando assim um novo campo social. McLeod afirma que por causa do que Bourdieu defende, ele não seria um dos melhores teóricos para ser incorporado aos estudos feministas, pois ele não acredita na mudança das estruturas, já que ele entende que as mesmas são formadas por elas próprias. As feministas tendem a usar Bourdieu por 2 razões. A primeira é que o campus social é formado pelo habitus e pelo gênero. Esse habitus e o gênero envolvem as diferenças de poder, as diferenças sociais, econômicas e simbólicas. A segunda razão é de que através do gênero é que são construídos os campos sociais, ou seja, os repertórios e as disposições. Muitas delas utilizam o livro dominação masculina, onde ele fala das diferenças de homens e mulheres no mercado de trabalho, mas ele acaba sendo binário onde o homem é dominador e a mulher submissa, para ele é como se isso não pudesse ser alterado. Enfim, as feministas tendem a se utilizar do habitus para explorar as questões de gênero e buscar uma mudança, porém a idéia de Bourdieu é contrária as releituras que elas tem se proposto. O texto por ressaltar sobre a diferença entre homens e mulheres foi considerado um artigo que abordou o gênero pela perspectiva binária.

"*From Ally McBeal to Sábado Gigante: Contributions of Television Viewing to the Gender Role Attitudes of Latino Adolescents*" foi a discussão de Rivadeneyra e Ward (2005) analisando a influencia da televisão no comportamento de gênero de meninas e meninos (jovens) latinos. O que se constatou nesse texto foi o que já se previa na hipótese inicial, os estudantes latinos são levados a um comportamento de gênero tradicional, onde os homens são assertivos, dominantes e as mulheres submissas. A TV os influencia a continuarem com esse comportamento que esta relacionado à cultura latina. Essa influência é ainda maior para as mulheres, porque em comparação com os homens elas ainda assistem mais tv do que eles. Dessa

forma, ao fazer uma análise do comportamento de ambos os sexos este estudo apresentou o gênero de maneira binária.

Spark e Harris (2005) escreveram “Vocation, vocation – a study of prisoner education for women.” Neste estudo o tema gênero foi abordado na perspectiva mulher e homem, numa abordagem biológica. São citadas questões referentes ao estereótipo feminino como cozinhar, costurar, cuidados com a família, com a casa, ser uma boa mãe e esposa. Relata-se no texto sobre a função de gênero o seu papel de gênero que foi transgredido com a prisão. Também fala-se um pouco sobre o homem sobre o seu papel social de ser um bom pai e chefe de família, que sai de casa para trabalhar e trazer o sustento para a mesma. Além disso, eles afirmaram que a oportunidade educacional para homens e mulheres que já foram presos é difícil, principalmente para elas que além da ficha criminal muitas vezes trazem no seu “currículo” um filho, e com isso encontram mais dificuldades para se inserirem no mercado de trabalho. Essa condição faz com que muitas mulheres aceitem trabalhos informais. O texto conclui que oportunidades de estudo para ambos, mas em especial para as mulheres, seria de grande valia. A educação vai além da simples questão da formação profissional, mas traz uma esperança para o futuro de ambos.

Arnot (2006) escreveu uma das pesquisas mais completas a respeito do tema gênero. Em “*Gender equality, pedagogy and citizenship: Affirmative and transformative approaches in the UK*” ele relaciona o gênero a dois aspectos: pedagogia e cidadania. O texto começou defendendo o conceito de gênero pela visão das feministas e na contradição que elas viviam entre igualdade e diferença, pois elas tinham que lutar pela a igualdade ao mesmo tempo que celebravam as diferenças. Arnot discutiu o gênero passando pelos dois aspectos biológico e pós-estrutural, porém enfatiza a sua discussão na característica dualista do gênero, observando as diferenças entre homens e mulheres. A cidadania e o gênero envolvem diversos eixos como classe social, raça, etnia, religião etc. Arnot afirma que até os anos 60 o gênero caracterizou-se pelas funções sexuais de homens e mulheres. Porém com o pós-guerra na década de 70 e 80 a proposta das diferenças e das lutas antidiscriminatórias tomaram o cenário político e econômico. E isso resultou em melhores resultados para as mulheres, elas conseguiram alcançar papéis de destaque, conseguiram avançar, chegando a sobrepujar os meninos. Nos anos 80, todas essas estratégias em favor das meninas voltou-se contra os

meninos, porque o quadro de insucesso escolar que antes se voltava para elas passou para eles. E nos anos 90 isso continuou e as estratégias de afirmação das mulheres, aceitação e contratação delas para o mercado de trabalho aumentou. Em seguida, tomou-se uma posição de que os meninos já sabiam, já tinham suas necessidades supridas e, portanto, deveria se focar nas meninas. Porém com o declínio dos meninos, teve-se que começar a olhar pra eles novamente e pensar em estratégias de ajudá-los nas suas aprendizagens. Isso foi chamado de “igualdade redentora” ou “política de recuperação da masculinidade” na década de 90. Essas estratégias acabaram por reforçar a masculinidade hegemônica que se queria avançar. Observou-se nessa pesquisa que meninos e meninas têm maneiras diferentes para aprender sim, e que elas focam em certos detalhes que eles não e que eles querem resultados mais rápidos sem muito aprofundamento.

Discursos igualitários têm sido usados nas reformas neoliberais para mascarar os efeitos das desigualdades sociais. A atenção tem sido reorientada para melhorar a dinâmica da sala de aula em torno do gênero e para resolver conflito entre professores e meninos da classe trabalhadora, que não afeta apenas os meninos que não aprendem, mas também as meninas que não tem chances de ganhar atenção e desenvolver a sua auto-estima. As estratégias transformadoras agora consideram como desafiar o domínio da masculinidade hegemônica que é associada as inseguranças e vulnerabilidades masculinas e que pode ser agravada por causa do desempenho educacional competitivo. O mercado de trabalho não busca um profissional que seja critico e reflexivo a respeito do seu gênero, mas que seja critico, reflexivo, multitarefas para realizar o seu papel no mercado. Portanto, essa busca pelo debate de gênero na sala de aula, se torna irrelevante. Mas estudos mostram que se ela for feita consistentemente oferece oportunidades de desenvolver uma pedagogia crítica da diferença que avança com o desconstrucionismo. Assim os objetivos das reformas educacionais é identificar, criar, divulgar e legitimar novas histórias em torno da alfabetização e escolarização dos meninos e meninas. Uma pedagogia que se engaja criticamente com o domínio afetivo pode oferecer as estudantes oportunidades de promover a igualdade de gênero.

Enslin e Tjiattas (2006) foram os autores de “*Educating for a Just world without gender.*” Eles analisaram os estudos de Okin. Ela é uma autora que defende as mulheres, pois acredita que elas são as que mais sofrem pela diferença.

Entretanto, a sua busca é para uma sociedade livre do gênero/ livre dos papéis sexuais. Portanto, considerou-se esse texto com uma abordagem mais atual, uma abordagem pós-estruturalista. As autoras trabalham encima do material de Okin e de outras autoras, discutindo os principais focos que geram as diferenças de gênero. O texto começa abordando as diferenças nas oportunidades de trabalho, de educação e na cultura em geral. Elas afirmam que essas diferenças já estão entranhadas na sociedade e que se firmaram ao longo dos anos e que mudá-las não é uma tarefa fácil. Provocar mudanças numa sociedade poderia mexer com toda a característica daquela sociedade que esta formada há anos. Além disso, muitas mulheres aceitaram tal modo de vida, tal perspectiva para elas que já não enxergam o que vivem como uma discriminação, portanto, mexer nisso não estaria provocando uma justiça social.

As autoras viram que a família e a educação (a escola) são os principais formadores e disseminadores da cultura e consequentemente da discriminação que esta entranhada nela. As primeiras atitudes para a busca de um mundo sem gênero foi na Conferência de Pequim, “Plataform for Action”, em 1995, onde muitos países se comprometeram a buscar a igualdade de gênero até 2005. Os principais pontos de trabalho seriam oportunidades iguais de educação para homens e mulheres, inclusive na hora de escutar as mulheres para a formação de teorias, ou seja, buscando uma educação para a autonomia; na família procurando instigar as famílias que criem seus filhos com base no respeito, na busca pela igualdade independente da religião ou cultura; e por fim abrir espaço para que as mulheres se engajem na política já que elas e outros grupos de minorias são vozes silenciosas que precisam ser ouvidas.

Hemmings (2006) com a sua pesquisa “*Ready for Bologna? The Impact of the Declaration on Women’s and Gender Studies in the UK*” tratou o gênero dentro das pesquisas, afirmando que são realizadas poucas pesquisas de gênero e menos ainda são feitos trabalhos sobre a situação das mulheres. Por falar da questão de gênero no geral, considerou-se que Hemmings abordou o gênero de maneira biológica. Hemmings analisa como o Reino Unido tem tratado com descaso as disciplinas de gênero e os estudos feministas. Isso se vê pela a falta de financiamento e reconhecimento do mesmo como campo de estudo nas universidades. A nível de graduação pouco se estuda gênero e os aspectos feministas, das mulheres. O nível de ensino em que mais se estuda é o da pós-

graduação. A primeira questão do texto é que se considere os créditos das disciplinas das universidades, porque geralmente o aluno quer estudar gênero, mas na universidade não tem esse campo. Então ele tem que relacionar a sua pesquisa de gênero a um campo de estudo sem poder considerar a sua experiência, que geralmente é mínima, de uma disciplina. Além disso, como não têm campos de gênero os pesquisadores que querem estudar isso e precisam de financiamento também precisam relacionar a sua pesquisa a um campo que a universidade já tenha. Isso também acontece em relação aos trabalhos publicados na área, que também não tem seu devido reconhecimento. O Pacto de Bologna insiste que além de ter uma maior atenção aos estudos de gênero, nesse campo deve ter uma maior discussão sobre leis, política, empregabilidade, ou seja, mais voltada para a área política e social. Apesar desses problemas e do compromisso do Pacto de incentivar a mudança, a Europa ainda é o centro de estudos de gênero na pós-graduação, vindo muitas pessoas de outros países estudar na Europa.

Robeyns (2006) com o seu artigo *"Three models of education – rights, capabilities and human capital*" abordou pouco o tema gênero. Mas o que se tratou foi a respeito das perspectivas para homens e mulheres, os papéis sexuais esperados para eles, ou seja, discutiu-se o gênero numa perspectiva biológica. Trabalhou-se a questão das diferenças que existem entre os dois sexos em relação aos seus papéis na sociedade, em relação ao mercado de trabalho e aos seus direitos. Tratou-se do capital humano, onde os direitos e as diferenças entre os dois ficam implícitas, pois o que importa aqui é o dinheiro, a economia. Então se a mulher aqui consegue através da educação gerar dinheiro ela fica em pé de igualdade com o homem ou em alguns casos até melhor do que ele. Porém o texto mostrou que em outros estudos que em alguns casos algumas mulheres são impedidas de estudar e conseqüentemente são impedidas de trabalhar, tornando-se inferiores ao homem porque não tem poder econômico. Mostra-se no texto como a educação, numa perspectiva de direitos pode transformar a vida da mulher. Dando consciência a ela, mostrando que a educação vai muito além da questão econômica. Nessa perspectiva de direitos, as diferenças também podem ficar camufladas, pois ao tornar todos iguais homem ou mulher podem sair em desvantagem. Na perspectiva das competências os direitos se tornam mais explícitos, pois há a divisão deles. Porém, não há garantia de superação dos mesmos, porque há uma necessidade de mudança cultural e prática. No geral o texto fala como a educação pode ajudar na

superação das desigualdades de gênero entre homens e mulheres. No texto há uma vitimização da mulher, uma desigualdade maior para as mulheres em relação aos homens. Apesar de não citar, pode-se falar que isso ocorreu no texto por causa da dominância masculina, do patriarcado.

Os autores Sjogren; Kristenson; Linquestgroup (2006) com o seu texto "*Can gender differences in psychosocial facxtors be explained by socioeconomic status?"* abordaram a questão de gênero e os fatores psicossociais, como o status socioeconômico para explicar as diferenças. A pesquisa foi binária, estudando homens e mulheres. Essa pesquisa não trouxe uma conclusão generalista, mas fez levantamentos importantes mostrando como os fatores psicossociais podem ser importantes para a formação de uma sociedade ainda é patriarcal. Foi visto que os homens têm mais educação e sofrem mais com o cinismo no trabalho. Já elas têm menos educação e sofrem mais com a baixa auto-estima, com o baixo poder de decisão, a depressão e a desesperança. Quando elas têm mais educação e ocupam cargos mais altos, sofrem com a exaustão mental e física, graças à atribuição de diversas tarefas (dentro e fora de casa). Foram consultados autores que estudaram essa questão anteriormente. Um desses autores foi Hall e ele mostrou que os baixos níveis de educação seja para homens quanto para mulheres, gera baixa auto-estima, baixo poder de decisão e depressão. Ele também mostrou que quando ambos têm altos níveis de educação ainda assim os homens ficam com os melhores cargos e as mulheres com os inferiores. Já Griffin mostra que homens e mulheres que tem pouco controle ou no trabalho ou em casa, sofrem para se socializar, se integrar e correm mais risco de sofrer com depressão. Observadas as diferenças entre gênero e fatores psicossociais conclui-se que as associações são mais salientes quando o níveis do status socioeconômico são mais baixos. Fatores psicossocais especialmente de capacidade de decisão e integração social, podem ser uteis para explicar porque as mulheres com baixo status socioeconômico tem saúde, mais precária.

"Gender and Young Voters in 2004: The influence of perceived knowledge and interest" é o texto escrito por Banwart (2007) e ele analisa a questão de gênero na perspectiva binária analisando o conhecimento político dos jovens dos EUA nas eleições de 2004. Parte-se do pressuposto que homens são mais interessados e entendidos da política do que mulheres, que eles tendem a perceber mais quando um candidato é cínico em sua campanha política, não se deixando influenciar. As

mulheres seriam o oposto de tudo isso. Além disso, parte-se da idéia de que eles discutem mais política, mesmo não sabendo tanto. Já elas, mesmo tendo vasto conhecimento tendem a não se manifestar, reduzindo as suas respostas a “não sei” O estudo confirmou a hipótese de que os homens são mais interessados e entendidos da política. Porém em relação ao cinismo, ambos mantêm a sua posição política mesmo depois das propagandas eleitorais. E por fim, a hipótese de que elas quase não se manifestam é falsa, pois ambos têm conhecimento e interesse a ponto de debater a política.

Keay (2007) com o seu texto “*Learning from other teachers: Gender influences*” analisou a temática gênero dentro de uma perspectiva dualista, analisando a influência dos professores mais velhos sobre os mais novos, sejam eles homens ou mulheres. Observa-se aqui a idéia de que a mulheres seriam um problema na educação física, apesar de no início, antes da segunda guerra mundial essa profissão ser predominantemente feminina. Nessa pesquisa foi descoberto que tanto homens quanto mulheres adotam as práticas dos professores mais experientes, pois o que eles querem é ganhar espaço. Nesses ambientes há a dominação masculina tanto de práticas como de liderança. Elas quando ocupam cargos de liderança são até funções bem parecidas, mas de importância inferior. As mulheres para ganhar espaço acabam adotando práticas dos homens para se manterem e se colocarem no local de trabalho, elas acabam sendo autoritárias, disciplinadoras, ou seja, masculinizadas. O problema dessa supremacia masculina dos professores mais antigos serem sempre seguida é que impede que outras boas práticas surjam, impede que o desenvolvimento profissional seja completo e impede qualquer tipo de mudança.

Lingard e Mills (2007) realizaram a pesquisa “*Pedagogies making a difference: issues of social justice and inclusion*” onde o tema central do texto não foi gênero, mas sim a busca pela justiça social e a inclusão. Nesse contexto o tema gênero entra na discussão, junto com necessidades educacionais especiais, diferentes pedagogias e etc. O trabalhou defendeu que a pedagogia que se aplica na sala de aula pode transformar um contexto de exclusão para um de inclusão. A única vez que o tema gênero é falado no texto é de como ensinar meninos, ou seja, dando-os mais privilégios. Essa pedagogia aplicada dentro da sala de aula pode ser primordial para um alto ou baixo desempenho dos meninos em sala de aula. Nesse contexto, entende-se que o tema gênero foi abordado de maneira sexista,

privilegiando apenas os homens. Porém não se pode generalizar, devido o texto estar falando de inclusão e exclusão e dentro desse contexto citou o tema gênero.

O artigo de Pilcher (2007), através de documentos do século XX, retratou a questão de gênero e saúde da Inglaterra do século XX. O trabalho com o título "*Childhood, gender and school health education in England*" mostrou através desses documentos que havia uma tendência binária no jeito de ensinar meninas e meninos sobre os cuidados com a saúde. Esses manuais tenderam a ser mais preocupados com as meninas, falando sobre gravidez, cuidado com a saúde da família, sexo e prevenção, primeira menstruação e etc. Pouca era a atenção dada aos meninos, mas o que se falava para eles era em relação a aquisição de força, através de treinamento físico e aquisição de habilidades para que assim estivesse inserido no mercado de trabalho. Como se pode ver, a tendência desses manuais era formar homens e mulheres, com perspectivas binárias, cada um com a sua função sexual. Os manuais só mudaram um pouco isso no ano de 1956 quando os meninos foram incluídos nos cuidados dos bebês e da família, trazendo para eles também essa responsabilidade. Apesar disso, os manuais daqui para frente enfatizavam mais a responsabilidade da mulher com a saúde da família e do homem, formando assim uma mulher doméstica, mãe, esposa etc. Já o homem aquele que provê o bem material, o sustento etc. Dessa maneira, por conta dos documentos utilizados e da análise que se realizou a pesquisa foi realizada dentro de uma abordagem biológica.

Sohn e Chun (2007) em seu trabalho "*Gender Differences in Sexual Behavior and Condom-related Behaviours and Attitudes among Korean Youths*" relataram o tema gênero observando o comportamento dos jovens coreanos em relação ao sexo e ao uso de preservativo. Como o texto levantou as diferenças de homens e mulheres concluiu-se que eles trataram do tema dentro da abordagem binária de gênero. Observou-se que os homens são mais propensos a usar preservativo, porém quando homens e mulheres são comparados na mesma faixa etária, nota-se que ambos não tem o costume ou não usam preservativo, correndo o risco de contágio, da gravidez indesejada e de doenças sexualmente transmissíveis. O aumento de jovens com doenças sexualmente transmissíveis e gravidez se dá pelo não uso do preservativo. A Coréia sempre é um país onde existe uma cultura de se preservar, de esperar até o casamento para realizar relações sexuais. Porém com as mulheres procurando ter mais educação, alcançando espaço no mercado de trabalho e a sua emancipação, a transformação dessa cultura tem ocorrido e cada

vez mais elas têm tido relações sexuais antes do casamento. As mulheres são mais vulneráveis no que diz respeito ao sexo seguro, pois elas são instigadas pelos parceiros a não usar preservativos para provar seu amor, para não quebrar o romantismo e a vontade. Além disso, elas se comprometem a ser fiéis, porém não recebem esse mesmo comprometimento, com isso elas correm mais riscos. Com o relaxamento dos costumes e o aumento dos problemas a Coréia tem ao mesmo tempo tentado reavivar os costumes e incentivar o uso de preservativos. Para isso, tem se visto a importância da educação sexual cada vez mais cedo nas escolas, para que o uso de preservativos e o conhecimento sobre sexo seja visto aos poucos e talvez assim mude essa trajetória de aumento de jovens contraindo doenças sexualmente transmissíveis.

English e Irving (2008) na sua pesquisa "*Reflexive Texts: Issues of Knowledge, Power, and Discourse in Researching Gender and Learning*" o tema gênero foi abordado como foco de uma pesquisa feita por essas pesquisadoras. Nesse artigo as autoras relatam como se dá o poder do governo e a resistência deles para elaborar um trabalho consistente sobre gênero encomendado pelo governo. Como é difícil fazer um trabalho que não tenha respostas já esperadas pelo governo. A base teórica delas é o pós-estruturalismo, elas o defendem e o abordam nessa pesquisa feita para o governo do Canadá. De acordo com as autoras, o pós-estruturalismo ajuda a complicar estruturas que parecem claras e hierárquicas e permite uma leitura contextualizada de gênero e de Foucault. No pós-estruturalismo feminista temos a oportunidade de explorar como o assunto é continuamente construído e co-existe com textos que foram constituídos e com trabalhos onde as contradições podem ser abraçadas. As feministas pós-estruturalistas são especialmente interessantes porque nos permite ir além da atenção das coisas das feministas liberais, como os direitos individuais das mulheres, o feminismo radical que é uma ação coletiva para a justiça social e o fim do patriarcado. As mensagens estruturais do feminismo ajudam-nos a ir além dos binários masculinos e femininos onde as práticas são essencializadas. Quando as mulheres querem falar de gênero e adotam uma postura biológica, geralmente se prendem aos direitos perdidos da mulher, a dominância masculina e a sua hierarquia, discriminações, patriarcado etc, questões próprias do feminismo. Muitas feministas discordam disso, acreditando que o pós-estruturalismo vai fazer com que retroceda os avanços que as feministas alcançaram ao longo dos anos.

Portanto, para o relatório do Conselho de Aprendizagem do Canadá as autoras sabiam que o governo até permitiria que algumas feministas falassem de gênero, mas com uma certa cautela que não agridem diretamente o governo e isso era esperado para esse relatório, uma forma de consolação, de igualdade de gênero para as mulheres. Ao contrário do que se esperava as autoras abordaram, por exemplo, do fato do gênero ter se tornado despolitizado. Para nós o gênero nem ficou inerte e nem despolitizado, pois estávamos cientes de que o gênero efetuava suas próprias tecnologias de poder, por exemplo, incentivando a postura de uma pesquisa feminista de reflexividade, como nós fizemos aqui. Ele também desafiou-nos a pensar sobre outros pesquisadores de gênero, identificando quem esta fazendo a pesquisa, sobre o que e qual a utilidade. Sentindo os efeitos de gênero as autoras exerceram a auto-disciplina apontando os erros dos acadêmicos dos pesquisadores de gênero e identificando quase todas as universidades como interessadas no gênero. Portanto, as autoras aqui além de desafiarem o poder, elas ressaltam a importância das autoras feministas redobrarem a sua reflexividade sobre gênero, pois podem estar sendo coagidas a escrever o que o governo as tem permitido.

Lagesen (2008) falou do gênero numa perspectiva biológica, retratando as diferenças dos dois sexos no que diz respeito a área da ciência da computação. "*A Cyberfeminist Utopia? Perceptions of Gender and Computer Science among Malaysian Women Computer Science Students and Faculty*"observou que a Malásia tem um grande número de mulheres na área tecnológica, o que é totalmente contrário ao ocidente e questiona-se se a Malásia seria o modelo para o mundo, ou seja, se ela viveria a utopia das mulheres estarem nessa área sem discriminação ou preconceito. Analisou-se que elas não só estão presentes nos cursos, mas também trabalhando a frente das universidades e que tem servido de exemplo para outras mulheres. A idéia da computação no ocidente é que é uma área do homem branco, algo bem patriarcal. Porém o caso da Malásia é inverso. Muitas delas entraram na área pelo gosto, pelas oportunidades de subir na carreira e alcançar bons salários. Mas muitas delas entraram na carreira por causa dos incentivos do governo a essa área. Por ter muitas mulheres nos cursos, por ter aumentado a educação das mulheres elas tem sido mais ativas na política, na religião e no feminismo regional e global, ou seja, elas têm ampliado o seu discurso, seus argumentos e conseguido entrar nos debates. Essa seria uma postura bem diferente do que elas foram

obrigadas a tomar no final dos anos 70 e início dos anos 80, onde elas tinham que seguir um modelo mais contido de mulher onde elas não deveriam competir com os homens no mercado de trabalho e que elas deveriam assumir postos onde elas servissem, por exemplo, como professor, enfermeiro etc. Porém desde meados dos anos 80 esse discurso se tornou menos proeminente. A característica comum nesses dois discursos é o papel da mulher estar entre mãe e esposa, porém nos dois há um conflito no que diz respeito ao trabalho.

O que considerou-se nesse trabalho foi a influência dos pais por melhores salários e oportunidade de ajudar ou até mesmo sustentar a família. Muitas queriam galgar isso tudo e manter a tradição de respeitar os pais e por isso escolhiam a área. Muitas delas sentiam o peso da mistura de algumas questões do ocidente como a independência financeira e a influência por manter a sua própria cultura de ser uma boa esposa, mãe e respeitadora dos pais. Com isso, conclui-se que a Malásia não é uma utopia, que por trás da escolha e respeito aos pais há ainda um patriarcalismo. Porém em relação a tecnologia na Malásia, isso não é visto como algo de homem.

Connell (2009) no artigo "*Long Marches: Gender politics and gender research in Australian perspective. Public lecture for the conference on 'Two Decades of Gender and Difference' to celebrate the work of Chilla Bulbeck*" analisou o trabalho de Chilla Bulbeck para tratar das mudanças de gênero ocorridas na Austrália. Dessa forma, considerou-se que o assunto gênero foi analisado numa perspectiva pós-estruturalista. Mostrou-se que em 1950 tudo estava focado no homem, em exaltá-lo, em colocá-lo numa posição acima e que as mulheres estariam numa posição de coadjuvantes, escondidas. Em final de 1950 e início de 1960 há uma mudança de cenário devido as mulheres assumirem postos de trabalho e assim inicia-se o movimento feminista e a luta das mulheres pela igualdade de gênero. Muita literatura é produzida a respeito disso, nesse clima de revolta. Estudou-se durante muitos anos de onde vinha essa divisão sexual do trabalho, de onde vinham esses papéis sexuais de gênero. A divisão sexual do trabalho é resultado da colonização britânica que instaurou a separação, inclusive no ensino e principalmente para crianças ricas, para as pobres isso era muito caro. Isso mudou drasticamente no século XIX, quando o cenário no mercado de trabalho mudou e não se sustentava mais, apenas mulheres no lar. Os estudos na Austrália queriam saber de onde surgiu essa hegemonia, esse patriarcalismo e descobriu-se que essas diferenças e essa hierarquia não foi instaurada por questões de poder e sim por acordos sociais entre

os aborígenes, ou seja, descartando toda aquela idéia de hierarquia, de dominância biológica. Os estudos de Chilla levaram Connell à reflexão sobre as condições de gênero e como poderíamos proceder para alcançar a igualdade de gênero.

Realizou-se essa pequena descrição de cada texto para que fique indicado como cada artigo abordou o gênero e dentro de que contexto social estava inserida essa análise. A análise cronológica destes textos mostra como o gênero tem sido abordado nos mais diversos assuntos da vida cotidiana. Além disso, pode-se notar ao longo dos anos que a abordagem mais predominante era a perspectiva binária de gênero. A grande parte dos textos realizou uma análise que demonstrava as diferenças sexuais entre homens e mulheres e como os homens estavam mais em vantagem nas mais diversas áreas, enquanto que as mulheres na sua grande maioria buscavam estar em igualdade de direitos. Porém, observou-se que analisar o gênero numa perspectiva pós-estrutural, ou seja, acreditando que o mesmo é construído socioculturalmente não é algo recente. Pode-se notar que de tempos em tempos alguns dos textos analisados referiram-se ao gênero por essa abordagem. Dessa maneira para uma análise mais detalhada deve-se considerar o gráfico a seguir onde se salienta essa questão.

3.2 Perspectivas de Gênero

A linha do tempo no ano de 1990 marca o movimento feminista, apesar deste ter sido iniciado nos anos 60. Os textos estudados mostram que nesse período é que este movimento começa a ganhar espaço, conquistar prestígio e força (ARNOT, 2006; BLOOM, OWEN, DESCHENES, ROSENBAUM, 2002; BOK, 2004; CONNELL, 1998, 1992, 1994, 2005, 2002, 2009).

A luta feminista buscava a igualdade de gênero, e ganhou reconhecimento, espaço, voz e para tal, as pesquisas de gênero tiveram grande impulso. Nesse período os estudos feministas se dedicaram ao tema das mulheres, esses foram pensados para elas e desenvolvidos por elas. O que poderia ter sido uma luta para a igualdade de gênero tornou-se uma luta sexista, em favor das mulheres, por exemplo: falando sobre o mercado de trabalho para mulheres e rejeitando os papéis sexuais tradicionalmente determinados. Por conta dos exageros na ênfase sobre a

mulher, o movimento perde um pouco a credibilidade (MCLEOD, 2005). É importante ressaltar que isto acontece devido ao reconhecimento de acadêmicos e da população em geral sobre a desigualdade existente entre os sexos que exacerbava a masculinidade e o poder do homem em detrimento da mulher.

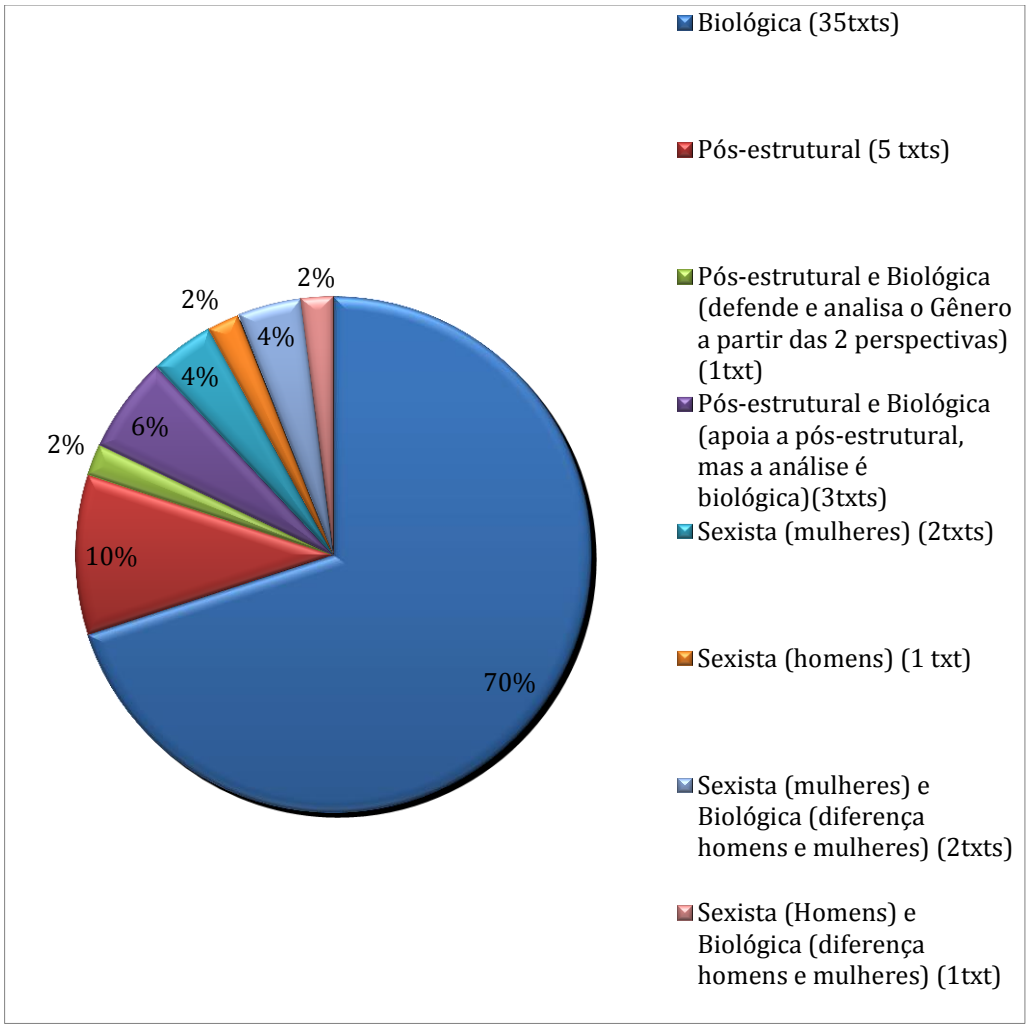
O propósito inicial do movimento feminista foi lutar pela igualdade de gênero, pensava-se em inverter a balança da dominância masculina em favor das mulheres. Pode-se afirmar que com o movimento algumas mulheres começaram a transpor a barreira da dominação masculina e visualizar a dominância feminina enquanto meta para o movimento.

As feministas pareciam querer mostrar que como estiveram muitos anos atrás dos homens, escondidas, sendo submissas, elas agora podiam tomar a liderança. Então, essa postura pró-mulher foi interpretada como contra os homens, e a questão da igualdade ficou em suspenso, o que gerou muito conflito à época.

Esse conflito existiu e existe até hoje, na luta da mulher, porque muitas feministas discordavam dessa luta e enfatizavam que as mulheres deveriam buscar a igualdade de gênero de forma que prevalecessem às diferenças que as tornam distintas dos homens. No Brasil o movimento teve pouca força, mas culmina na contemporaneidade com a criação das delegacias da mulher e de uma secretaria nacional com status de ministério dedicada a mulher.

Esse contexto se materializa nas análises dos textos examinados nas diferentes abordagens abordadas para os estudos de gênero, onde a perspectiva biológica marca uma tendência à divisão dos sexos. Dessa maneira, a medida que os artigos eram analisados entendia-se a posição que os autores adotavam para defender a temática de gênero. Assim, dessa análise preponderam três tipos de perspectivas sobre os estudos de gênero, a saber: a biológica, a pós-estrutural e a sexista, como pode ser observada no gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1 - Perspectivas de gênero nos textos pesquisados



Fonte: O autor, 2013

Como mostra o gráfico 1 acima, 35 (trinta e cinco) textos, apostam na perspectiva biológica como forma de argumentação. Cinco defendem a perspectiva pós-estruturalista, que argumentam que gênero é uma categoria de estudos construída socialmente. Uma pesquisa analisou o gênero utilizando-se das duas abordagens, pós-estrutural e biológica. Três pesquisas defenderam a perspectiva pós-estrutural, que analisa a questão de gênero numa perspectiva crítica sócio-antropológica onde as diferentes formas de entendimento sobre as interações de gênero são consideradas, porém no momento da análise optaram pelo uso da abordagem biológica. Ainda na amostra acima descrita, três dos 50 textos abordaram o gênero de maneira sexista, sendo que deste, dois estudaram as mulheres e um os homens, abordando como eles estavam perdendo espaço na luta pela igualdade engendrada pelas mulheres.

Três dos textos mantiveram as abordagens sexista e a biológica, pois falaram das diferenças entre homens e mulheres, mas focaram-se na preferência a um dos sexos, dois desses textos centraram-se nas mulheres e um nos homens. Por fim, dois textos debateram a temática gênero não enfatizando uma ou outra perspectiva, mas apenas discorreram sobre os aspectos das duas.

Ao observar o gráfico 1, centrando-se nas análises das perspectivas de gênero adotada, pode-se notar que a luta de gênero caracterizou-se por exaltar distintamente aspectos sobre os homens e sobre as mulheres, enfatizaram as peculiaridades sexuais que cada um tinha, nas diferentes áreas: política, educação, mercado de trabalho, etc. A luta de gênero, portanto, tornou-se uma guerra dos sexos porque a cada trabalho considerou-se que homens e mulheres falavam um ao outro e como estavam sofrendo com as diferenças entre eles, falavam ainda sobre como essas desigualdades estavam afetando o seus espaços na arena social. Esse debate fica evidente quando nas análises reveladas pela linha do tempo delineada nesta dissertação pela tabela 3 mostrada na página 44.

A análise dos trabalhos desenvolvidos na última década denota que apesar da perspectiva de gênero pós-estruturalista estar presente no discurso acadêmico desde os anos 90, ou seja, no auge do movimento feminista, parece que há um certo receio por parte dos pesquisadores em utilizar esta perspectiva como base para suas análises. As análises pós-estruturalistas aparecem, na linha do tempo, intercaladas nos anos de 1993,1998, 2001, 2003,2004, 2005, em dois trabalhos no ano de 2006, 2008 e 2009. Isso pode ser um indício do receio que os autores desses estudos tiveram em serem associados às lutas exclusivamente feministas. Depreende-se pela leitura que optar pela perspectiva pós-estruturalista significa perder o que já foi conquistado por esse grupo. Isto é, optar pelas análises de gênero para tratar das diferentes formas de construção e de manifestação de gênero parece colocar em risco os ganhos adquiridos pelas mulheres durante as lutas feministas.

Este fato torna-se evidente pela dificuldade que as mulheres têm, até hoje, em se filiarem ao movimento feminista que muitas vezes é entendido como um machismo ao contrário, pois concordando com essa visão de gênero estariam supostamente se igualando aos homens, abrindo assim, um espaço para que a dominância masculina se fortaleça ainda mais, fazendo com que a mulher retorne a

posição de subordinação e aos seus antigos papéis sexuais historicamente determinados.

> Teóricos políticos feministas perguntam como tais conceitos de cidadania podem, simultaneamente, tratar de questões sobre a igualdade de gênero e diferença de gênero, simultaneamente muitas vezes de forma independente, **pedagogos feministas têm considerado o mesmo dilema sobre como educar os alunos usando a igualdade de gênero, como tema e ao mesmo tempo celebrar diferença** (ARNOT, 2006, p. 132; tradução e grifo da autora).

E, portanto nessa contradição entre igualdade e diferença que as feministas vivem, pois elas tem que lutar pela a igualdade ao mesmo tempo que celebram as diferenças. É necessário declarar que nem todas as feministas compartilham dessa ideia de não discutir o gênero na perspectiva pós-estruturalista. Algumas feministas, dentro desse contexto, afirmam que o pós-estruturalismo ajuda a complicar estruturas que parecem claras e hierárquicas permitindo uma leitura contextualizada de gênero. Quando as mulheres querem falar de gênero e adotam uma postura biológica, geralmente se prende aos direitos perdidos da mulher, a dominância masculina e a sua hierarquia, discriminações, patriarcado etc..., questões próprias do feminismo. (ENGLISH, IRVING, 2008)

> No pós-estruturalismo feminista temos a oportunidade de explorar como o assunto é continuamente construído e coexiste com textos que foram constituídos e com textos onde as contradições podem ser abraçadas. As feministas pós-estruturalistas são especialmente interessantes porque nos permite ir além da atenção das coisas das feministas liberais, como os direitos individuais das mulheres, o feminismo radical que é uma ação coletiva para a justiça social e o fim do patriarcado. As mensagens estruturais do feminismo nos ajudam a ir além dos binários masculinos e femininos onde as práticas são essencializadas. (ENGLISH, IRVING, 2008, p.270-271; tradução da autora).

Porém, nesse conflito, em meio ao temor da dicotomia entre os sexos e manutenção das desigualdades, as categorias originárias dos textos e pesquisas de gênero se repetem. O que encontra-se nesses trabalhos é uma constante manifestação de que os homens são diferentes das mulheres e vice-versa. É quase possível ver nesses trabalhos o discurso de que um sexo esta sofrendo mais por causa do outro, que a sociedade é patriarcal, dominada por homens e que as mulheres sofrem por isso. Que os homens são os líderes, predominantes, fortes, provedores enquanto que as mulheres são submissas, passivas, meigas. Essas

diferenças são ressaltadas nos mais diversos campos como educação, política, conhecimento, mercado de trabalho, saúde, esportes, tecnologia entre outros assuntos.

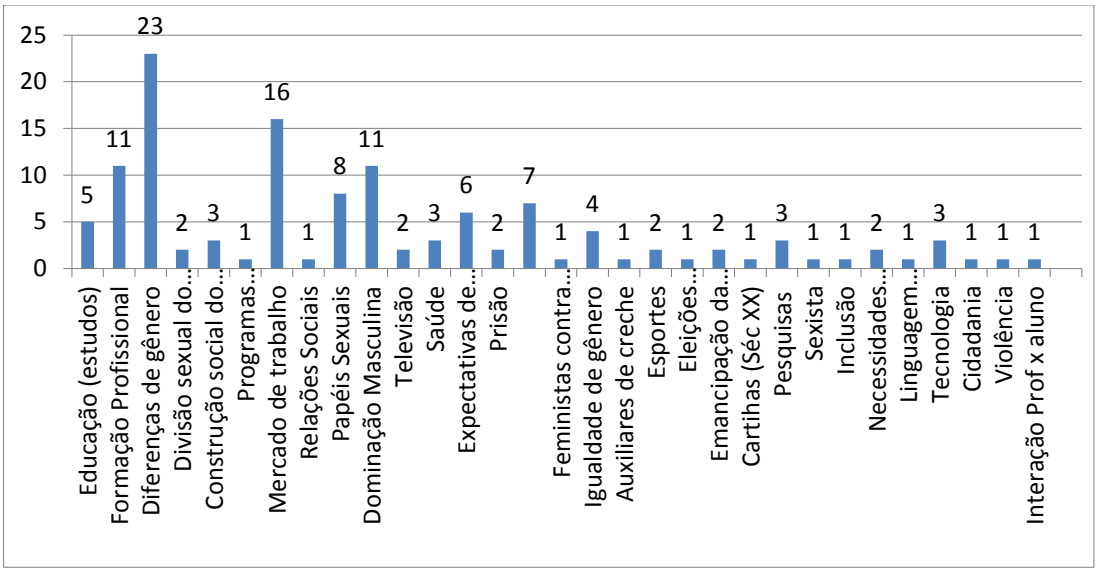
3.3 Diferenças de Gênero nas Categorias de Análise Derivadas nas Pesquisas Estudadas

Ao estudar as pesquisas de gênero soma-se a ideia de que grande parte dos textos de gênero foram analisados nos mais diversos contextos sociais. Acrescenta-se a ideia de que a maior porção deles tinha a característica peculiar de analisar o tema gênero dentro de uma abordagem biológica/ binária. A consequência desse somatório é que a maioria dos textos analisou o gênero ressaltando como as mulheres estão em desvantagens em relação aos homens nas mais diversas áreas sociais.

Dessa forma, optou-se por destacar quais seriam as categorias mais recorrentes, ou seja, quais seriam as temáticas onde essas diferenças sexuais de gênero causariam mais impacto no contexto social.

As primeiras análise permitiram que fosse gerado o gráfico 2, ou seja, as categorias se revelavam a partir das primeiras leituras e da escrita dos primeiros mapas conceituais como se pode verificar abaixo;

Gráfico 2 - Perspectivas de gênero: frequência das categorias



Fonte: O autor, 2013

O gráfico 2 mostra a frequência das categorias derivadas da leitura e análise conceitual dos textos estudados. Elas significam as áreas de confluência onde as pesquisas questionaram as diferenças entre homens e mulheres.

Na área da educação o que foi verificado que os professores tendem a dar mais atenção aos homens do que as mulheres. Além disso, as mulheres sofrem com uma educação de qualidade inferior, pois sem a mesma atenção dos homens elas são afastadas, por exemplo, das áreas de matemática, de mecânica, de engenharia, etc..., onde constata-se que são as matérias nas quais as mulheres demonstram ter maiores dificuldades. Isso, consequentemente, as leva a não escolher cursos que contenham essas disciplinas.

Hoje as mulheres estão tendo que lidar com a mudança dos papeis sexuais, elas além de assumirem o cuidado dos filhos e da família estão lidando com as finanças e alcançando novos espaços no mercado de trabalho. Elas precisam estar em carreiras que lhes deem estabilidade financeira (JONES, 1989; FOSTER, 1999; VALIENTE, 2002; ENSLIN, TJIATTAS, 2006; ROBEYNS, 2006).

Essa diferença na educação se agrava ainda mais para elas quando se inclui a discussão sobre necessidades educacionais especiais. O que se vê nos estudos e pesquisas é que os homens são mais identificados com necessidades educacionais especiais e por isso no que diz respeito a sua aprendizagem na escola, estão sempre sobre cautela e cuidado. Enquanto isso as mulheres são menos

identificadas e acabam sofrendo com a falta de atenção, mesmo quando precisam de uma educação especial (COUTINHO, OSWALD, 2005; LINGARD, MILLS, 2007).

Os textos mostraram que essa diferença na sala de aula só é invertida, quando as mulheres estão em maior número que os homens ou quando quem esta a frente da classe é uma professora (KLEIN, 1994; DAVIES, 2003; BRUTSAERT, HOUTTE, 2004; KOBLITZ, 2005; BROWN, CERVERO, JOHNSON-BAILEY, 2000; CHING, BASHAM, JANG, 2005). Quando elas estão em maioria elas se tornam mais unidas em seus discursos, se defendem, abraçam a causa uma da outra, lutam contra o sexismo e tendem a ser contra os homens. Já os homens no seu discurso tendem a provar a sua heterossexualidade, tomando cuidado com as palavras que expressam, eles ridicularizam os gays e afeminados e por fim, afirmam como as mulheres são submissas às suas decisões, afirmando isso com muita cautela (DAVIES, 2003; KOBLITZ, 2005). Já quando há uma professora mulher na sala de aula, observa-se que há uma maior participação das alunas mulheres, pois as docentes criam um ambiente favorável para que haja uma discussão do quadro social de gênero dominante, criado pelos homens.

Então dessa maneira as alunas ganham espaço para falarem, expressarem os seus pontos de vista, debaterem, vencendo dessa forma a timidez e a subserviência (BROOKFIELD, 1986; GALBRAITH, 1991; KNOWLES, 1980; APPS, 1991; SEA MAN, FELLENZ, 1989; BARER-STEIN, DRAPER, 1993; LENZ, 1982; SON-BAILEY, CERVERO, 1996; SLEETER, GRANT, 1988; TISDELL, 1993).

Os textos também retratam as diferenças entre homens e mulheres na educação, porém algumas pesquisas têm afirmado que a busca pela igualdade de gênero tem prejudicado os homens, ou seja, tem provocado a perda de espaço, do domínio, a autonomia, que eles têm sido esquecidos (MONTECINOS, NIELSEN, 1997; PEACE, 2003; CONNELL, 2002; CONNELL, 2005).

Observa-se que nos anos 90, quando o movimento feminista começou a ter as suas primeiras conquistas, mulheres ganharam espaço no mercado de trabalho, na política, na educação, em lugares antes dominados apenas por homens, começou a haver um movimento contrário a isso. Nota-se que nesse período houve uma queda no rendimento escolar dos alunos do sexo masculino enquanto que ao mesmo tempo, cresceu o número de alunas dentro das salas de aula e o seu rendimento estava sendo melhor que o deles. Diante desse contexto, os programas de igualdade de gênero tiraram o seu foco das alunas e voltaram para os alunos,

pois alegava-se que eles, agora, eram o sexo desfavorecido nas escolas (CONELL, 2002, p. 324). E dessa, forma voltou-se a atenção dada aos alunos, fazendo com que alguns avanços do movimento feminista retrocedesse, preservando assim a cultura dominante masculina.

Ao observar no gráfico 2 que as categorias que mais aparecem nos estudos são as que abordam as diferenças de gênero entre homens e mulheres, dentro da perspectiva biológica atenção especial é marcada sobre essas diferenças nas categorias: mercado de trabalho e formação profissional.

Os estudos mostram como as mulheres perdem em relação aos homens em termos de formação, de posição profissional e em termos de renda salarial (ARNOT, 2006; BLOOM, OWEN, DESCHENES, ROSENBAUM, 2002; BOK, 2004; BROWN, CERVERO, JOHNSON-BAILEY, 2000; BRUIJN, VOLMAN, 2000; CHING, BASHAM, JANG, 2005; FOSTER, 1999).

Existe uma certa hierarquização do homem branco sobre as mulheres (FOSTER, 1999), eles alcançam cargos melhores e que remuneram melhor. Há uma cultura de que existem “trabalhos de homens” (BRUIJN, VOLMAN, 2000) e o que ocorre é que por muitas vezes a mulher tem a mesma formação, alcança cargos semelhantes, porém por não ser reconhecida nas suas competências e habilidades acaba por receber salário menor e ser considerada inferior ao homem que ocupa o mesmo posto de trabalho (KLEIN, 1994; FOSTER, 1999; CONNELL, 2002; VALIENTE, 2002; ROSEMBERG, 2003; CONNELL, 2005; CONNELL, 2009). Isso ocorre nas diversas áreas de trabalho e essas diferenças aumentam quando elas decidem envolver-se no mercado de finanças e tecnologia, ou seja, quando elas buscam ingressar nas áreas dominadas pelas habilidade em matemática ou computadores. Pode-se constatar isso nas citações abaixo:

> Pesquisas nos últimos 20 anos têm mostrado que o gênero tem sido um fator para disparidades. **As meninas não se matriculam em cursos de informática, tem menos interesse, não entram em clubes ou grupos de informática depois da escola, gastam menos tempo com computadores em casa e escolhem menos carreiras ligadas as ciências da computação ou afins.** (CHING, BASHAM, JANG, 2005; tradução e grifo do autor)

Verifica-se o mesmo discurso nessa outra citação:

> Evitar a discriminação sexual não é o suficiente. **Meninos e meninas aprendem através da mídia de massa, das pressões do grupo, da família para que façam atividades "apropriadas" para o seu sexo. Com isso, os meninos tendem a fazer mais atividades de mecânica, cientifica com brinquedos, ganhando conhecimentos práticos tridimensionais. Já as meninas não são propensas a fazer isso e sofrem sérias desvantagens. Quando as meninas têm essas chances é mais tarde.** Os professores, portanto, devem reconhecer que elas estão em desvantagem e sofrem mais discriminação por causa da nossa sociedade machista e com isso fornecer a elas essas experiências que lhes faltam. (CURRAN, 1980, p.31; tradução e grifo do autor).

Observa-se através das citações acima que há uma dominação masculina, existe a predominância de uma sociedade patriarcal imbuída de valores enraizados ha décadas. Isso prejudica as mulheres e o próprio mercado de trabalho, pois ele busca um profissional que seja multitarefas, cheio de habilidades e competências não importando qual é o sexo do individuo. Portanto, oferecer oportunidades de debate, de reflexão a respeito do gênero na sala de aula e em outros espaços, oferece oportunidades para desenvolver uma pedagogia crítica da diferença que vai avançar para a desconstrução desses valores enraizados (ARNOT, 2006; BANWART, 2007)

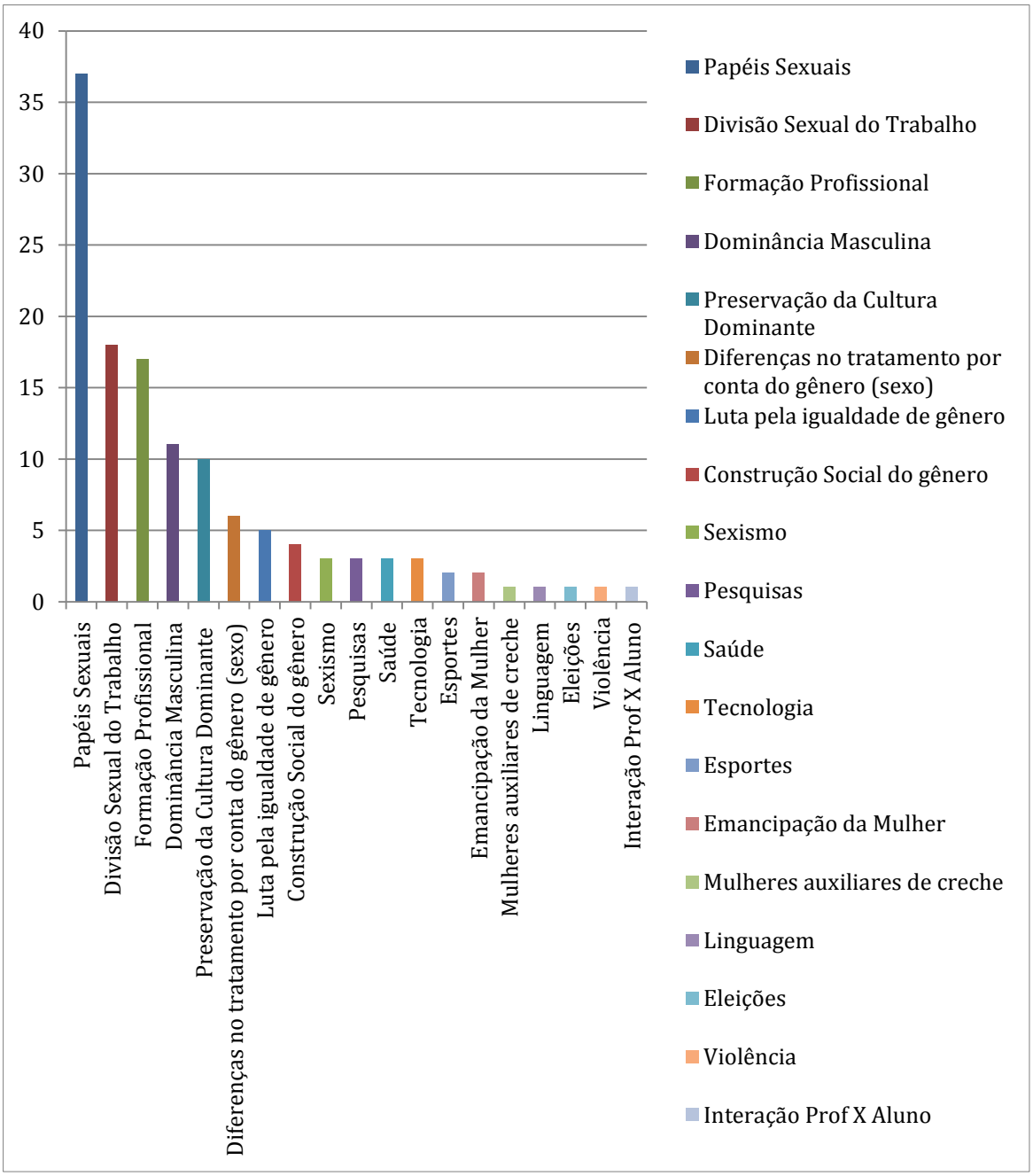
Através da segunda citação acima, pode-se notar também a influência das mídias de massa nessa preservação da cultura dominante. A televisão e os seus programas têm grande colaboração para sustentar esse cenário, pois enfatizam os papéis sexuais do homem e da mulher (LONG, BOLARSKY, THAYER, 2001; RIVADENEYRA, 2005). Isso se estende não só para as mídias de massa, mas nas tecnologias (LOSH, 2004; CHING, 2005; LAGESEN, 2008), na política (BANWART, 2007; HEMMINGS, 2006; PILCHER, 2007), nas unidades prisionais (BLOOM, 2002; BOK, 2004; SPARK, HARRIS, 2005), nas pesquisas e estudos acadêmicos (CONNELL, 1998; IVINSON, 2001; ROBEYNS, 2006).

O que se ressalta em alguns estudos é a falta de interesse do governo em incentivar as mulheres para que sejam mais críticas e reflexivas (BLOOM, 2002), para que elas se formem em mestras e doutoras para que assim possam estar à frente de pesquisas acadêmicas, a frente das pós-graduações, das produções textuais, estimulando assim um novo pensamento, uma nova reflexão a respeito do gênero (IVINSON, 2001). O que se propõem é que deem oportunidades iguais de incentivo à pesquisa, de entrada nos programas de pós-graduação, de possibilidade de publicação etc. (FOSTER, 1999).

De certa maneira, todas as diferenças apontadas no gráfico 2 serão analisadas no decorrer da dissertação. Ao prosseguir com as análises das categorias, identificou-se que dentro desse contexto algumas delas tinham características semânticas semelhantes, ou seja, uma categoria estaria imbricada dentro da outra com o mesmo sentido. Por exemplo, as categorias mercado de trabalho e divisão sexual do trabalho estariam relacionadas. Em alguns textos trabalhava-se com a terminologia mercado de trabalho e determinavam que algumas profissões eram denominadas como profissões masculinas enquanto outras eram consideradas como cargos para mulheres, ou seja, já faziam a exclusão antecipada das características pertinentes a cada sexo.

Algumas pesquisas mostravam que a exclusão acontecia dentro do ambiente de trabalho Keay (2007), por exemplo, mostrou como a predominante posição dos homens tornando as opiniões e as alternativas de mudança das mulheres como inválidas. Dessa forma, o gráfico 2 mostra a divisão entre duas categorias - mercado de trabalho e divisão sexual do trabalho, porém ao analisar num contexto geral e o imbricamento das categorias derivadas das análises viu que havia interrelações entre algumas dela, assim optou-se por unificar as categorias a partir da sua pertinência em termos de significado. Gerando assim o gráfico 3 abaixo com as categorias interrelacionadas.

Gráfico 3 - Perspectivas de gênero: categorias agrupadas por semelhança temática



Fonte: O autor, 2013

O gráfico 3 mostra o agrupamento das categorias levantadas no gráfico 2 mostrado na página 82 agora dando relevância ao imbricamento temático por semelhança de significado. Ele demonstra que os papéis tradicionais de gênero, as funções sexuais, os problemas no trabalho, nos processos de aprendizagem enfim,

essas diferenças sexuais, vem se perpetuando e confirmando a dominação que os homens exercem sobre as mulheres, mostra ainda que o que mais tem incomodado os teóricos é essa divisão sexual de papéis. O foco de lutar pela igualdade falando das diferenças foi o caminho que autores e autoras encontraram ao longo dos anos para tentar minimizar as diferenças e sonhar com a utopia de uma sociedade livre das divisões de gênero. Porém, focar apenas nas diferenças e na determinação do gênero pelo sexo é limitar o estudo desta temática.

O tema gênero precisa ser investigado nos seus mais diversos campos, sendo analisado dentro das abordagens pós-estrutural, sexista entre outras. Ao analisar o tema é possível fazer comparações entre as produções sendo possível assim pensar em novas possibilidades para se alcançar uma sociedade livre das desigualdades de gênero.

Mais a frente, este trabalho estará descrevendo mais detalhadamente as pesquisas de gênero. Porém, pode-se afirmar que há tendências nesses estudos, como por exemplo, estudar gênero através da pesquisa do tipo etnográfica, abordando a questão da hegemonia masculina, o patriarcalismo, as funções e os papéis sexuais. Isso ocorre porque parece ser mais fácil investigar os papeis e as diferenças sexuais, do que entender o gênero numa perspectiva das masculinidades e feminilidades, a partir dos discursos pós-estruturalistas (CONNELL, 1998; 2005; 2009).

O gráfico mostrou outras categorias que apareceram nas pesquisas citando a questão das diferenças, a vantagem que um sexo tem em detrimento do outro, geralmente os homens são mais privilegiados que as mulheres. Isso geralmente esta ligado a um contexto que mostra como o sexo que tem menor atenção sofre em determinada área por desse “desprezo”. As categorias que apareceram foram saúde, violência, eleições, cidadania e mostram exatamente isso.

Acredita-se que para romper com a tendência da divisão de sexo na abordagem de gênero, da cultura masculina como dominante, das ordenações de gênero que estão enraizadas nas sociedades se faz necessário observar o que as pesquisas têm mostrado. E isso, foi o que se buscou realizar nesta dissertação. Constataram-se poucos avanços em termos da discussão de gênero ao longo dos anos. E, através da análise das metodologias utilizadas na pesquisas estudadas, assim como no levantamento dos principais autores utilizados pelos estudos sobre gênero e educação.

No Capítulo 4 que se segue nesta dissertação serão apresentadas as metodologias utilizadas nas pesquisas estudadas de modo a identificar não somente se essas se pautaram por abordagens etnográficas, como afirma Connell (1998; 2005; 2009) ou se fizeram outras opções metodológicas e quais as consequências para os resultados obtidos por esses estudos.

4 METODOLOGIAS UTILIZADAS PELOS TEXTOS DAS PESQUISAS ESTUDADAS

Ao considerar as abordagens de gênero presentes nos textos estudados fez com que surgissem algumas questões a respeito dessas pesquisas. Questionar por exemplo quais as metodologias que essas pesquisas estariam usando com maior frequência? Pois grande parte das pesquisas realizava análises sobre gênero numa concepção sexual binária. Dessa forma se quis observar se elas utilizavam metodologias semelhantes ou diferentes e como essas se caracterizavam.

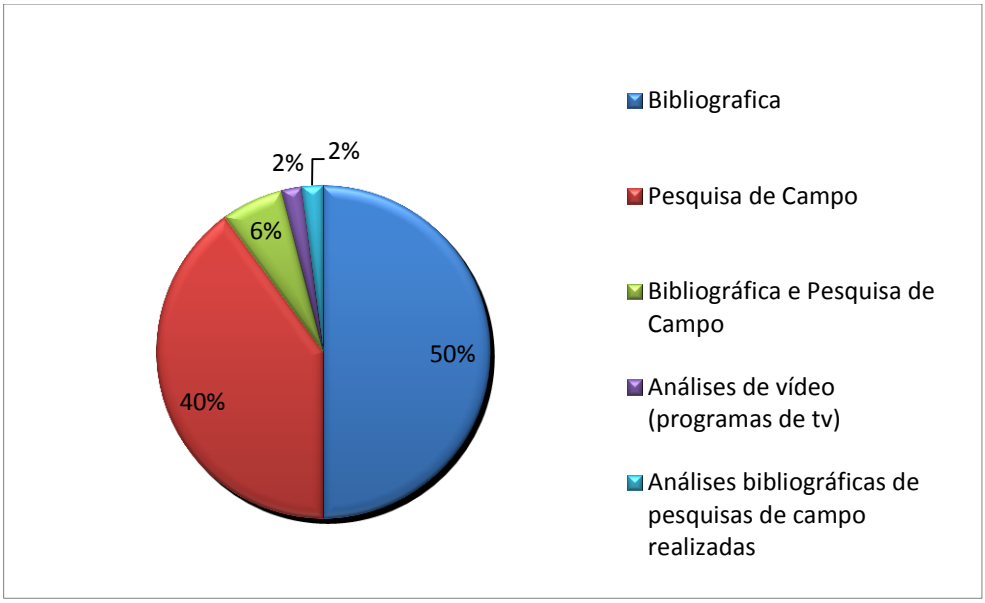
Neste capítulo o objetivo foi entender como as pesquisas têm discutido a temática de gênero e quais as maneiras escolhidas para estudá-la. Verificou-se no capítulo 1 que nos estudos investigados para esta dissertação existe uma tendência para a abordagem de gênero na perspectiva biológica e os temas estudados pelos autores quase sempre giram em torno das diferenças sexuais e a optam por explorar predominantemente, como pessoas do sexo masculino.

Nesse contexto, a partir das análises dos textos foram elaborados os três gráficos: o primeiro mostrando as metodologias que cada pesquisa utilizou para suas análises; o segundo explorando os instrumentos de preferência dos autores para a coleta dos dados; e, o terceiro demonstrando a abordagem analítica utilizadas pelos autores para a elaboração dos resultados.

4.1 Os tipos de metodologias utilizadas pelos textos estudados

No gráfico 4, a seguir, observa-se que a maior parte dos trabalhos utilizou a abordagem da pesquisa bibliográfica centrada na análise de artigos e pesquisas científicas. A segunda abordagem metodológica de preferência foi a pesquisa de campo que foi descrita através de diversas denominações e em menor número tem as metodologias que foram menos utilizadas.

Gráfico 4 – Metodologias utilizadas nas pesquisas estudadas



Fonte: O autor, 2013

Ao observar as duas metodologias de maior recorrência, constata-se que apesar de haver um maior número de pesquisas bibliográficas, 60%, em comparação com as pesquisas de campo, a segunda, obteve-se um percentual de 40%. Portanto, não houve uma diferença significativa entre os tipos de metodologia, pois além da pouca diferença numérica entre ambas, verifica-se que houveram pesquisas que mesclaram as duas metodologias, em suas produções.

Quanto a forma com que utilizaram os dois tipos de metodologia foram duas. A primeira maneira tendo a revisão bibliográfica no início ou no final do texto e desenvolvendo as análises para confirmar as hipóteses previamente construídas. Nessa primeira opção têm-se as duas formas pesquisar juntas, não dando muita margem para os aspectos inovadores ou novas construções teóricas. Entretanto, na segunda abordagem onde foram utilizadas duas metodologias, em geral a revisão bibliográfica vem no início do trabalho ou ao final dos procedimentos de análises dos dados de campo, com o intuito de com base nos dados empíricos levantados orientar os dados teóricos encontrados dando uma direção epistemológica ao texto.

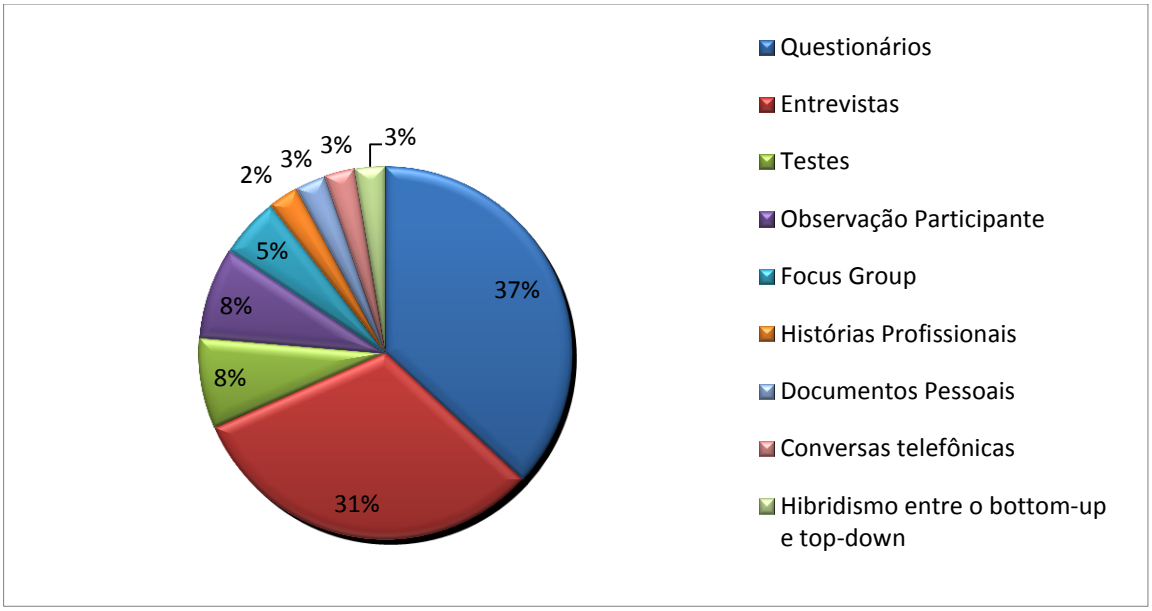
Por fim, observou-se que alguns autores utilizaram vídeos já gravados por outras pesquisas de campo. Nestes textos as pesquisas utilizadas usaram como corpus de dados as gravações de vídeos de programas de TV, já televisionados. Neste caso considerou-se que esta metodologia revisitou dados anteriormente analisados com outra função, como por exemplo, para entretenimento. Entretanto,

as pesquisas que analisaram novamente trabalhos de campo, tiveram como característica as análises do campo pesquisado e, além disso, todos os dados derivados da mesma. Neste tipo de texto verifica-se que a revisitação dos dados de pesquisa se deu de modo a evidenciar aspectos que na primeira pesquisa não haviam sido demonstrados. Entende-se que neste caso o campo pode variar as interpretações de acordo com o pesquisador e o objeto do seu estudo. Por exemplo, uma pessoa que analisa vídeos de uma sala de aula, pode em um momento analisar o professor, em outro momento analisar o aluno, num terceiro momento analisar a interação professor X aluno, a interação professor X professor, analisar apenas alunos brancos, apenas alunos negros, apenas meninas, apenas meninos, enfim, as análises variam infinitamente em acordo com as perguntas que se deseja responder.

4.2 Tipos de instrumentos utilizados para a coleta de dados pelas pesquisas estudadas

Seguindo as análises partiu-se para observação dos instrumentos utilizados nas pesquisas de campo e elaborou-se o gráfico 5, abaixo onde verificou-se que ao realizar pesquisa de campo diversos instrumentos de coleta de dados foram utilizados, houve predominância de alguns em relação a outros. Entretanto, de uma forma ou de outra, os instrumentos mencionados foram: questionários, entrevistas, testes, observação participante, grupo focal, histórias profissionais, documentos pessoais, conversas telefônicas e o hibridismo entre o bottom-up e o top-down. Como se vê no gráfico 5:

Gráfico 5 - Instrumentos de coleta de dados utilizados nas pesquisas estudadas



Fonte: O autor, 2013

Observa-se que os instrumentos mais usados para coleta de dados foram os questionários. Eles funcionavam basicamente da mesma maneira como são utilizados em pesquisas quantitativas. O participante da pesquisa teria que marcar um “X” em uma resposta fechada por múltiplas escolhas ou tinham que respondê-lo de acordo com uma escala numérica, de 1 à 5, ou de 1 à 3, ou de 1 à 10, onde o primeiro número significava algo pouco intenso, pouco significativo e o último número o contrário, o inverso. Por exemplo, alguns questionários que usavam a numeração de 1 à 3, tinha o 1 como insatisfeito, o 2 como pouco satisfeito e o 3, o último número, como muito satisfeito, exatamente o inverso do 1. Estes tipos de questões prevaleceram nos textos estudados.

O segundo instrumento de pesquisa mais utilizado pelas pesquisas estudadas foram às entrevistas. Destacaram-se na caracterização do tipo de entrevistas as estruturadas, as diretivas (ou fechadas) e as semiestruturadas. Observou-se que nenhuma pesquisa utilizou a entrevista aberta e apenas uma entrevista foi semiestruturada, todas as outras entrevistas foram fechadas. As entrevistas fechadas são aquelas que apresentam roteiro pré-estabelecido, elas buscam responder perguntas estruturadas, e organizadas previamente não dando espaço para que o entrevistado possa falar livremente, isto é;

> [ela parte da] premissa de que todas as respostas devem ser comparáveis com o mesmo conjunto de perguntas e as diferenças refletirão as diferenças

> entre os indivíduos. As questões devem ter o mesmo significado, podendo haver liberdade na escolha das palavras, na sequência e no momento de fazê-las. Na entrevista não estruturada, não padronizada ou não estandardizada o entrevistador nem sempre tenta obter o mesmo tipo de resposta usando o mesmo tipo de perguntas. Tem sido referida como entrevista em profundidade, intensiva ou então denominada entrevista qualitativa. O propósito é obter as informações com as próprias palavras dos respondentes, obter descrição das situações e elucidar detalhes (CASSIANI, CALIRI, PELÁ, 1996, p. 79).

O terceiro instrumento de pesquisa mais utilizado nos trabalhos estudados foram os testes. Eles se caracterizam da seguinte forma, o pesquisador estimula o participante a responder ou reagir a algum estímulo cuja reposta é fechada, determinada por alguma tabela ou escala. Os testes se assemelham aos questionários, pois são instrumentos fechados, mais quantitativos do que qualitativos. Eles não permitem a liberdade de expressão do participante da pesquisa, não permitem que o trabalho gere conclusões além do que foi proposto para a pesquisa, não possibilitam que a pesquisa saia do determinado *script* e assim comporte novas argumentações, pensamentos e surpresas ao longo da pesquisa.

O quarto instrumento de pesquisa utilizado nos estudos pesquisados foi a observação participante e o quinto o grupo focal. Estes foram os instrumentos menos utilizados, porém são eles os que mais ampliam a pesquisa, trazendo a liberdade de expressão a espontaneidade e fidedignidade dos dados.

A observação participante ou o pesquisar em um campo significa que o pesquisador se posiciona no seu local de pesquisa, onde ele deseja analisar, entender e vivenciar a realidade do lugar e assim entender as relações complexas daquela cultura local (VALLADARES, 2007; QUEIROZ, 2007; CORREIA, 2009; MATTOS, 2008, 2010). A observação participante, como instrumento de pesquisa, possibilita-nos entender além dos detalhes de determinada cultura, de uma determinada circunstância, ela direciona o caminho, a orientação e a dinâmica de cada circunstância (SPRADLEY, 1980). Por isso, como afirma Geertz (1989), a observação participante não é a pesquisa “de um local”, “sobre alguém”, mas sim uma pesquisa “no local” e “com esse alguém” (p.33).

Já o grupo focal é um instrumento de coleta de dados de pesquisas qualitativas que tem como objetivo realizar um debate com um grupo pré-selecionado sobre assuntos e fatos que se deseja pesquisar. Ele pode ser usado para se entender as diversas ideias, argumentos e vertentes acerca de um determinado tema, serviço, obra ou dinâmica (KRUEGER, 1988). O grupo focal

acontece da seguinte maneira, o pesquisador posiciona o grupo previamente selecionado em roda e se posiciona no meio. O pesquisador é o mediador do debate, ele poderá iniciar a discussão com uma pergunta, uma ideia e assim os participantes seguirão debatendo até que se esgote o assunto, ou até que se estenda demais o assunto, indo além da proposta da pesquisa. É, portanto, nesse momento que o pesquisador saberá reiniciar o debate com outra questão ou trazer a discussão para o centro da proposta da pesquisa.

> Basicamente, o grupo focal pode ser considerado uma espécie de entrevista de grupo, embora não no sentido de ser um processo onde se alternam perguntas do pesquisador e resposta dos participantes. Diferentemente, a essência do grupo focal consiste justamente em se apoiar na interação entre seus participantes para colher dados, a partir de tópicos que são fornecidos pelo pesquisador (CARLINI-COTRIM, 1996, p. 286)

O gráfico mostra que às histórias profissionais e documentos pessoais foram pouco utilizados. Ambos se caracterizam por documentos escritos. No primeiro documento, o próprio profissional disserta sobre a sua carreira, onde ele iniciou os estudos, como se tornou o profissional que é no momento, quais experiências que o marcaram e o auxiliaram na sua formação entre outras questões. Já o segundo - documentos pessoais - apareceram nas pesquisas, como cartas, fotos, cartões, cadernos dentre outros. Esses documentos refletem a vida da pessoa, o aspecto particular da vida do participante da pesquisa. Tanto a história profissional quanto o documento pessoal podem revelar particularidades e aspectos da vida do participante da pesquisa que talvez com um outro instrumento não revelaria.

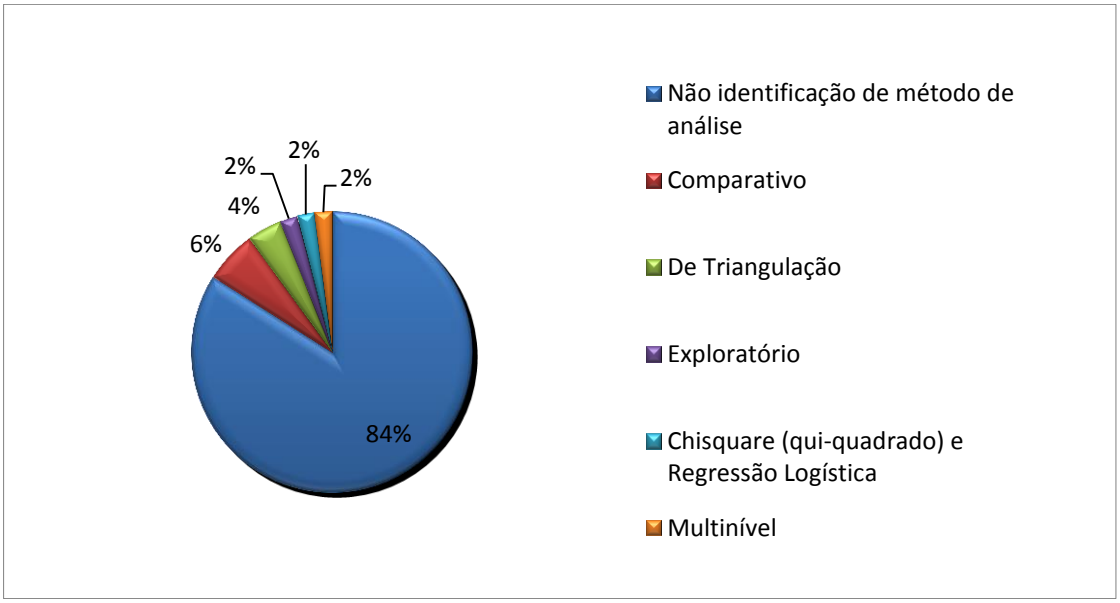
Por fim, os dois últimos instrumentos utilizados foram as conversas telefônicas e o hibridismo entre o bottom-up e o top-down. Analisou-se o áudio das conversas telefônicas entre alunos, elas foram utilizadas como se tivessem sido coletadas por um gravador de áudio. O instrumento bottom-up é um mecanismo que é guiado por “propriedades intrínsecas do estímulo e um mecanismo top-down, está relacionado a fatores tais como a disposição interpretativa aos objetivos prévios do observador” (MAIA, 2008, p.9). Uma das pesquisas analisadas utilizou um pouco dos dois instrumentos de coleta de dados.

Com a análise dos instrumentos feita nesta seção, a consequência disso foi observar os métodos de análises de dados, ou seja, a fase seguinte do que acontece nas pesquisas. E o estudo dessas análises esta na seção adiante.

4.3 Processos de análises de dados utilizados nas pesquisas estudadas

O gráfico 6, a seguir, revela as formas de análises de dados que apareceram nos textos sobre gênero nas pesquisas estudadas.

Gráfico 6 – Processos de Análises de Dados Utilizados nas Pesquisas Estudadas



Fonte: O autor, 2013

Um dado interessante em relação a esse gráfico é que a maior parte das pesquisas (84%) não identificou que tipo de análise de dados estava realizando. Portanto, conclui-se que grande parte das pesquisas faz a sua análise de acordo com o que o pesquisador decidir, de modo livre, sem direcionamento pré-estabelecido, sem objetivo e sem propósito. Outrossim, pode haver o caso de omissão deste dado pela falta de espaço para a escrita do texto ou mesmo pelo fato de muitas pesquisas considerarem que a forma como se desenvolveram essas análises são irrelevantes para o leitor do seu trabalho. Enfim este fato recorrente em textos científicos dificulta ou até inviabiliza uma análise mais detalhada de como o pesquisador derivou os resultados do seu trabalho.

A forma de análise, que apareceu como a mais utilizada foi a comparativa. Onde o pesquisador tem duas teses e a partir delas ele irá debatê-las, analisá-las encontrando as suas diferenças e semelhanças.

O segundo tipo de análise foi à triangulação de dados. Onde o pesquisador coletou os dados do campo de três maneiras diferentes, por exemplo, com documentos escritos, vídeos e fotos e assim ele confronta os três para encontrar aquilo que mais se torna recorrente. Esse tipo de análise de dados reduz o risco de que em uma pesquisa se tenha interpretações enviesadas ou limitações metodológicas próprias a toda metodologia, de forma que é um meio seguro de validação de dados (MAXWELL, 1996, p.75-76). Entretanto como preconizam Dezen e Lincon;

> [A] triangulação não é uma ferramenta ou uma estratégia de validação, é uma alternativa à validação. A combinação de diferentes perspectivas metodológicas, diversos materiais empíricos e a participação de vários investigadores num só estudo deve ser vista como uma estratégia para acrescentar rigor, amplitude, complexidade, riqueza, e profundidade a qualquer investigação (DENZIN, LINCON, 2000, p.5).

Por fim, nas pesquisas, aparecem ainda análises dos tipos; multinível, chisquare (qui-quadrado), de regressão logística e exploratória. As três primeiras são utilizadas, em geral nos estudos quantitativos, geralmente através de instrumentos de coleta que lidam com dados fechados como questionários, entrevistas estruturadas e principalmente os testes. Já o último tipo de análise, a exploratória é mais aberta, pode até ter como instrumento de uma ou outra entrevista estruturada, porém ao analisar os dados, explora mais detalhadamente os aspectos que se aparentam mais relevantes. Portanto, a análise exploratória incide:

> [...] no estudo dos dados a partir de todas as perspectivas e com todas as ferramentas possíveis, incluindo as já existentes. O propósito é extrair toda a informação possível, gerar novas hipóteses no sentido de construir conjecturas sobre as observações que dispomos. (BATANERO, ESTEPA, GODINO, 1991, p.2).

A análise das metodologias utilizadas pelos autores dos textos analisados mostram que os estudos mantém uma certa tendência, sustentam as mesmas teses em relação as questões de gênero, não há um avanço nos estudos. Os estudos tendem a falar a mesma coisa, o mesmo assunto. Pode-se afirmar, portanto que existe uma recorrência ou uma semelhança na forma de análise de dados utilizadas nas pesquisas estudadas.

Observando o gráfico 6, é possível confirmar essa afirmativa, pois a maior parte das metodologias usadas nos estudos de gênero são bibliográficas. Os

estudos bibliográficos são releituras, análises de estudos anteriores. Esse tipo de pesquisa, de modo geral, serve para apoiar uma dissertação de um projeto, de um relatório, de um artigo (TRAINA, JÚNIOR, 2009, p. 31). E, o que encontra-se nesses estudos são os novos autores apenas reafirmando o que outros veteranos já afirmaram e não gerando novos conhecimentos sobre o tema. Por isso, como vimos no Capítulo 3 desta dissertação – sobre as abordagens adotadas nas pesquisas de gênero (p.79), há uma recorrência dos assuntos, pois muitos estudos bibliográficos se tornaram cópias dos anteriores, de autores que iniciaram a discussão de gênero há um tempo como Connell, Chilla Bulbeck, Okin entre outros.

Porém ao observar os gráficos 4,5 e 6 que aparecem no Capítulo 4 sobre as metodologias de pesquisas de gênero, percebe-se que essas recorrências ou tendências se mantem mesmo quando se desenvolvem estudos de campo. Isso é constatado, pois esses estudos de gênero que utilizaram a pesquisa de campo, a maior parte deles, usou instrumento de coleta de dados fechados, como os questionários, os testes e as entrevistas estruturadas. Ao analisar esses instrumentos, subentendo-os à proposta dos autores conclui-se que eles não apresentam novas argumentações, não criam novos debates, não trazem novas conclusões e sim, apenas confirmam as antigas hipóteses reveladas em trabalhos anteriores. Dessa maneira, entende-se que os estudos de gênero tendem a ser mais quantitativos do que qualitativos. A pesquisa quantitativa caracteriza-se por considerar e permitir o teste de hipóteses (DANTAS, CAVALCANTE, 2006), porém nessas pesquisas de gênero o que se tem visto é a recorrência das hipóteses serem testadas e apenas confirmadas, não há uma contestação daquilo que foi visto anteriormente em outros estudos.

Ao analisar os poucos instrumentos de coleta de dados, observa-se que eles são característicos da pesquisa qualitativa. Esse tipo de pesquisa tem um caráter exploratório, ou seja, “estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito” (DANTAS, CAVALCANTE, 2006, p.2). E como os gráficos 4 e 5 mostra-se uma menor utilização desses instrumentos exploratórios, entende-se que as pesquisas de gênero tem pouco interesse em abrir o leque de informações sobre a temática.

O que considera-se ideal em uma pesquisa não é desconsiderar nem uma nem outro tipo de pesquisa, não é manter a quantitativa e descartar a qualitativa,

pois elas são complementares apesar de apresentarem as suas diferenças (QUEIROZ, 2006).

> Com efeito, a partir dessa visão se percebeu que as duas formas de abordar a pesquisa científica – quantitativa e qualitativa –, vistas até então como antagônicas, na verdade, estavam apenas preocupadas com problemas e tópicos diferentes, mas igualmente importantes. Assim, o uso dessas duas abordagens na pesquisa de um mesmo problema, pode apresentar um resultado mais considerável e significativo. (QUEIROZ, 2006, p. 94).

Compreende-se que fazendo pesquisas dessa maneira, pesquisas que não trazem novos debates, que não levantam novas questões, que apenas reafirmam o que já foi dito, esse contexto contribui para que o preconceito, a discriminação, as diferenças de gênero se mantenham e não sejam superadas. Dessa forma, torna-se um ciclo vicioso. As ideias para combater os problemas relacionados à temática gênero, não trazem às discussões novos encaminhamentos, gerando uma repetição de temas e de assuntos e problemas não solucionados, como a dominância masculina, as diferenças sexuais nos estudos, mercado de trabalho entre outros.

O gráfico 6, mostra como essas pesquisas não apresentam um rigor científico, pois como pode-se ver a maior parte delas não apresentam as informações de como os dados foram coletados e analisados, como consequência, mantêm, os mesmos temas, as mesmas questões e os mesmos resultados.

Conclui-se que os tipos de metodologia utilizadas pelos textos estudados afirmam como vem ocorrendo às pesquisas de gênero. A análise desses aspectos nos estudos identificou a necessidade de se realizar mais pesquisas que compreendam os dois tipos de pesquisa a qualitativa e a quantitativa. Identificou que para a mudança de um cenário, de uma conjuntura de gênero de discriminação, de preconceito, de diferenças, de dominação de um sexo pelo outro, entre outros aspectos, há a necessidade de que se incentive mais pesquisas que proponham a liberdade de expressão dos seus entrevistados, que explore mais as ordenações de gênero que não são engessadas, não são determinadas pelo sexo, mas que são construídas pelo meio social, pela cultura.

Para isso ocorrer há a necessidade de que se saia um pouco do campo bibliográfico e se vá mais a campo interacional onde ocorrem as relações de gênero, pois em cada local há uma ordenação, existe uma estrutura de gênero diferente. Em

cada local pode haver uma nova interpretação, um novo comportamento de gênero. Como pode ser visto em alguns poucos estudos.

Um desses estudos analisou o gênero no campo da linguagem. O estudo de Janssen e Murachver (2004) propôs a um grupo de estudantes, a escrita de diferentes textos. Um seria científico, outro um convite para uma festa e o outro uma carta para o namorado. Eles identificaram que o sexo dos alunos não determinaria o conteúdo dos escritos e sim o tipo de texto que lhes foi induzido a fazer. Para cada texto obteve-se características femininas e masculinas. A primeira proposta, a escrita de um texto cientifico, mostrou características mais masculinas, já os outros dois textos, o da festa e a carta para a pessoa amada, mostrou características mais femininas, com palavras mais despojadas e de intimidade.

O estudo de Shakib (2003) analisou o gênero no campo da escola, mais precisamente na área de esportes, no basketball. Esse texto mostrou como as ordenações de gênero ocorrem de uma outra maneira. Esse artigo mostrou como as alunas têm que enfrentar preconceitos e superar as expectativas de gênero, os estereótipos esperados a elas para, no período da adolescência, continuarem participando dos esportes.

Observou-se neste estudo uma tendência de expectativas sexuais, onde os esportes são coisas de homem, para melhorar a forma física, adquirir habilidades. Já para as mulheres não seria adequado, pois a distanciava do modelo de feminilidade esperado, uma moça meiga, frágil, aparentemente atraente para os homens. O texto mostra como as alunas tiveram que superar algumas barreiras para continuar praticando os esportes. Muitas das vezes elas tiveram que assumir comportamentos masculinos, ou seja, entrar no universo deles tendo um comportamento mais agressivo, de se impor dentro do campo. Ao mesmo tempo, para atender as expectativas sexuais, elas mantinham a sua feminilidade se arrumando mais, usando mais vestido, pois uma “mulher suja” por causa do esporte, não era modelo feminino. Portanto, esse texto mostra como as meninas tinham que passear e se enquadrar nas ordenações de gênero para conquistar o seu espaço, para superar preconceitos e visões erradas.

A análise de Pascoe (2003) também observa a escola, porém analisa os grupos e os esportes de um modo geral. O texto mostra como as estruturas de gênero são construídas em torno dos grupos da escola. O artigo demonstrou que o esporte é um retrato da masculinidade patriarcal, dominante e que é até uma

garantia para um menino que quer ter mais um comportamento afeminado. Por exemplo, um dos rapazes da pesquisa queria fazer teatro, que é considerado pelos outro como algo dos homossexuais, dos “bichas” e gays, sendo um grupo que fica no inferior da hierarquia social de gênero na escola. Então para não perder a sua masculinidade, para não deixar de atender as expectativas de gênero ele optou por fazer os dois, o esporte e o teatro, pois no esporte ele pode até ter um comportamento mais feminino que não sofrerá com interpretações erradas.

Ao analisarmos esses três artigos, um dos poucos do grupo pesquisado que apresentam uma análise exploratória, que concilia as pesquisas quantitativas e qualitativas. Pode-se considerar que as estruturas de gênero se diferenciam nos mais diversos lugares, em certos momentos há necessidades de fazer adaptações. Nos últimos dois artigos, isso ficou mais claro ainda como que os jovens, para vencer preconceitos e discriminações, reposicionavam a sua postura para poder se enquadrar no meio e não se tornarem pessoas excluídas.

Com trabalhos desse tipo pode-se apreciar as ideias, as reações das pessoas para se criar estratégias, para se ter um direcionamento, para vencer e superar as diferenças de gênero. Toda e qualquer mudança acontece primeiramente no campo da discussão, do debate, da exposição de ideia. Quando se mantém num ciclo, nas mesmas conclusões, não há o início de processo de mudança.

Por isso conclui-se que a escolha de uma metodologia que vá contribuir para conscientização e superação dos problemas que envolvem a sociedade, o meio que o individuo vive é primordial para um trabalho de excelência, especialmente o de gênero.

> O método, quando incorporado a uma forma de trabalho ou de pensamento, leva o indivíduo a adquirir hábitos e posturas diante de si mesmo, do outro e do mundo, que só têm a beneficiar a sua vida tanto profissional quanto social, afetiva, econômica e cultural. Com base em métodos adequados e técnicas apropriadas, o estudante terá condições, a partir da conscientização de um problema, de ir em busca das respostas ou soluções para o mesmo. A atividade científica é, acima de tudo, o resultado de uma atitude do ser humano diante do mundo que o cerca, do qual ele mesmo é parte integrante, para entendê-lo, reconstruí-lo e, consequentemente, torná-lo inteligível (MAIA, 2008, p.7).

5 GÊNERO E EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DOS TEXTOS ESTUDADOS

Após as análises dos textos estudados para esta dissertação observou-se que a temática de gênero como objeto de estudo aparece, seja de forma direta ou indiretamente em diferentes pesquisas na área da educação. O objetivo deste capítulo, portanto, é situar o leitor sobre como se formou, e vem se formado, as conjunturas e as ordenações de gênero nesses textos de modo a entender sua inserção na área da Educação.

A escola, local onde se dá a Educação formal, geralmente, funciona como aparelho ideológico do estado (ESTABLET, BAUDELOT 1978; WARDE, 1983; ALTHUSSER, 1985; CARNOY, 1990; LOCH, ROCHA, 2009) da formação inicial até o nível Superior. De acordo com esses autores em um determinado momento constatou-se que a escola funcionava inculcando em seus alunos o interesse da classe dominante. A princípio, esta foi uma imposição apenas com o interesse no capital, no financeiro, porém ao estudar essas questões percebe-se que o intuito geral dessa ideologia foi na verdade "'cimentar as relações sociais e de manter a coesão social" (WARDE, 1983, p.46). O que se pretendia era implantar de maneira oculta, não repressiva, coercitiva e também não explícita e agressivamente, as visões de mundo do grupo hegemônico. Isso inclui desde o ensinamento de que o trabalho é algo natural até a aceitação das diferenças, a aceitação de que existe uma maneira única e certa de se comportar dependendo da sua classe, do seu sexo, da sua cor, há também a determinação da maneira de falar, de agir e reagir e entre outros aspectos (LINHARES, MESQUIDA, SOUZA, 2007). Com a ressalva do trabalho de Freire (1987) que questionou esta ideologia dizendo que a escola promovia sim a reprodução social, mas ao mesmo tempo tinha a capacidade de promover também a conscientização das classes populares, essa ideologia esteve presente e ainda hoje é alardeada por diferentes correntes de pensamento na área da Educação e das Ciências Sociais.

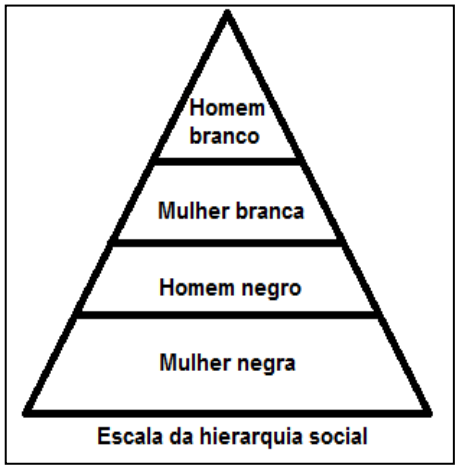
Neste contexto o indivíduo passa a ser dominado ideologicamente e acredita que os pensamentos veiculados pela escola são próprios dele, levando-o dessa maneira, a não questionar a ordem vigente. É dessa maneira que a sociedade, que a escola tem se comportado e permanecido até os dias atuais.

> Até agora, os homens sempre tiveram ideias falsas a respeito de si mesmos, daquilo que são ou deveriam ser. Organizaram suas relações em função das representações que faziam de Deus, do homem normal, etc. Esses produtos de seu cérebro cresceram a ponto de dominá-los completamente. Criadores, inclinaram-se diante de suas próprias criações. (MARX, ENGELS, 1998, p.03).

Dentro desse contexto, a escola tem funcionado como local de formação, isto é, um lugar que molda o individuo e que lhe inculca pensamentos de submissão ao sistema em vigor implantado para a manutenção das relações de gênero permeada pela razão da classe dominante. Assim, as ordenações de gênero estão diretamente ligadas à formação que ocorre através desse aparelho ideológico do estado que é a escola.

Ao analisar os escritos de gênero é possível constatar que a maior parte dos estudos trata das diferenças de gênero, das diferenças sexuais entre homens e mulheres e sobre a questão da dominação masculina. Nesses estudos uma das ideologias dominantes é da superioridade masculina, de acordo com essa ideologia existe uma hierarquia social que onde no mais alto grau da pirâmide esta o homem branco, seguido da mulher branca, do homem negro e da mulher negra (BROWN, CERVERO, JOHNSON-BAILEY, 2000; FOSTER, 1999; LONG, BOLARSKY, THAYER, 2001; BOK, 2004), como pode ser visto abaixo.

Figura 5 - Pirâmide Hierárquica de Gênero numa Sociedade Patriarcal



Fonte: BOK, 2004.

Na pirâmide de gênero descrita por Bok (2004, p. 46), nota-se que as mulheres estão abaixo, em termos de dominação em relação aos homens. Estudos como o de Gooden (1997) retratam a discriminação vivida pelas mulheres quando

houve o fim do *welfare state* nos Estados Unidos da América, o benefício do governo que garantia o bem-estar social do povo. As mulheres tiveram que buscar emprego, já que o benefício seria cortado. Então, nesse contexto, elas tiveram que aceitar qualquer opção de trabalho (ROCKEYMOORE, 2001; PITTZ, DELGADO, 2002; BURNHAM, 2002). Diante disso, na busca por uma colocação no mercado de trabalho essa pirâmide sofreu uma variação, onde mais uma vez elas saíram em desvantagem em relação aos homens. Houve discriminação e preconceito por parte das assistentes sociais que priorizaram mais os homens brancos e os homens negros.

Quando acrescenta-se as categorias cor e raça a complexidade e o problema crescem mais ainda porque a questão da diferença, da discriminação aumenta. Entretanto, nesse estudo deixar-se-á de tratar da questão da raça e da cor e focar-se-á apenas nas relações de gênero.

Essa repressão e dominação das mulheres pelos homens aconteceu mesmo antes da escola, pois elas eram proibidas de ter acesso ao saber, ao conhecimento como eles tinham através da instituição escolar (CONNELL, 1992, 1998, 2002, 2005, 2009; VALIENTE, 2002; ARNOT, 2006; ROBEYNS, 2006). Esse privilégio era exclusivo dos homens, apenas eles podiam ter uma formação e seguir uma carreira de sucesso. Porém, depois da guerra, nos anos 1970 e 1980 a luta por ações que fossem menos discriminatórias às mulheres começaram a acontecer. Com isso, a possibilidade de frequentar a escola começou a chegar às mulheres. Entretanto, como relata Pilcher (2007) ao estudar os documentos primários da Inglaterra no período de 1870 e 1977, as primeiras possibilidades delas frequentarem a escola foi apenas com o intuito de formá-las como donas de casa, esposas e mães, esse era o currículo educacional formado para elas. Valiente (2002) afirma que esses acontecimentos aconteceram na Espanha, ao estudar as pesquisas espanholas no período de 1975-2001. Apesar de hoje, as escolas serem em sua grande maioria mistas, ainda há diferença no ensino geral e profissionalizante de homens e mulheres. Ainda existem muitas diferenças no que diz respeito a gênero e educação (VALIENTE, 2002).

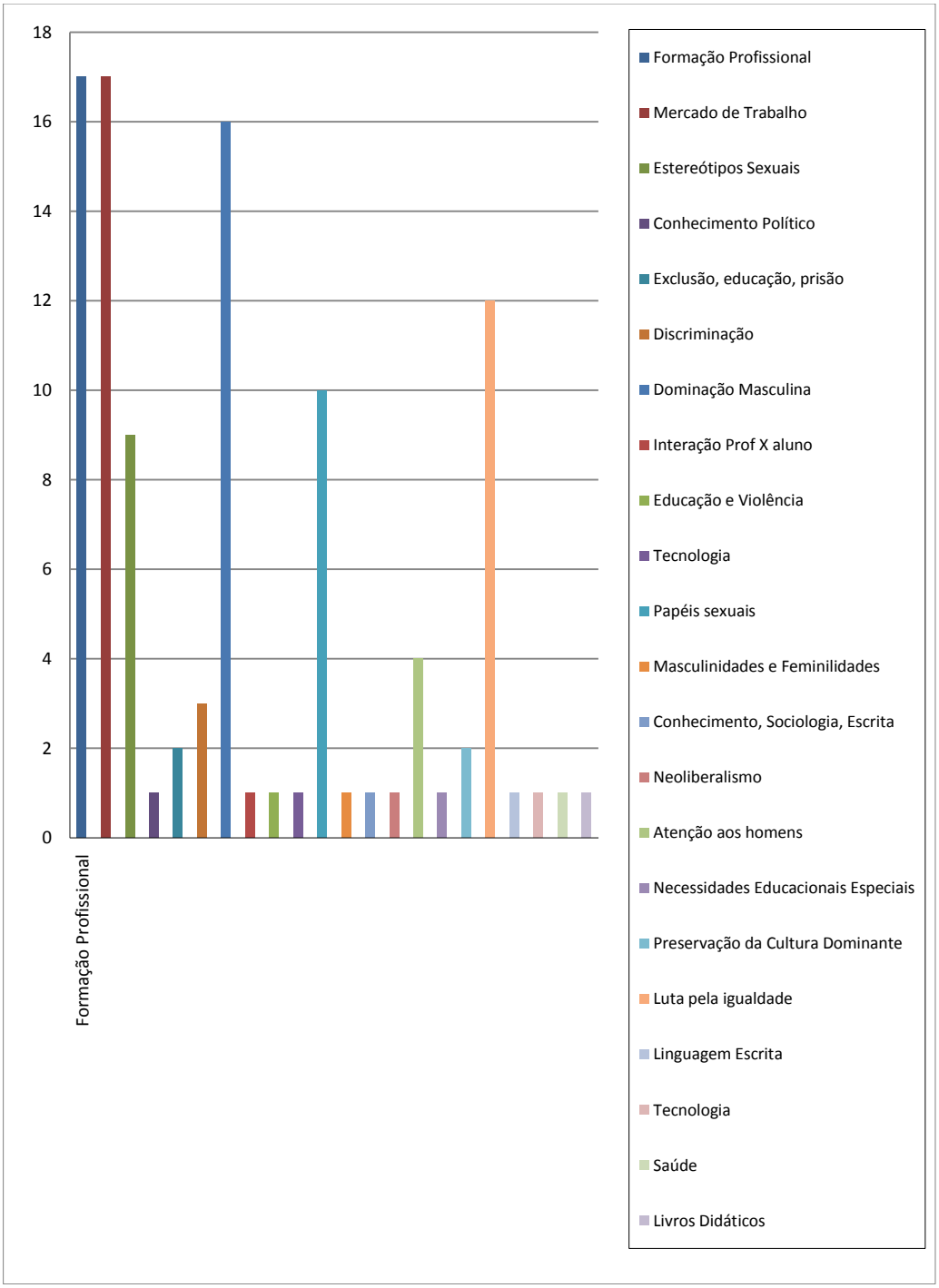
Ao fazer a análise da temática da educação dentro das pesquisas de gênero estudadas, foi possível compreender como que muitas das diferenças de gênero permanecem ao longo dos anos. E, principalmente, foi possível identificar que as mulheres ainda sofrem com essas diferenças, mesmo depois de muitos anos e de

muitos questionamentos levantados pela luta do movimento feminista. Essa pirâmide hierárquica social representada acima ainda se sustenta, apresentando em alguns momentos a variação do homem negro se posicionar no lugar onde esta a mulher branca, formando-se assim o grupo dos homens e das mulheres. Uma eterna guerra dos sexos, onde os homens ainda estão em vantagem, apesar das muitas conquistas das mulheres.

Na análise das pesquisas foram levantadas as categorias que geraram primeiramente o gráfico 7 e posteriormente a figura 6. O gráfico 7 mostra as categorias que englobavam os temas gênero e educação assim que elas se tornaram evidentes nas análises.

Depois de salientadas as principais características que relacionavam educação e gênero nos textos estudados observou-se que algumas categorias eram relacionadas a outras e até consequência de outras. Dessa maneira, surgiu a figura 6, que mostra essa a relação que umas categorias tinham com outras. Segue-se então para a compreensão do gráfico e do quadro que surgiram neste estudo.

Gráfico 7 – Educação e Gênero: categorias associadas

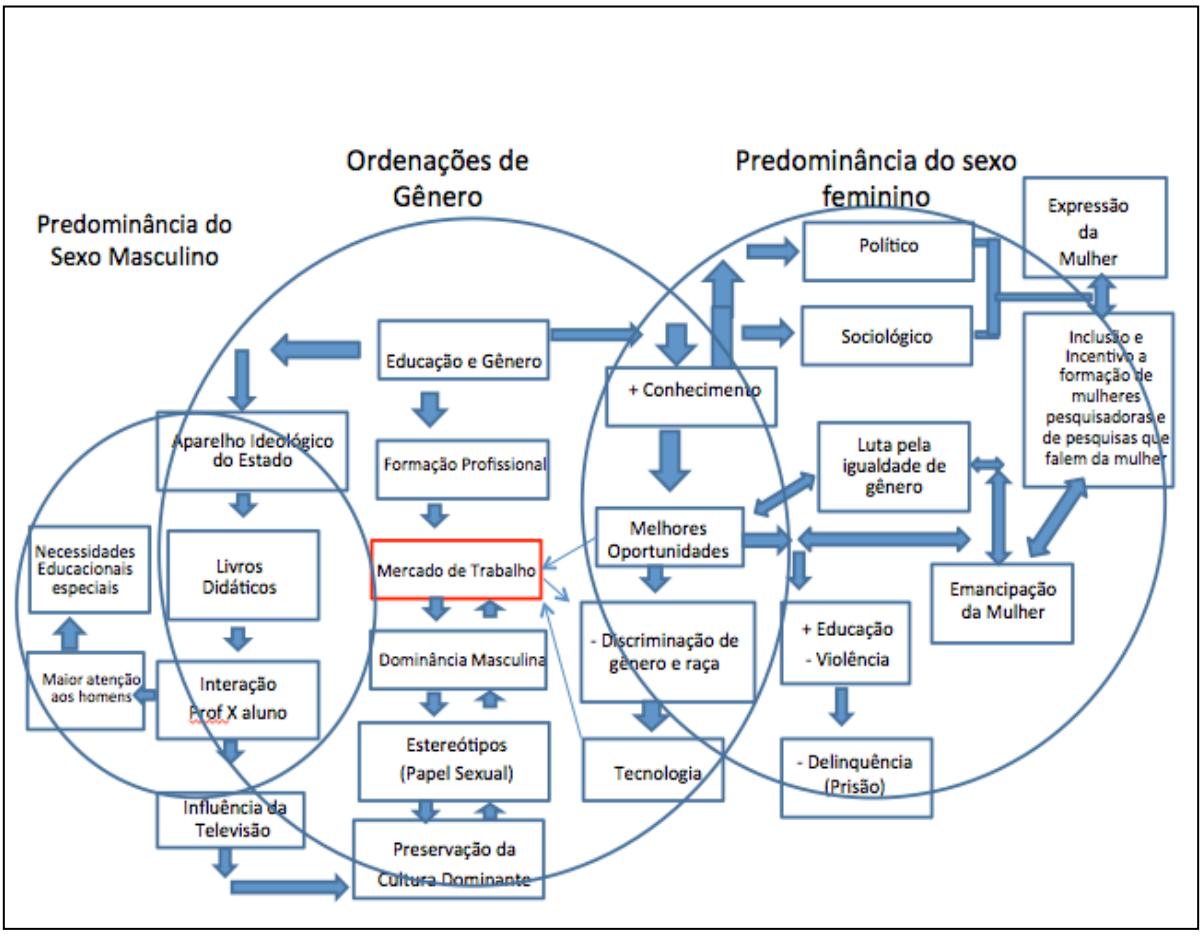


Fonte: O autor, 2013

Como afirmado anteriormente, após esse levantamento notou-se que algumas das categorias encontravam-se no mesmo campo semântico, ou seja, compreendiam as mesmas ideias e valores. Por exemplo, as categorias mercado de trabalho, formação profissional e diferenças sexuais se correlacionavam, pois uma levava a outra. Dessa maneira, optou-se por formar a figura 6 com o esquema das

interconexões, interfaces e correlações de um tema, com outro que será visto a seguir.

Figura 6 - Interseções entre as categorias Gênero e Educação nas pesquisas estudadas



Fonte: O autor, 2013

A figura 6 acima, demonstra a interrelação entre educação e gênero da seguinte forma: Iniciando-se uma leitura pelo círculo central encontra-se as categorias relacionadas as ordenações de gênero , nos círculos da esquerda retrata-se a predominância dos fatores relacionados ao sexo masculino e na direita os fatores relacionados ao sexo feminino. Nas intercessões que são encontradas à esquerda as categorias predominantes relacionadas ao sexo masculino, são elas: Aparelho ideológico do estado, livros didáticos, interação professor-aluno e influência da televisão. E, à direita aparecem as categorias relacionadas ao sexo feminino, são elas: conhecimento, melhores oportunidades, discriminação de gênero e raça, tecnologia.

Na parte central aparecem as intercessões entre educação e gênero como as categorias: formação profissional, mercado de trabalho, dominância masculina, estereótipos sobre os papéis sexuais e preservação da cultura dominante. A maior parte dos textos, ao tratar da Educação, relacionava este tema à formação profissional. As pesquisas discutiam a contribuição da educação para formação de um profissional que futuramente seria bem-sucedido ao ingressar no mercado de trabalho em uma boa carreira, onde encontraria uma proposta de emprego que lhe ofereceria rentabilidade de tempo e dinheiro investido.

Algumas pesquisas observam que as mulheres tendem a escolher carreiras ligadas a feminilidade, demonstrando que esta escolha está intimamente ligada aos papéis sexuais como enfermagem, educação, secretariado, ou seja, profissões relacionadas com o cuidado, o carinho, o afeto, a atenção, a organização, características que estão presentes no papel de mãe, esposa e dona de casa. Portanto, elas costumeiramente, escolhem profissões ligadas à área das ciências humanas.

Entretanto, os homens tendem a escolher as carreiras relacionadas ao estereótipo de provedor, líder, isto é, carreiras da área de ciências exatas como engenharias, tecnologias (ARNOT, 2006; LONG, BOLARSKY, THAYER, 2001; BRUJIN, 2000; ROSEMBERG, 2003; MASON, GOULDEN, 2004; LOSH, 2004).

Losh (2004) em sua pesquisa afirma que as mulheres ainda enfrentam uma série de desvantagens como: o acesso restrito no local de trabalho, a falta de confiança e prestígio assumindo assim apenas lugares de secretariado e assistente e quase nunca um papel de gerência, de liderança. As mulheres tendem ainda a não preencher os lugares de engenheiros, técnicos, em geral preferem ficar como assistentes, professoras etc. É claro, que não se pode generalizar, porém esta foi a tendência, revelada pelos estudos analisados

Nesse contexto, a escolha da formação profissional suscita a dominação masculina em certas áreas da sociedade, principalmente do mercado de trabalho, incentivada pela preservação dos estereótipos sexuais. A preservação desses estigmas é parte de uma cultura dominante que insiste em permanecer privilegiando o sexo masculino. Os homens acabam por alcançar cargos maiores, conseguem salários maiores, ou seja, obtém mais sucesso em suas carreiras, pois na sua grande maioria são incentivados a estudar em “carreiras de homens.” Enquanto que as mulheres que são estimuladas a cursar uma graduação que mais se ajuste ao

papel atribuído a ela pela feminilidade, ou “jeito de mulher”, mantendo assim, a ordenação de gênero.

Estudos como o de Brujin (2000) e Klein et. al. (1994) revelam que mesmo quando as mulheres possuem a mesma formação que os homens, muitas das vezes até o mesmo cargo, ainda assim elas acabam recendo menores salários e menos responsabilidades.

> Mulheres nos últimos 20 anos têm aumentado o seu grau de escolaridade com o ensino superior, porém os rendimentos em relação aos homens ainda são menores. Elas fazem mais mestrado e doutorado, porém os homens ainda ganham mais. (KLEIN, 1994, p.15).

Ao observar essa primeira relação entre gênero e educação pode-se notar a vantagem que os homens possuem em relação às mulheres. Ao analisar a figura 6 será possível perceber que esta realidade não muda muito.

No quadro, na figura 6, à esquerda onde estão às categorias que mais se caracterizam pela predominância do sexo masculino, na relação entre gênero e educação se mostra a escola como aparelho ideológico do estado, dado que foi evidenciado pelos textos estudados, primeiro através dos livros didáticos e segundo pela interação ente o professor e o aluno.

A pesquisa de Zittleman e Sadker (2002) pesquisou 23 livros didáticos do período de 1998 à 2001. Esses livros eram utilizados para a formação de professores e a pesquisa constatou que apenas 7% do conteúdo desses livros falavam sobre a divisão entre os sexos e apenas 1% deles falava sobre métodos que pudessem minimizar as diferenças de gênero. O que se conclui é que apesar de haver um compromisso com a justiça nas relações de gênero pouco é feito para que se acabe ou reduza com a discriminação de gênero. Tratamentos estereotipados ainda são uma realidade esperada nas salas de aula já que os próprios livros didáticos dos professores que estão sendo formados não abordam a questão o que dirá dos livros dos próprios alunos, também pouco citam a questão de gênero (ARRUDA, 2002; LOURO, 2003; OLIVEIRA, 2008; RIBEIRO, 2010). “O preconceito de gênero é o sexismo já enraizado nas pessoas, ou seja, estão inconscientes da sua influência nessa questão” (ZITTLEMAN E SADKER, 2002, p. 168), e sem a discussão crítica e reflexiva dentro da sala de aula essa realidade é difícil de ser transformada.

Na sala de aula, além da ordem de gênero ser mantida através dos livros didáticos ela também ocorre pelas interações que ocorrem dos professores com os alunos. Alguns estudos como o de Jones (1989) mostram que há diferenças nessas relações dentro da sala de aula. O autor mostrou que os professores, tanto homens quanto mulheres, tendem a dar mais atenção e espaço para que os meninos falem, participem mais do que as meninas. A pesquisa mostrou que muitas das vezes os professores além de não darem tanta abertura para as meninas, ainda as inferiorizam e ridicularizam, deixando-as envergonhadas e acanhadas dentro da sala de aula. Em consequência disso elas ficam sem coragem para tomarem iniciativas, para participarem mais. A pesquisa de Jones (1989) finaliza dizendo que,

> A literatura revisada nesse artigo indica que os professores continuam a ser um canal de perpetuação de comportamentos sexuais típicos para crianças e jovens desde a pré-escola. Em todos os níveis de ensino os professores tendem a dar mais atenção aos homens com elogios, críticas e atenção no geral. A pesquisa também mostra que as experiências de sala de aula de homens e mulheres é bem diferente. Eles têm mais oportunidades que elas para uso de equipamentos, realização de experimentos e para fazer de demonstrações (JONES, 1989, p. 87).

Para confirmar ainda mais essa diferença em sala de aula o estudo de Kelly (1986) ao analisar as interações entre professores e alunos pode constatar que os professores gastam cerca de 56% do seu tempo com os alunos e 44 % do seu tempo com as alunas, no final dos anos de escolaridade os alunos tem uma vantagem de aproximadamente 1800 horas a mais que as alunas. Portanto, Kelly concluiu que elas acabam ficando com 60 horas a menos de atenção em relação aos meninos. Isso é algo que deve ser levado mais a sério pelos profissionais que se encontram nas salas de aula.

Um estudo realizado por Costa, autora desta dissertação no ano de 2010, vai de encontro ao estudo de Kelly (1986) ao confirmar essa diferença entre alunos e alunas no ambiente escolar. O estudo de Costa (2010) como foi exposto no inicio desta dissertação analisou os conselhos de classes de quatro anos distintos e constatou como os meninos são muito mais citados que as meninas. Eles são mais mencionados nos conselhos de classe, pois apresentaram um comportamento que subvertia a ordem esperada. Porém em relação ao seu aprendizado eles ou eram considerados “brilhantes” pelo aprendizado ou “terríveis” pelo comportamento. Já as meninas recebiam menos atenção, menos apreciação das professoras, pois elas

apresentavam o comportamento quieto, calado e calmo. Em consequência disso as suas apreciações não passavam do monótono “boa aluna.”

A pesquisa de Brown, Cervero e Johnson-Bailey (2000) mostra a realidade de professoras negras da área de matemática e confirma ainda essa diferença na sala de aula na interação entre o professor e o aluno, pois no depoimento dessas professoras elas revelam as experiências ruins que tiveram em sala de aula. Elas contam que sofreram com o sexismo e o racismo nas aulas de matemática, sofreram também com a negligência, a falta de atenção e até exclusão por parte dos professores. Essas mulheres depois de terem vivido essas experiências, ainda quando eram alunas, nas suas aulas procuram criar um ambiente que discuta e muda o quadro social de gênero dominante, criado pelos homens. Elas fazem isso dando mais espaço, mais oportunidade para as mulheres falarem e se expressarem. A pesquisa mostrou ainda que há a diferença na interação entre o professor e o aluno inversamente a discussão proposta aqui. Nesse caso, as professoras é que sofriam com a interação dos alunos homens. Mesmo depois delas se tornarem professoras elas são afrontadas pelos rapazes nas suas classes, pois eles não confiam no seu trabalho por serem jovens, mulheres e negras. Além disso, há uma preocupação por parte deles de perder a autoridade, pois antes tinham a ideia de que apenas os homens brancos davam aula de matemática, ou seja, a ideia da superioridade social ainda vigente.

O trabalho de Pilcher (2007) que analisou os manuais educacionais britânicos voltados para o ensino e cuidado da área da saúde do período de 1870-1977 mostrou que as meninas apenas recebiam alguma atenção em relação à educação e a saúde quando era pra elas manterem os seus papéis sexuais. Esses manuais tenderam a ser mais preocupados com as meninas, falando sobre gravidez, cuidado com a saúde da família, sexo e prevenção, primeira menstruação e etc. O cuidado voltava-se no intuito delas serem mulheres que exerceriam o seu papel e não atrapalhariam os homens de exercer os deles. A atenção dada aos meninos era menor, porém o que mais se falava para eles era em relação à aquisição de força, através de treinamento físico e aquisição de habilidades para que assim eles pudessem ser inseridos no mercado de trabalho. Como se pode ver, a tendência desses manuais era formar homens e mulheres, com perspectivas binárias, cada um com a sua função e papel sexual.

É possível constatar com os escritos acima que a educação tinha e tem a função de determinar e consolidar os parâmetros e as ordenações de gênero já existentes. Esse processo também é expandido através da televisão que funciona como mantenedora das realidades de gêneros que se vivencia na sociedade. A televisão copia, imita o que se vê na sociedade (MOURÃO, 2011) e consequentemente ela acaba por reafirmar as diferenças de homem e mulher, os estereótipos, os estigmas entre outros, pois não representa de maneira fidedigna o que esta realmente ocorrendo na sociedade, na cultura (BRETL, CANTOR, 1988; BROWNE, 1998). Os Estudos de Long, Bolarsky, Thayer (2001) e de Rivadeneyra (2005) retratam bem como isso tem ocorrido.

O texto de Rivadeneyra (2005) analisou a influência da televisão a meninos e meninas, jovens latinos, no comportamento de gênero. O que se constatou nesse texto foi que os estudantes latinos são levados a um comportamento de gênero tradicional, onde os homens são assertivos, dominantes, fortes e controladores e as mulheres submissas, obedientes e castas (p. 459). A TV os influencia a continuarem com esse comportamento que é bem relacionado à sua cultura latina. Essa influência é ainda maior para as mulheres, porque em comparação com os homens elas ainda assistem mais tevê do que eles.

Já os estudos de Long, Bolarsky e Thayer (2001) analisaram quatro personagens de desenhos infantis. Esses personagens estavam envolvidos com a área da ciência e retratou um pouco mais de igualdade entre homens e mulheres. As mulheres até estavam presentes nos desenhos, procurando afirmar que elas também podem e estão trabalhando na área, porém as personagens eram sempre jovens e adultas enquanto que os personagens dos homens eram mais velhos, ou seja, querendo demonstrar que elas ainda eram inseguras e inexperientes e necessitavam da supervisão de um homem. Com isso elas nunca apareciam como líderes e sim como auxiliares, ajudantes, coadjuvantes dos homens principais. E por fim, havia um número maior de pessoas do sexo masculino do que do feminino. O texto mostrou que apesar de os programas terem avançado um pouco sobre a ideia da mulher também estar inserida nas ciências (colocando-as para falar, responder, questionar), o maior número de homens ainda tem sustentado um pouco a ideia de que ciências não é algo voltado para elas.

Com o intuito de preservar a cultura dominante e os papéis sexuais onde determinado sexo é privilegiado, esses estudos mostram que cada individuo é sexualmente determinado e tem um papel social a desempenhar.

Na figura 6 ao se analisar o círculo do lado direito onde se vê as relações de gênero referentes ao sexo feminino revela-se uma realidade contrária à analisada anteriormente. Mostra como que a educação sendo aplicada de uma maneira diferente pode trazer resultados mais eficazes. A educação ao ser usada sem a intenção de perpetuar as antigas formas de gênero e sim ser utilizada para pensar e criticar os parâmetros pode sim promover práticas que reduzam as diferenças e se aproximem mais da utópica equidade de gênero.

Quando as mulheres têm mais acesso a educação isso gera um maior conhecimento por parte delas e para elas. Esse conhecimento é maior no campo político e sociológico e se torna uma porta para que propostas para igualdade de gênero sejam criadas. O artigo de Banwart (2007) analisou a ideia, a hipótese que se tinha de que os homens teriam menos conhecimentos políticos que elas, porém eles se colocavam mais para debate ao contrário delas. Essa hipótese, porém não foi sustentada, pois ambos têm conhecimento e interesse a ponto de debater e se posicionar em relação a política.

Em relação ao conhecimento sociológico, a respeito da cultura, da sociedade, elas quando tem acesso a educação se tornam mais debatedoras, mais construtoras de opinião, mais pesquisadoras. Com isso há a necessidade de um aumento de pesquisas que falem sobre o lado da mulher, não no intuito de levá-las a serem sexistas e defensoras das mulheres, mas com o propósito de mostrar que ao considerar os seus pontos de vistas, as suas conclusões, há uma maior possibilidade de se construir uma sociedade livre da desigualdade de gênero (CONNELL, 2009; ENSLIN, TJIATTAS, 2006; OKIN, 1989). A pesquisa de Koblitz (2005) falou de e sobre mulheres, de suas pesquisas e como isso contribuiu para que elas se posicionassem na sociedade.

O artigo de English e Irving (2008) revela um lado preocupante dessa questão. Eles mostram que os homens liberaram apenas as feministas reconhecidas, as de “nome” para dissertarem sobre gênero. Entretanto, a temática seria liberada de acordo com a hierarquia dominante, ou seja, elas poderiam dissertar, mas falando apenas das diferenças sexuais, da hierarquia, dos seus direitos, questões próprias do universo feminista. Isso faz com que os acadêmicos e

futuro pesquisadores não construam novas visões e novas bases bibliográficas para as suas pesquisas e sim apenas reproduzam o que já esta sendo dito.

O conhecimento trazido pela educação gera melhores oportunidades de emprego como já foi retratado anteriormente nesse trabalho. Muitos estudos mostraram que quando o saber é ministrado de uma forma qualificada isso traz resultados positivos para a vida dessas mulheres. Elas conseguem assim alcançar cargos, posições, salários que antes eram apenas dos homens. Os estudos de Bok (2004) e Bruijn e Volman (2000) mostram que quando a formação profissional acontece muito rápida ou de qualquer maneira, não compreendendo as habilidades e competências necessárias isso as prejudica na hora de se posicionarem no mercado de trabalho.

O saber deu oportunidades para que as mulheres quebrassem barreiras para alcançarem cargos que antes eram dominados única pelos homens. Como nas áreas de técnica, matemática, finanças, administrativa e tecnológica (LAGESEN, 2008; ARNOT, 2006, CHING, BASHAM, JANG, 2005; LOSH, 2004; FOSTER, 1999). O acesso ao conhecimento tem feito com que haja uma redução não só da discriminação de gênero, mas de raça também (ROSEN, TSAI, DOWNS, 2003; BROWN, CERVERO, JOHNSON-BAILEY, 2000; FOSTER, 1999).

Além de todos esses benefícios que o conhecimento tem gerado, deve-se ressaltar uma das maiores benfeitorias que o saber proporciona as pessoas, o compromisso social de inclusão e reintegração de pessoas que não tiveram oportunidades e acabaram por parar no mundo do crime e da violência. Os artigos de Bloom, Owen, Deschenes (2002) e Spark, Harris (2005) revelam que as presidiárias além do apoio nos aspectos físicos, psicológicos, pois muitas delas passaram por experiências traumáticas, elas também precisam do apoio educacional-profissional. Os estudos mostraram que as presidiárias têm características comuns em relação à vida educacional, como a repetência, a evasão o que pode se levar a conclusão que isso contribuiu para levá-las a uma vida de delinquência. Portanto, uma oportunidade de estudo, de desenvolvimento de suas habilidades e competências poderia as ter levado para um outro patamar. Esses estudos ressaltam que essa atenção devem ser dados tanto aos homens quanto as mulheres, como uma oportunidade de regeneração do caráter social.

Neste capítulo foi possível observar as diversas nuances e caminhos que intercalam as temáticas de educação e gênero. A educação pode, portanto,

funcionar como propulsora da profunda e enraizada diferença sexual de gênero (OKIN, 1989) ou como libertadora, como chave para gerar discussões que levem a igualdade não só de gênero, mas de raça, classe etc.

Além disso, a educação e o gênero quando foram relacionados mostraram que os estudos levaram o debate mais para o campo da formação profissional e consequentemente depois para estruturas sociais firmadas na sociedade. Por um lado mostrou-se como essa formação profissional, a educação de um modo geral, pode funcionar para perpetuar as estruturas discriminatórias e de diferenças sexuais ainda existentes na sociedade. Por outro lado, a mesma educação pode ser utilizada para questionar e superar essas ordenações de gênero firmadas a anos. Ao chegar a essa conclusão é possível, propor que novas pesquisas procurem novos aspectos que relacionem as duas temáticas.

Até o presente momento foram analisadas as relações de gênero e educação, as metodologias que os autores das pesquisas estudadas utilizaram em seus trabalhos e os conceitos de gênero que vem sendo trabalhado ao longo dos anos nessas pesquisa. A seguir, investigou-se as bases teóricas que orientaram esses estudos.

6 AUTORES MAIS CITADOS NAS PESQUISAS ESTUDADAS

O capítulo 6 desta dissertação investigou os teóricos utilizados pelos pesquisadores nos textos analisados de modo a identificar as teorias e pressupostos epistemológicos que embasaram essas pesquisas. A proposta é discorrer sobre os cinco autores mais influentes no campo de gênero num cenário mundial. O destaque desses teóricos foi feito da seguinte maneira. Quando uma citação era feita em algum texto no momento da análise era destacado o autor, o ano da publicação e o que o pesquisador ou pesquisadores escreveram baseado em determinado teórico. Segue abaixo um exemplo do que foi feito:

Figura 7 - Exemplo 1 da análise dos teóricos presentes nas pesquisas estudadas

(A. Koblitz, 2000)→ A pesquisadora revela que foi no século XIX que essas primeiras mulheres alcançaram o grau de doutoras. As famílias dessas mulheres queriam que elas estudassem para cuidar de suas propriedades, de suas heranças. Apesar de alcançarem o status de elite por alcançarem seus doutorados, os estudos não lhes proporcionaram uma vida financeira independente, porém para elas foi ótimo, pois só assim tiveram acesso as ciências.

Fonte: O autor, 2013

Dessa forma foram colocados os autores e suas citações em ordem alfabética, formando assim um conjunto de 1.739 citações. Muitas dessas citações continham mais de um autor, ou seja, o pesquisador usou vários teóricos para sustentar o que havia escrito, como pode ser visto no exemplo abaixo:

Figura 8 - Exemplo 2 da análise dos teóricos presentes nas pesquisas estudadas

(Bok & Simmons, 2002; Moffitt & Roff, 2000; Strawn and Martinson, 2000)→ O estudo deles mostra que mulheres sem estudo e que vão trabalhar depois da welfare, (o programa de assistência social dos Estados Unidos que tinha por objetivo de garantir o bem estar social das pessoas) mesmo 5 anos depois, continuavam pobres ou quase pobres. Esses autores observaram que obter habilidades esta diretamente ligado ao alcance de salários melhores. Esses autores atribuem à educação o sucesso profissão.

Fonte: O autor, 2013

Então, no primeiro momento da análise os teóricos foram apenas destacados, como pode ser visto nos exemplos acima. Com isso, nesse primeiro momento, foram encontradas 1.739 citações. Porém, ao se perceber que alguns pesquisadores utilizaram vários teóricos para embasar suas teses, foi refeita a contagem desses teóricos. Eles foram destacados separadamente, como no exemplo abaixo:

Figura 9 - Exemplo 3 da análise dos teóricos presentes nas pesquisas estudadas

(Bok, 2002) (Simmons, 2002) (Moffitt, 2000) (Roff, 2000) (Strawn, 2000) (Martinson, 2000)→ O estudo deles mostra que mulheres sem estudo e que vão trabalhar depois da welfare, (o programa de assistência social dos Estados Unidos que tinha por objetivo de garantir o bem estar social das pessoas) mesmo 5 anos depois, continuavam pobres ou quase pobres. Esses autores observaram que obter habilidades esta diretamente ligado ao alcance de salários melhores. Esses autores atribuem à educação o sucesso na vida profissional.

Fonte: O autor, 2013

Ao fazer essa nova contagem, obteve-se 2.066 citações, desses autores, foram destacadas, os cinco mais citados, pela ordem de recorrência, foram: 1) Susan Moller Okin, 2) Raewyn Connell, 3) Madeleine Arnot, 4) Bronwyn Davies e 5) Pierre Bourdieu.

Portanto, neste capítulo estará sendo descrito o perfil de cada um desses autores, o seu local de trabalho, as pesquisas que realizam, seja na área de gênero ou não. Por fim, será feito um levantamento sobre as suas argumentações, sobre o que essas autoras entendem sobre gênero, que perspectiva de gênero elas defendem, enfim, quais as suas contribuições e acréscimos para o debate em torno do gênero e da educação.

6.1 Susan Moller Okin

Susan Okin foi uma filósofa, política e feminista liberal que escrevia artigos e livros a respeito das questões que envolvem o gênero. O foco dela era falar sobre a exclusão que as mulheres sofreram no passado, no presente e que sofrerão no futuro. Ela focava-se mais em discutir sobre as mulheres do ocidente. Ela era natural de Auckland, Nova Zelândia onde se graduou em 1967 na Universidade da própria cidade de Auckland. Seguindo a sua carreira acadêmica concluiu o mestrado pela Universidade de Oxford, Estados Unidos, no ano de 1970. Por fim, alcançou o doutorado no ano de 1975 na renomada Universidade de Harvard, também nos Estados Unidos.

Okin exerceu sua profissão em diversas Universidades como a de Auckland, Vassar, Brandeis. As últimas universidades que ela trabalhou foram as faculdades de Harvard e Stanford, respectivamente. Ela trabalhou como professora de ética, desde 1990, na última universidade que lecionou a Faculdade de Stanford e antes da sua morte fez uma visita a Universidade de Harvard em 2004.

Okin foi escritora de vários livros e ela defendia a ideia de que a sociedade seria mais justa, mais igualitária se ela fosse livre do sexo/ gênero, que consequentemente traz as suas diferenças. Ela sabia que era um ideal muito radical e que para ele ser concretizado precisaria que muitas mudanças viessem a ocorrer, para poder alcançar uma sociedade contemporânea liberal e democrática (ENSLIN; TJIATTAS, 2006).

Os seus livros mais famosos foram "*Women in Western Political Thought* (OKIN, 1979)", "*Justice, Gender, and the Family (OKIN, 1989)" e "Is Multiculturalism Bad for Women*?" (OKIN, 1999).

No primeiro livro, "*Women in Western Political Thought*", ela detalha o lugar político e social que as mulheres ocidentais ocupam e a partir disso pode-se entender porque as mulheres ainda hoje têm uma igualdade limitada. Neste livro ela discute e confronta os pontos de vista que Platão sugere. Para ele a natureza, o sexo da mulher vai definir as suas funções a respeito do que ela precisa e do que ela será, na família, na sociedade etc. O sexo/ gênero então se torna algo para a

classificação. Então Okin, nos anos 70, contra argumenta a visão de Platão afirmando que usar o sexo, a raça, classe ou qualquer outra categoria social para definir uma sociedade, um comportamento, é, no mínimo, uma questão de profunda estranheza. Ela mostra que os pressupostos que as mulheres carregam de serem boas e naturalmente voltadas para o cuidado da família continuamente são usados para estender e cimentar a discriminação para com elas. Okin não tinha a intenção de acabar com a família mais a sua proposta era de que mudanças radicais em suas estruturas viessem a acontecer. Além de propor mudanças nas estruturas dos empregos e trabalhos. Ela propõe princípios de justiça, ou seja, uma fusão da vida familiar com a pública. Para que o ideal de uma sociedade sem sexo se concretize há a necessidade de ir muito além desse conceito, precisa-se ir muito além da igualdade nos direitos. As mulheres, hoje, até são cidadãs, porém de segunda classe, elas ainda ficam atrás em relação a educação, política, economia, trabalho, etc.

No segundo livro de Okin "*Justice, Gender, and the Family"* ela demonstra que o gênero nada mais é do que a institucionalização profundamente enraizada da diferença sexual. Para chegar a essa conclusão ela analisou as teorias de vários autores, ela avaliou o liberalismo de John Rawls, o libertarianismo de Robert Nozick e o comunitarismo de Alasdair Maclntyre e Michael Walzer. De acordo com Okin, esses teóricos escrevem sobre gênero a partir de uma perspectiva sexista/masculina onde eles afirmam que a família no moldes das funções sexuais para homens e mulheres era o mais justo de acontecer numa sociedade. Por causa da justiça, do gênero e da família que as mulheres ainda hoje têm uma igualdade limitada.

Para Okin é a própria família que perpetua as desigualdades de gênero numa sociedade, principalmente porque as crianças assumem os valores e idéias através da convivência em um ambiente familiar, onde se predomina o machismo. Portanto, elas acabam crescendo e promulgando as idéias que aprenderam dos adultos. Para buscarmos uma sociedade justa, Okin afirma que se deve incluir mais as mulheres e as desigualdades de gênero que elas sofrem, nas discussões de gênero feitas nas pesquisas, incluir essas discussões nas escolas, nas famílias, na sociedade de um modo geral. A autora não sugere mudanças radicais, porém mudanças mínimas e aparentemente insignificantes que podem acontecer no dia-a-dia possibilitando assim a produção da justiça social. Exemplo: Um lar onde as atividades domésticas são compartilhadas entre marido e mulher e onde as crianças crescem vendo que

não há dominação de um para com o outro. Além disso, ela sugere que não haja diferenças no mercado de trabalho e propõe também o fim dos estereótipos de gênero nas escolas e que elas se preocupem em tornar as crianças conscientes do seu papel nas políticas de gênero.

O que Okin enfatiza mesmo em seu livro é que o ideal era o “gender free-society”, ou seja, a “sociedade livre de desigualdades de gênero.” Ela afirma que se a família não tivesse gênero seria mais justa, pois possibilitaria criar um ambiente de maiores oportunidades de igualdade, de autodesenvolvimento, esse por sua vez, possibilitaria que cada pessoa desenvolvesse a sua personalidade longe dos papéis sexuais esperados.

Por fim, o último livro escrito pela autora e de grande repercussão foi “*Is Multiculturalism Bad for Women?”* Nesse livro ela questiona até que ponto deve-se usar a cultura como desculpa para manter os papéis sexuais destinados as mulheres e que consequentemente levam a uma desigualdade de gênero. Ela afirma que muitas sociedade tradicionais minoritárias mantêm uma cultura que interfere nas ações das mulheres para que assim, elas possam alcançar novos horizontes. Portanto, ela defende o multiculturalismo, a diversidade cultural, pois numa sociedade onde estão presentes muitas culturas procura-se respeitar a todas elas e satisfazer os seus desejos em relação aos aspectos cívicos. Sob esse ponto de vista ela acredita que uma sociedade multicultural beneficiaria o desenvolvimento das mulheres.

Okin, apesar de muito defender as mulheres, parecer ter uma visão utópica sobre as soluções para as desigualdades de gênero. Para ela uma sociedade livre de desigualdade de gênero está livre também da visão sexista/feminista sobre o tema. A autora busca um ambiente onde a igualdade entre homens e mulheres exista em todos os aspectos: educação, política, família, trabalho, dentre outros. As sugestões de Okin é que mudanças pequenas sejam feitas no cotidiano, pois como a diferença esta extremamente entranhada nas pessoas muitas não observam essas diferenças como discriminação ou algo que as inferiorize. Dessa maneira, muitos estudos se apoiam em Okin, por não propor uma visão sexista do gênero, e sim por sustentar uma ideia que beneficie a todos, tanto homens quanto mulheres.

6.2 Raewyn Connell

Raewyn Connell é uma referência mundial quando o assunto é gênero. Ela desenvolveu diversos estudos, teorias e escreveu livros a respeito da temática. Dessa forma é considerada hoje uma renomada cientista social australiana. A teórica, Connell, graduou-se nas Universidades do seu próprio país, a Austrália. Ela obteve a sua graduação na Universidade de Melbourne e o seu mestrado e doutorado na Universidade de Sydney. Atualmente, ela é professora titular na Universidade de Sydney, porém ela já trabalhou em diversas outras faculdades. No período de 1976-1997, ela foi fundadora da disciplina de sociologia na Universidade de Macquaire. Ela também já atuou como professora visitante nas Universidades de Harvard e Califórnia, nos Estados Unidos. Países como a Alemanha e o Canadá também tiveram a presença da professora no quadro como professora visitante.

Raewyn Connell tem atuado nas áreas da sociologia, da educação, do gênero, da ciência política e da história. Nos seus estudos, Connell tem como luta a busca pela igualdade de gênero, de classe, de raça, o fim da discriminação, enfim, ela busca tudo aquilo que torne a sociedade um lugar de democracia. Como prova disso, ela escreveu diversos livros, nas mais diversas áreas, buscando sempre a justiça social. Entre esses livros estão os que ganharam mais destaque a nível internacional esses foram: o "*Ruling Class, Ruling Culture: Studies of Conflict, Power and Hegemony in Australian Life*" (CONNELL, 1977); "*Class Structure in Australian History"* (CONNELL, 1980); "*Making the Difference: Schools, Families and Social Division"* (CONNELL, 1982); "*Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics" (CONNELL,* 1987); "*Masculinities"* (CONNELL, 1995); "*Male Roles, Masculinities and Violence: A Culture of Peace Perspective"* (CONNELL, 2000).

Os livros "*Ruling Class, Ruling Culture: Studies of Conflict, Power and Hegemony in Australian Life*" e "*Class Structure in Australian History"* foram aqueles que a tornaram conhecida, pois ambos os livros falavam a cerca das dinâmicas de classes, das estruturas que aconteciam na história da Austrália. Os livros falavam a respeito de quem pertencia a classe dominante e quem era da classe dominada.

Além disso, os livros discorriam sobre a cultura dominante e a dominada e como essas influenciavam na estrutura de classes presentes na sociedade.

No livro "*Making the Difference: Schools, Families and Social Division"* ela expande a discussão das estruturas de classe, porém ela insere a questão de gênero no debate. Neste livro ela salienta como que as hierarquias de classe, podem influenciar nas hierarquias de gênero e consequentemente como isso é cimentado e perpetuado na vida escolar. Ela afirma nesse livro como que estrategicamente a escola tem sido uma "organizadora de classes" (CONNELL et al., 1982, pp. 149-154). Na época a pesquisa foi considerada para muitas pessoas uma "etnografia da escola" e esse tipo de pesquisa tornou-se familiar e popular no estilo de pesquisa britânica (CONNELL, 2002).

"*Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics"* foi um livro em que Connell desenvolveu uma teoria uma teoria sobre as relações de gênero. Neste livro a sua teoria social destacava que o gênero não é algo determinado por uma identidade pessoal, por uma questão referente ao corpo, não é algo fixado pelo sexo, mas que o gênero é algo que pertence a uma estrutura de grande escala social, ou seja, é algo que é construído socialmente, envolvendo culturas, ambientes, etc. Para ela:

> [...] a pluralidade de corpos é em nenhum sentido uma variedade aleatória; sociedades de humanos não são conjuntos caóticos de indivíduos. Eles são organizados em um amplo padrão de detalhes finos, por estruturas de relações sociais. O gênero é no máximo um nível fundamental de uma estrutura de relações sociais historicamente produzidos de uma estruturação das práticas sociais por meio do qual vidas são ordenadas e as pessoas diferenciadas. (CONNELL, 1994 apud CONNELL, 1987).

Raewyn Connell com os livros "*Masculinities"* e "*Male Roles, Masculinities and Violence: A Culture of Peace Perspective"* ficou conhecida fora do seu país, pois foi uma das fundadoras dos campos de estudos que envolvem a construção social da masculinidade. Mais precisamente, no livro *"Masculinities and Violence: A culture of Peace Perspective*" Connell olha para a história atual dos homens e do gênero dentro do pensamento da sociedade ocidental e sugere que houveram três tentativas de desenvolver o pensamento científico a respeito das masculinidades. A primeira foi com Freud, através dos estudos de caso. Trabalhando-se a questão do conflito e da acomodação na construção das identidades e no desenvolvimento das mesmas. A segunda tentativa de estudos foram os estudos sobre psicanálise que

atribuíam uma função social, ou seja, papéis sexuais para homens e mulheres. (HOLTER, 1996; CHODOROW, 1994). E 1950 e 1960 folders foram entregues falando sobre a dificuldade dos homens e meninos para corresponder a essas expectativas. Nos anos 70, essa visão começou a ser criticada pelas mulheres no movimento feminista, elas erradicaram essa questão de papel sexual, tanto para homens quanto para mulheres. No meio dessas críticas surgiu um movimento pela liberdade dos homens desses papéis sociais. A terceira tentativa de se estudar o tema foi dos últimos 15 anos que envolve muitas questões sociais e antropológicas, tem-se estudado gênero na perspectiva de relações sociais.

Ela foi uma das pessoas que implantou a ideia do conceito de masculinidade hegemônica e como o mesmo influencia nas decisões política, sociais e econômicas de uma nação. A autora também tem atuado junto a UNESCO e a ONU em relação aos homens, meninos e masculinidades buscando sempre alcançar o seu propósito de igualdade de gênero e justiça social.

A cientista social também desenvolveu outros livros fora dessa área de gênero. O livro escola "*School and Social Justice*" (CONNELL, 1993) aborda o tema educação e pobreza. Nele ela traz o conceito de "justiça curricular" onde a idéia que ela queria implantar nas escolas era de não compensar as deficiências que a educação tinha com os alunos que necessitavam de uma atenção especial, mas sim construir um currículo regular, obter uma pedagogia plena onde sirva a todos os alunos de maneira igualitária.

Outros livros foram o "*Socialism & Labor*" (CONNELL, 1978) e um dos mais recentes "Southern Theory" (CONNELL, 2007). O primeiro envolve a temática gênero com aspectos ligados ao mercado de trabalho e o movimento dos trabalhadores, a sexualidade e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e a violência sexual, visando sempre levantar propostas para a igualdade de gênero. Já o segundo é uma crítica aos intelectuais do mundo que entram no contexto da globalização, do neoliberalismo e assumem as teorias do norte, dos países desenvolvidos como as certas, ou mais pertinentes para todo igualmente. Enquanto que ignoram as suas próprias teorias e pesquisas desenvolvidas em seus próprios países. Ela salienta que se cada país observasse o que é produzido dentro de seu território muitas possibilidades de alcançar a igualdade de gênero, raça, classe poderiam ser desenvolvidas e estabelecidas.

Observa-se, portanto, a grande contribuição da teórica Raewyn Connell no cenário não apenas do gênero, mas em tudo que envolve a igualdade, a democracia, a busca por formas mais igualitárias de se viver em sociedade. Dessa maneira, pode-se entender porque ela é considerada como uma das principais autoras, uma das mais citadas no que diz respeito a gênero e educação.

6.3 Madeleine Arnot

Madeleine Arnot é atualmente uma professora de sociologia na Universidade de Cambridge na Inglaterra. Ela deu início a sua carreira acadêmica no Reino Unido alcançando o título de mestre na Universidade de Edinburgh e posteriormente alcançou o título de doutorado (Phd) na Universidade Aberta. Além da Universidade de Cambrigde, ela já atuou em diversos países e universidades como professora visitante. Ela já trabalhou como professora visitante na Universidade de Tromso na Noruega, em 1980; em OISE, no Canadá em 1983; foi também convidada para o Grupo de Estudos anglo-israelense em 1991; na Faculdade de Educação da Universidade British Columbia, no Canadá, em 1993; na Universidade de Illinois, nos Estados Unidos, em 2000; na Universidade de Estocolmo, na Suécia, em 2005; na Universidade Aristóteles de Salónica na Grécia e na Universidade do Porto em Portugal.

O foco de estudos dessa professora tem sido na sociologia da educação com o interesse de desenvolver planos e objetivos na própria área para promover a igualdade social e reduzir as diferenças sociais em todos os aspectos. Um dos temas relacionados à equidade é o tema gênero. Ela é reconhecida no cenário internacional desde 1980, porque desenvolveu e vem desenvolvendo um trabalho que fala a cerca da teoria da reprodução sócio-cultural e por integrar na educação e no gênero a teoria pedagógica de Bernstein. Nos seus escritos ela também discute sobre a noção essencialista de gênero

Madeleine Arnot é escritora de diversos livros que relacionam a temática gênero e educação, alguns desses títulos são “*Reproducing Gender? Essays on educational theory and feminist politics*” (ARNOT, 1980, 2002); “*Feminism and Social*

Justice in Education: International perspectives" (ARNOT, 1993); "*Closing the gender gap: postwar education and social change*" (ARNOT, DAVID, WEINER 1999); "*Challenging Democracy: International Perpectives on Gender, Education and Citizenship*" (ARNOT, 2000); "*The Routledge Falmer Reader In Gender And Education*" (ARNOT, 2006); "*Educating the Gendered Citizen: Sociological Engagements With National And Global Agendas*" (ARNOT, 2009).

O primeiro livro citado "*Reproducing Gender? Essays on educational theory and feminist politics*" foi uma dos primeiros trabalhos de Arnot onde ela relacionou gênero e educação e pode assim desenvolver as teorias de escolaridade e gênero que a tornaram conhecida. Este trabalho analisou se as reformas educacionais, que buscavam a igualdade, estavam realmente alcançando esse objetivo de dar oportunidades iguais a todos. Neste livro a partir de Bourdieu, Bernstein e outros ela encontra que a escola funciona como reprodutora da cultura dominante em todos os aspectos, raça, classe, gênero. E a escola reproduz essa cultura através da classificação, da separação dos alunos pelas suas habilidades e competências, pela sua classe, pelo seu sexo e tudo mais que se puder separar. Bernstein questiona como as relações sociais, as identidades e experiências são mantidas ou alteradas através da transmissão formal do ensino e do conhecimento nas escolas (BERNSTEIN, 1977, p. 85). A partir disso, Arnot (1980) conclui...

> Ao investigar esta questão, Bernstein se concentra sobre os caminhos da escolaridade a qual reproduzem a ordem social através da categorização dos alunos por idade, sexo e classe social. Esta categorização está embutida na estruturação do conhecimento e também na forma da pedagogia, a organização espacial da escola e os critérios de avaliação. As duas características críticas da experiência escolar encontram-se sob a forma de classificação (a construção e manutenção de fronteiras entre categorias diferentes, suas inter-relações e estratificação) e enquadramento (a forma e grau de controle dentro das relações pedagógicas, entre professor e aluno). (ARNOT, 1980, p. 33).

O segundo livro da lista acima "*Feminism and Social Justice in Education: International perspectives"* Madeleine Arnot investiga o impacto de mais de vinte anos da luta feminina com o foco na área da educação. Ela observa o desenvolvimento de políticas e práticas escolares ao longo dos anos e como elas vêm e têm contribuído na luta pela igualdade e justiça social. Neste livro a autora confronta o pensamento, o que esta no papel, para o que realmente tem sido posto em prática dentro de um contexto feminista geral. O livro faz uma relação das

tradições igualitárias, ou seja, as práticas mais comuns que são desenvolvidas para que se chegue a equidade social, com os vários tipos de feminismo: como o radical, o negro e o socialista. Além disso, ela também relaciona essas tradições com os aspectos sociais que são considerados quando o assunto é diferenças, como a classe social, a raça e o gênero e a maneira como eles se inter-relacionam com a prática educacional feminista. Este livro apresenta as preocupações do debate teórico feminista no mundo e ajuda a criar e desenvolver pautas feministas educativas mais adequadas ao cenário político e econômico do período em que o trabalho foi desenvolvido.

"Closing the gender gap: postwar education and social change" é um dos livros em que Madeleine Arnot é autora junto com outros dois teóricos. Neste livro ela foca nos meninos, fala sobre o insucesso escolar deles, como eles se sentem despreparados e inadequados para se encaixar numa posição de dominação, como as estruturas de gênero de papéis sexuais, o gênero numa perspectiva binária/ dualista - onde o gênero é determinado pelo sexo - impõe que eles assumam esse papel de liderança. Com isso ela mostra que eles tem se tornado as novas vítimas, tanto da escola como da sociedade e isso tem gerado o que ela chamou de "crise de masculinidade."

O quarto livro de Arnot "*Challenging Democracy: International Perpectives on Gender, Education and Citizenship"* acrescenta aos temas gênero e educação a temática cidadania. Nele, ela observa como que o sistema educacional influencia na formação de cidadãos, sejam eles do sexo masculino ou feminino. Nesta pesquisa ela mostrou como que as ordenações de gênero operam conceitos das cidadanias democráticas ou liberais, mesmo que muitas vezes de maneira inconscientemente. Neste livro os principais educadores internacionais foram levados a descrever os principais referenciais teóricos e metodologias que são comumente utilizados nas pesquisas de gênero e cidadania. Enfim, esse livro sugere que para se desafiar uma democracia há a necessidade de se criar um sistema educacional onde se forme homens e mulheres, cidadãos de um modo geral, que desempenhem um papel igual para a formação de uma sociedade verdadeiramente democrática para todos. O livro "*Educating the Gendered Citizen: Sociological Engagements With National And Global Agendas*" discute questões semelhantes a essa retratada neste livro, porém analisa a questão num tempo mais recente.

O ultimo livro de Arnot a ser comentado é o “*The Routledge Falmer Reader In Gender And Education*” onde nele a autora reúne as peças clássicas da teoria de gênero. Além disso, ela aborda as questões das teorias e metodologias das pesquisas contemporâneas de gênero na área educacional. Nesse livro reúne-se os principais pesquisadores do cenário internacional que debatem o conceito de gênero e nele, eles além de abordar o tema gênero, eles ponderam sobre poder, identidade, cultura, as preocupações sobre a escolaridade dos meninos e meninas, a sala de aula e as culturas juvenis, a educação e as ordenações de gênero no currículo escolar entre outros assuntos.

Esses são apenas alguns títulos que Madeleine Arnot escreveu. Pode-se observar que ela é uma das autoras que mais focaliza no tema gênero e educação. As outras autoras aqui já relatadas envolvem outros aspectos, mas Arnot é a que mais se foca nesses assuntos. Ela traz contribuições importantes para os dois campos – da Sociologia e da Educação. Na sociologia ela criou, em 2004,o Consórcio de Pesquisa sobre a Educação para o solicitar exílio para crianças refugiadas com o Conselho Geral de Ensino (Research Consortium on the Education for Asylum-Seeker and Refugee Children with the General Teaching Council). Além disso, atualmente ela é membro do Conselho Editorial da Revista Britânica de Sociologia da Educação e Estudos Internacionais em Sociologia da Educação.

Ao analisar todos esses escritos e a participação de Arnot no cenário educacional e de gênero entende-se porque ela tem sido referência neste aspecto. Muitas das teorias que são adotadas nas pesquisas foram desenvolvidas e pensadas por essa pesquisadora

6.4 Bronwyn Davies

Bronwyn Davies é uma estudiosa independente que trabalha em Sydney, Austrália. Ela também é professora visitante em duas faculdades, a Universidade de Melbourne e a Universidade de Macquarie, ambas na Austrália. Ela se graduou e conseguiu os títulos de mestrado e doutorado (PhD) pela Universidade de Nova Inglaterra, na Austrália. Nessa mesma universidade ela iniciou a sua carreira de professora trabalhando lá desde a década de 70 até o início da década de 90.Ela também já trabalhou na República Checa, Irlanda, Inglaterra, Suécia e Dinamarca, no ano de 2010. Em 2011, ela foi professora visitante em dois países, na Suécia e Dinamarca. Ela também já trabalhou nas Universidades de James Cook em Queensland, Austrália, e na Universidade de Western Sydney no estado de Nova Gales do Sul, Austrália.

Davies é uma teórica premiada por diversas universidades. Recentemente ela ganhou um prêmio pelo seu trabalho que falava sobre o início da infância. Esse trabalho foi feito para a Universidade de Uppsala, na Suécia, para um doutorado honorário. Em março e abril de 2010, ela assumiu a cadeira de Meaker Benjamin na Universidade de Bristol, no Reino Unido.

O foco central de suas pesquisas em relação ao gênero é repensar as práticas dos profissionais, a relação das pessoas, repensar os discursos, o poder, a subjetividade no contexto do potencial radical do pós-estruturalismo. Como as outras pesquisas ela é uma teórica que não se prende a estereótipos de gênero, as perspectivas que definem o gênero pelo sexo. Seus estudos analisam a necessidade de uma alfabetização crítica onde se ofereça métodos pedagógicos que desconstruam o estereótipo de gênero dos livros infantis (DAVIES, 1997). Davies nos seus estudos argumenta que as mulheres perderam espaço de gênero para os homens por muitos anos, porém ela defende as feministas pós-estruturalistas porque ela acredita que elas nas suas argumentações, nos seus escritos lutam mais pela igualdade do que as feministas radicais que acabam sendo sexistas em favor das mulheres e não em favor da equidade de gêneros. Sobre o pós-estruturalismo ela fala…

> No pós-estruturalismo feminista temos a oportunidade de explorar como o assunto é continuamente construído e coexiste com textos que foram constituídos e com textos onde as contradições podem ser abraçadas. As feministas pós-estruturalistas são especialmente interessantes porque nos permite ir além da atenção das coisas das feministas liberais, como os direitos individuais das mulheres, o feminismo radical que é uma ação coletiva para a justiça social e o fim do patriarcado. As mensagens estruturais do feminismo nos ajudam a ir além dos binários masculinos e femininos onde as práticas são essencializadas (ENGLISH, IRVING, 2008 *apud* DAVIES et al., 2006, p. 88).

Nessa linha de raciocínio que Davies é a autora de diversos livros e artigos de referência da área de gênero. Entre os livros mais recentes e famosos publicados que abordam a temática estão "*Gender in Japanese Preschools: Frogs and Snails and Feminist Tales in Japan"* (DAVIES, KASAMA, 2004); "*A Body of Writing 1989-1999"* (DAVIES, 2000); "(*In)scribing Body/landscape Relations"* (DAVIES, 2000); "*Frogs and Snails and Feminist Tales: Preschool Children and Gender*" (Davies, 1989).

O livro "*Gender in Japanese Preschools: Frogs and Snails and Feminist Tales in Japan"* é uma extensão do primeiro livro lançado pela autora cujo obtem o mesmo subtítulo "*Frogs and Snails and Feminist Tales: Preschool Children and Gender*" (DAVIES, 1989). Nesse livro a autora tem a mesma proposta do livro de 1989, porém analisando o contexto japonês. No livro de 1989 ela mesma analisa as experiências de crianças na pré-escola dentro do contexto da teoria pós-estruturalista de gênero. Ela faz uma análise dos jogos, dos desenhos, ou seja, das interações que as crianças têm em seu cotidiano escolar. Esse livro foi traduzido em várias línguas para vários países. No livro "Gender in Japanese Preschools: Frogs and Snails and Feminist Tales in Japan" utiliza observações de autores japoneses nas salas de aulas, nos parques infantis para discorrer sobre o comportamento das crianças em idade pré-escolar. Com isso, ela procura entender o que significa ser menino ou menina no Japão, ela observa o impacto da cultura japonesa sobre as crianças, principalmente sobre as meninas.

Em "*A Body of Writing 1989-1999"* ela faz uma análise compromissada com o pós-estruturalismo, desafiando limites entre a teoria e a prática. Nele a autora faz uma discussão menos sofisticada, com menos argumentos em excesso, que é uma característica dos pós-estruturalistas. Entretanto, ela não dispensa as suas próprias particularidades dos seus escritos de gênero pós-estrutural, que é a epistemologia, o feminismo e a discussão sobre o poder são características suas que são comumente

inseridas nas suas representações sobre as experiências de vida nas pesquisas empíricas. O trecho a seguir do livro reflete bem o pensamento de Bronwyn Davies.

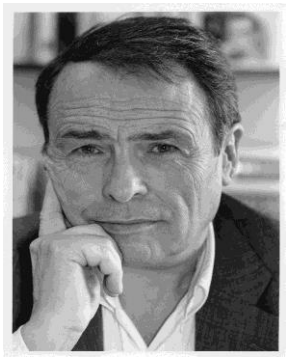
> Como feminista, eu desejo um mundo em que o sexo de alguém / gênero tenha relevância apenas no processo de reprodução biológica. Eu desejo um mundo em que existam várias maneiras de estar disponível para todos, que a multiplicidade não esteja organizada em torno do dualismo masculino / feminino. Anseio por um mundo em que cada um de nós possa se mover de forma legítima e reconhecidamente de qualquer uma dessas múltiplas formas de ser para outro. Anseio por maneiras 'femininas' disponíveis para mim agora e maneiras 'femininas' disponíveis e valorizadas para todos. (DAVIES, 2000, p. 37).

Em "*(In)scribing Body/landscape Relations"* Davies analisa o corpo e a paisagem. Neste livro ela pensa em ambos juntos, conectados e não um em oposição ao outro, como tendem a fazer a maioria dos livros quando aborda esses temas centrais. Aqui ela desenvolveu uma teoria onde ela explica que os corpos são a co-extensão de uma paisagem e que a própria paisagem é caracterizada como um corpo, ou seja, um depende do outro, um está ligado ao outro. Assim como a relação gênero e corpo, um depende do outro para ser desenvolvido e para existir.

Bronwyn Davies também escreveu outros livros respeito do gênero, entretanto, não será possível falar de todos eles. Entre eles estão: "*Power/Knowledge/Desire: Changing School Organization and Management Practices"* (Davies, 1996); "*Gender bias in School Textbooks"* (DAVIES, 1995); "*Poststructuralist Theory and Classroom Practice"* (DAVIES, 1994); "*Shards of Glass. Children Reading and Writing Beyond Gendered Identities*" (DAVIES, 1993); "*Gender, Equity and Early Childhood" (DAVIES, 1988)*. Observa-se, porém, que os livros giram em torno dos campos temáticos de gênero, educação, pós-estruturalismo, igualdade etc.

Atualmente, Davies deixou o emprego numa universidade para ser uma pesquisadora e estudiosa do campo de gênero independente do vínculo acadêmico. Ela alega que preferiu fazer isso devido à influência neoliberal sobre os escritos acadêmicos de um modo geral.

6.5 Pierre Bourdieu



O último autor mais citado nos artigos foi o conhecido autor Pierre Bourdieu. Ele ficou conhecido internacionalmente porque ao longo da sua carreira ele contribui significativamente na formação de um pensamento sociológico no século XX. Ele desenvolveu trabalhos que abordavam os mais diversos temas nas áreas de educação e da antropologia, como cultura, arte, lingüística, política, mídias, sociologia e o tema desta dissertação, gênero, ele também analisou um pouco.

Sua formação acadêmica é marcada inicialmente por uma escolha e logo em seguida por uma troca. Ele ingressou na universidade no ano de 1951 para cursar letras na Escola Normal Superior, porém em 1954 ele gradua-se no curso de Filosofia.

Pierre Bourdieu já trabalhou em vários países como França, Estados Unidos, Alemanha etc. Tendo atuado nas seguintes universidades: Faculdade de Letras de Paris, na Universidade de Harvard, na Universidade de Chicago, no Instituto Marx Planck (Alemanha), no Collège de France, entre outras.

Dentro do contexto de gênero, Bourdieu analisa a questão em torno dos três conceitos fundamentais que ele usa para analisar o mundo social, esses conceitos são o campo, o habitus e o capital.

Bourdieu afirma que o campus social é formado pelo habitus. Nesse contexto o habitus seria as maneiras de ser, as orientações, os valores, os comportamentos. Ele entende que o habitus é formado da interação dos diversos campos sociais, formando assim um novo campo social. Por causa da posição que o autor defende ele não seria um dos melhores teóricos para ser incorporado aos estudos feministas atuais, pois ele não acredita na mudança das estruturas, já que ele entende que as mesmas são formadas por elas próprias. Ele seria mais apropriado para entender como vem se desenrolando a estrutura, as ordenações e o conceito de gênero. Entretanto, as feministas tendem a usar Bourdieu por duas razões. A primeira é que o campus social é formado pelo habitus e pelo gênero. Esse habitus e o gênero envolvem as diferenças de poder, as diferenças sociais, econômicas e simbólicas. A

segunda razão é de que através do gênero é que são construídos os campos sociais, ou seja, os repertórios e as disposições.

Muitas feministas utilizam o livro mais famoso de Bourdieu que fala a respeito do gênero, o "*Dominação Masculina*" (BOURDIEU, 2001). Nele ele fala das diferenças de homens e mulheres no mercado de trabalho. Nesse livro ele acaba analisando o gênero numa abordagem binária onde o homem é dominador e a mulher submissa, como se isso fosse algo estruturado sem possibilidade de alteração. MCLEOD (2005) faz uma apreciação sobre o livro de Bourdieu...

> No livro, a Dominação Masculina, Bourdieu diz que seus métodos e conceitos proporcionam uma forma de analisar o gênero e a diferença sexual. Ele propõe uma investigação dos mecanismos históricos responsáveis pela relativa historização e a externalização da estrutura da divisão sexual e os princípios correspondendo a divisão. No estudo etnográfico que é a base desse livro ele buscou desnaturalizar a divisão de gênero para fazer uma naturalização da divisão de gênero, uma naturalização constantemente social que parece com o natural da divisão arbitrária a qual enfatiza tanto a realidade quanto a representação da mesma. O objetivo de Bourdieu é entender o aterramento da divisão sexual do trabalho localizando o gênero como um particular tipo de habitus que tem sua força porque parece parte da ordem natural das coisas. Nesse livro, o conceito de habitus orienta o inquérito para a investigação das práticas, e descreve as relações, disposições de gênero como consequência das práticas da divisão sexual. A dominação masculina vem das divisões sexuais do trabalho, onde as atividades são distantes para sexo e assim acaba-se formando a ordem social (MCLEOD, 2005, p.18).

Sobre a divisão sexual do trabalho, a respeito das divisões sexuais, as funções atribuídas a cada sexo Bourdieu aborda...

> As funções de ordem social como uma imensa máquina simbólica tende a ratificar a dominação masculina em que se funda: é a divisão sexual do trabalho, uma distribuição muito rígida das atividades atribuídas a cada sexo, do seu lugar, tempo e instrumentos, que é a estrutura do espaço, com a oposição entre o local de montagem ou do mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada para as mulheres (BOURDIEU, 2001, p.9).

Ao considerar a citação de MCLEOD (2005) sobre o livro "*Dominação Masculina*" e a citação do próprio livro de Bourdieu observa-se que ele entende sobre dominância masculina, considera as divisões sexuais, mas o seu intuito não é propor ou buscar uma possível equidade de gênero. A intenção de Bourdieu é apenas compreender como essas divisões sexuais aconteceram, se tornaram o que é hoje através da vivência cotidiana entre as pessoas, que é o que ele chama de habitus.

Ao observar e analisar a teoria de Pierre Bourdieu constata-se que ela é usada erroneamente pelas as feministas. Elas tendem a se utilizar do habitus para explorar as questões de gênero e buscar uma mudança, porém a ideia de Bourdieu é contrária as releituras que elas tem se proposto. Contudo, ele não seria o mais apropriado autor para se buscar a equidade de gênero. A teoria do autor seria mais adequadamente utilizada para analisar o conceito de gênero.

Connell (2007) ressalta no seu livro "*Southern Theory*" a tendência que os pesquisadores tem de considerar apenas as teorias do Norte e como esse eurocentrismo limita os estudos e pesquisas. Dentro desse grupo de autores do Norte, da Europa, mais especificamente que são utilizados corriqueiramente pelos pesquisadores esta o Bourdieu. Connell afirma que focalizar as bases teóricas dos países desenvolvidos e desconsiderar as dos próprios países que estão se pesquisando é um erro, pois a realidade de um país da Europa não é a mesma que a de um país da América do Sul, por exemplo. Dessa forma, se os pesquisadores buscassem menos o Bourdieu, por exemplo, e focassem mais nas produções de seus países, a possibilidade de se alcançar melhores resultados para reduzir as diferenças de gênero, raça, classe entre outras seriam mais eficazes.

Todos os cinco autores mais influentes das pesquisas, exceto Bourdieu, possuem um entendimento mais atual sobre gênero, defendendo o pós-estruturalismo. Com isso, pode-se concluir que os pesquisadores têm lido, tem sido influenciados em suas ideias, porém apenas teoricamente, apenas no papel. Há ainda um certo receio de abandonar a análise de gênero pela perspectiva binária. Entende-se que buscar mesclar as duas perspectivas para as análises de gênero poderia tornar as ações de busca pela igualdade de gênero algo mais palpável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, apresentou-se como o tema gênero foi discutido ao longo desta última década, 1990-2009, nas pesquisas internacionais. Buscou-se analisar o conceito de gênero, as metodologias presentes nos estudos, os métodos de coleta e análises de dados contidos nos escritos, a relação existente entre educação e gênero e por fim, quais seriam as maiores influentes teóricas presentes nos estudos.

Para esta pesquisa bibliográfica realizou-se um estudo do tipo estado do conhecimento utilizando como instrumento mapas conceituais dos textos analisados.

Concluiu-se, dentre outros que a abordagem de gênero é considerada um campo recente nos estudos das áreas humanas e em especial na área de Educação. Sua vertente mais recente esta associada a abordagem pós-estruturalista, que estabelece que gênero é construído sócio-culturalmente. Porém, grande parte das pesquisas investigadas utilizam com base epistemológica a abordagem biológica/binária, demonstrando, de certo modo que existe um certo receio por parte dos pesquisadores de assumirem uma discussão mais aberta sobre a questão de gênero. Esse receio impede que essas ordenações de gênero, impostas socialmente, possam ser questionadas e estudadas de modo a diminuir as desigualdades por elas engendrada no interior das relações de gênero.

A pesquisa identificou ainda que a tendência das pesquisas em estudarem o gênero numa perspectiva biológica/binária advém das metodologias escolhidas. A metodologia mais utilizada é a de comparação entre os sexos, ou seja, pouco se utiliza as dinâmicas das ordenações de gênero, como se pode observar pelos estudos envolvendo a escola.

Nos trabalhos de natureza bibliográfica, os pesquisadores, em sua maioria, repetem o que outros estudiosos já encontraram e concluíram sobre o tema. Quando a metodologia envolve uma pesquisa de campo com instrumentos de coleta de dados estes, em geral, são instrumentos fechados, como os questionários, os testes e as entrevistas estruturadas. Com isso, entende-se que os pesquisadores não querem se afastar das suas hipóteses ou querem apenas confirmá-las. Como grande parte das pesquisas é bibliográfica e as pesquisas de campo não procuram identificar outros aspectos das ordenações de gênero, grande parte dos estudos não informou como fez a análise dos seus dados.

Além disso, através dos mapas conceituais, foi possível destacar as relações existentes entre gênero e educação. Observou que as relações que existem entre as temáticas gira em torno do mercado de trabalho. Quando as pesquisas relacionavam os dois temas elas informavam sobre as diferenças entre homens e mulheres no ambiente de trabalho, em como os salários assim como seus cargos eram menores em relação aos homens, em como predomina uma dominação masculina nessa área. Além disso, falou-se muito sobre a escolha das profissões. Foram utilizados os termos de “carreira de homem” e “carreira de mulher” nas pesquisas. Por fim, destacou-se também nas pesquisas que se a mulher ganhar um incentivo nos estudos e espaço no mercado de trabalho, ela pode alcançar melhores posições e assim reduzir as diferenças de gênero. Então concluiu-se que há aspectos referentes ao sexo masculino e ao sexo feminino quando se integra as temáticas gênero e educação. O que se viu referente a esses dois assuntos é que ainda há muita diferença e discriminação em relação as mulheres, mas isso pode ser mudado com estudos, espaço e incentivo para elas.

Por fim, destacou-se os cinco autores mais influentes nas pesquisas estudadas. Constatou-se que quatro deles que defendem a perspectiva pós-estruturalista nos estudos de gênero, apenas um dos autores acredita que a ordem de gênero não pode ser mudada. Este é utilizado nas pesquisas como se defendesse a posição dos outros quatro, ou seja, a abordagem de gênero pós-estruturalista. Entende-se esses autores foram mais utilizados por defenderem uma posição de gênero menos discriminatória. Porém conclui-se que os pesquisadores que consideram essa abordagem nos seus estudos, quando fazem as suas análises não saem de sua zona de conforto em termos da abordagem biológica e binária, limitando em seus estudos a diferenciar os homens das mulheres.

O intuito desta dissertação foi salientar o que se tem feito nas pesquisas de gênero, e não determinar se uma abordagem de gênero é mais correta ou mais incorreta. Porém há de se considerar que limitar a análise de gênero a diferenciação de homens e mulheres restringe a dinâmica das ordenações de gênero existentes nas diferentes sociedade. Quando se faz isso limita-se a construção do pensamento dos alunos que estarão lendo, contemplando e formalizando o seu próprio argumento a respeito da temática de gênero. Dessa maneira, este estudo propõe que novas pesquisas de gênero sejam feitas, que elas sejam mais abrangentes e procurem entender as diversas ordens de gênero, para que assim possa

compreender melhor o tema e contribuir na luta pela redução das desigualdades de gênero.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado:** Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ANDRÉ, Marli. A pesquisa sobre formação de professores no Brasil – 1990-1998. In: CANDAU, Vera M. (Org.). **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.83-100

APPS, J. W. **Mastering the teaching of adults**. Malabar, FL: Krieger, 1991.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferença e Igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v.17, n.2, 2005.

ARNOT, M. **Educating the Gendered Citizen: Sociological Engagements With National And Global Agendas**. London: Routledge, 2009.

ARNOT, M. **Feminism and Social Justice in Education: International perspectives**. NY, London: Routledge 1993.

ARNOT, M. **Reproducing Gender? Essays on educational theory and feminist politics**. (1980 - 1ed). NY, London: Routledge, 2002.

ARNOT, M; DAVID, M; WEINER, G. **Closing the gender gap: postwar education and social change**. Cambridge: Polity Press, 1999.

ARNOT, M; DILLABOUGH, J-A. **Challenging Democracy: International Perpectives on Gender, Education and Citizenship**. NY, London: Routledge, 2000.

ARNOT, M; MAC, GHAILL, M. M. A. **The Routledge Falmer Reader In Gender And Education**. NY, London: Routledge , 2006.

ARNOT, Madeleine. Gender equality, pedagogy and citizenship: Affirmative and transformative approaches in the UK. **Theory and Research in Education**, v.4, n.2, 2006.

ARRUDA, Angela. Teoria das representações. Sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 127-147, novembro/ 2002.

BANWART, M. C. Gender and Young Voters in 2004: The influence of perceived knowledge and interest. **American Behavioral Scientist**, v.50, n.9, 2007.

BARER-STEIN, T.; DRAPER, J. **The craft of teaching adults.** Malabar, FL: Krieger, 1993

BARROSO, João. Factores organizacionais da exclusão escolar – a inclusão exclusiva. In: RODRIGUES, David (Org.). **Perspectivas sobre a inclusão**, Porto: Porto Editora, 2003. p. 26-36.

BATANERO C.; ESTEPA A.; GODINO J.D. Análisis exploratorio de datos: sus posibilidades en la enseñanza secundaria. **Suma**, n.9, pp.25-31, 1991.

BERNSTEIN, B. **Pedagogy, Symbolic Control and Identity:Theory Research, Critique**. Revised edition. London: Rowman and Littlefield, 2000.

BLOOM, Barbara; OWEN,Barbara; DESCHENES, Elizabeth Piper; ROSENBAUM, Jill. Moving Toward Justice for Female Juvenile Offenders in the New Millennium: Modeling Gender-Specific Policies and Programs. **Journal of Contemporary Criminal Justice**, v. 18, n. 1, p. 37-56, February 2002.

BOK, M. Education and Training for Low-Income Women: An Elusive Goal. **Affilia**, v. 19, n.1, p.39-52, 2004.

BOK, M.; SIMMONS, L. Post-welfare reform, low-income families and the dissolution of the safety net. **Journal of Family and Economic Issues**, n.*23*, p.217-238, 2002.

BOURDIEU, P. **Masculine Domination**. Stanford,CA: Stanford University Press, 2001.

BRANDÃO, Zaia; BAETA, Anna Maria Bianchini; ROCHA, Any Dutra Coelho. **Evasão e repetência no Brasil: a escola em questão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

BRAGANÇA, G. A. **A produção do saber nas pesquisas sobre o fracasso escolar (1996-2007).** 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BRITO, R. S. **Masculinidades e Feminilidades: implicações para o fracasso/ sucesso escolar de meninos e meninas nas séries iniciais**. In: 27ª. Reunião Anual da Anped, Caxambu - MG, 2004.

BRITO, Rosemeire dos Santos. Intrincada trama de masculinidades e feminilidades: fracasso escolar de meninos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, p. 129-149, jan./abr 2006.

BROOKFIELD, S. D. **Understanding and facilitating adult learning**. San Francisco: Jossey-Bass, 1986.

BROWN, Angela H.; CERVERO, Ronald M.; JOHNSON-BAILEY, Juanita. Making the Invisible Visible: Race, Gender, and Teaching in Adult Education. **Adult Education Quarterly**, v. 50, n. 4, p.273-288, August 2000.

BROWNE, B. A. Gender stereotypes in advertising on children's television in the 1990s:A cross-national analysis. **Journal of Advertising**, n.*27*, p.83-96, 1998.

BRUIJN, E. de; VOLMAN, M. Changes in Occupational Structure and Occupational Practice – A Challenge to Education. **The European Journal of Women's Studies**, v. 7, n.4, 2000.

BRUTSAERT, H.; HOUTTE, M. V. Gender Contexto of Schooling and Levels of Stress Among Early Adolescent Pupils. **Education and Urban Society**, v. 37, n.1, Nov. 2004.

BUENO, J. G. A inclusão de alunos diferentes nas classes comuns do ensino regular. **Temas sobre desenvolvimento**, São Paulo, v. 9, n. 54, p. 21-27, 2001.

BUENO, J. G. **Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente**. São Paulo: EDUC, 1993.

BURNHAM, L. Welfare reform, family hardship, and women of color. In: ALBELDA, R.; WITHORN, A. (Eds.). **Lost ground***.* Boston: South End Press, 2002. p. 43-56.

CAMPOS, V. L. S. L.**Causas do desânimo e abandono dos professores das séries iniciais do ensino fundamental–representação social.** 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

CARLINI-COTRIM, Beatriz. Potencialidades da técnica qualitativa *grupo focal* em investigações sobre abuso de substâncias. **Rev. Saúde Pública** [online], v.30, n.3, p. 285-293, 1996. ISSN 0034-8910.

CARNOY, Martin. **Estado e Teoria Política**. Campinas: Papirus, 1990.

CARVALHO, M. P. D. Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. . **Educação e Pesquisa**, São Paulo, 2003.

CARVALHO, Marília Pinto de. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 554-576, 2001.

CARVALHO, Marília Pinto de. O fracasso escolar de meninos e meninas articulações entre gênero, cor e raça. **Cadernos Pagu**, n.22, p.247-290, 2004ª.

CARVALHO, Marília Pinto de. Quem são os meninos que fracassam na escola. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 11-40, jan./abr. 2004b.

CARVALHO, Marília Pinto de.; CRUZ, Tânia Mara. Jogos de gênero: o recreio numa escola de ensino fundamental. **Cadernos Pagu,** n.26, p.113-143, 2006.

CASSIANI, Silvia Helena De Bortoli; CALIRI, Maria Helena Larcher; PELA, Nilza Teresa Rotter. A teoria fundamentada nos dados como abordagem da pesquisa interpretativa. **Rev. Latino-Am. Enfermagem** [online], v.4, n.3, p. 75-88, 1996. ISSN 0104-1169.

CASTRO, M. C. S. de.**O currículo na formação de professores em questões de gênero.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,2011.

CASTRO, Mary Garcia. **Gênero e Raça: Desafios à escola.** Disponível em: <http://www.smec.salvador.ba.gov.br/documentos/genero-raca.pdf>. Acesso em 11 de setembro de 2007.

CHAGAS, C. R. R. P. das. **Memórias bordadas nos cotidianos e nos currículos.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CHAUÍ, M. A universidade operacional. **Revista da ADUNICAMP**, Campinas, ano 1, n.1, jun. 1999.

CHEN, P; WHITE, H. R. Gender differences in adolescent and Young adult predictors of later intimate partnet violence – A prospective study. **Violence Against Women**, v.10, n.11, Nov. 2004.

CHING, Cynthia Carter; BASHAM, James D.; JANG, Eunice . The Legacy of the Digital Divide: Gender, Socioeconomic Status, and Early Exposure as Predictors of Full-Spectrum Technology Use Among Young Adults. **Urban Education**, v. 40, n. 4, p. 394-411, July 2005.

CHODOROW, Nancy 1. **Femininities, Masculinities, Sexualities: Freud and Beyond.** Lexington: University Press of Kentucky, 1994.

CONNEL, R. W. Introduction: Studying Australian Masculinities. **Ligs,** v.3, n.2, December 1998**.**

CONNELL, R. **Long Marches: Gender politics and gender research in Australian perspective.** Public lecture for the conference on "Two Decades of Gender and Difference" to celebrate the work of Chilla Bulbeck, Adelaide, 18-19 February, 2009.

CONNELL, R. W. Bodies and Genders. **Agenda,** n.23: body politics, 1994.

CONNELL, R. W. Change among the Gatekeepers: men, masculinities, and gender equality in the Global Arena. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 30, n. 3, 2005.

CONNELL, R. W. **Class Structure in Australian History**. Melbourne: Longman Cheshire, 1980.

CONNELL, R. W. **Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics.** Sydney: Allen e Unwin, 1987.

CONNELL, R. W. Making the Difference, then and now. **Discourse: studies in the cultural politics of education**, v. 23, n. 3, 2002.

CONNELL, R. W. **Making the Difference: Schools, Families and Social Division**. Sydney: George Allen e Unwin, 1982.

CONNELL, R. W. **Male Roles, Masculinities and Violence: A Culture of Peace Perspective.** Paris: UNESCO Publishing, 2000.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. Sydney: Allen e Unwin, 1995.

CONNELL, R. W. **Ruling Class, Ruling Culture: Studies of Conflict, Power and Hegemony in Australian Life**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1977.

CONNELL, R. W. **School and Social Justice**. Toronto: Our Schools/ Our Selves Education Foundation, 1993.

CONNELL, R. W. **Socialism & Labor.** Chippendale: Labor Praxis Publicartions, 1978.

CONNELL, R. W. **Southern Theory: the global dynamics of knowledge in social science**. Polity Press: Unwin, 2007.

CONNELL, R.W. A sober anarchism. **Sociological Theory**, v.10, n.1, 1992.

CORREIA, Maria da Conceição Batista. A observação participante enquanto técnica de investigação. **Pensar Enfermagem**, v.13, n.2, 2º Semestre de 2009.

COSTA, D. M. **A produção do proped/ uerj sobre a temática gênero.** Anais do XVI Semana da Educação: “Os sentidos da pedagogia hoje”, 2011.

COSTA, Daiane de Macedo. **Um estudo etnográfico sobre as ordenações e relações sociais de gênero no ensino fundamental: observação de conselhos de classe.** Monografia (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

COUTINHO, Martha J.; OSWALD, Donald P. State Variation in Gender Disproportionality in Special Education: Findings and Recommendations**. Remedial and Special Education**, v. 26, n.1, p.7-15, 2005.

DANTAS, M; CAVALCANTE, V. **Pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa**. 2006. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/14344653/Pesquisa-qualitativa-e-quantitativa>. Acesso em 10-01-2013

Davies, B. The subject of post-structuralism: A reply to Alison Jones. **Gender and Education**, v. 9, n.3, p. 271-83, 1997.

DAVIES, B. **(In)scribing Body/landscape Relations**. Walnut Creek*:* Alta Mira Press, 2000.

DAVIES, B. **Body of Writing 1989-1999***.* Walnut Creek*:* Alta Mira Press, 2000.

DAVIES, B. **Frogs and Snails and Feminist Tales: Preschool Children and Gender.** Sydney: Allen e Unwin, 1989.

DAVIES, B. **Gender bias in School Textbooks.** London: Commonwealth Secretariat, 1995.

DAVIES, B. **Gender, Equity and Early Childhood**. Curriculum Development: Canberra, 1988.

DAVIES, B. **Poststructuralist Theory and Classroom Practice**. Geelong: Deakin University Press, 1994 .

DAVIES, B. **Power/Knowledge/Desire: Changing School Organization and Management Practices**. Canberra: Department of Employmentm education and youth affairs, 1996.

DAVIES, B. **Shards of Glass. Children Reading and Writing Beyond Gendered Identities.** Sydney: Allen e Unwin, 1993

DAVIES, B.; BROWNE, J.; GANNON, S.; et al. Constituting the feminist subject in poststructuralist discourse. **Feminism and Pyschology**, v. 16, n.1, p. 87-103, 2006.

DAVIES, B.; KASAMA, H. **Gender in Japanese Preschools: Frogs and Snails and Feminist Tales in Japan**. NJ: Cresskill, Hampton Press, 2004.

DAVIES, J. Expressions of gender: an analysis of pupils' gendered discourse styles in small group classroom discussions. **Discourse & Society**, v. 14, n.2, 2003

DECARTES, R. **Discurso do Método.** (1637). São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DENZIN, N.K. ; LINCOLN, Y. The discipline and practice of qualitative research. In: DENZIN. N.K. ; LINCOLN. Y.S. (Eds.), **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2000. p. 1-28.

DUBET, François. A escola e a exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.119, p. 29-45, 2003.

ENGLISH, Leona M.; IRVING, Catherine J. Reflexive Texts: Issues of Knowledge, Power, and Discourse in Researching Gender and Learning. **Adult Education Quarterly,** v. 58, n. 4 p. 267-283, August 2008.

ENSLIN, P.; TJIATTAS, M. Educating for a Just world without gender. **Theory and Research in Education**, v. 4, n.1, 2006.

ESTABLET, R..; BAUDELOT, Ch. **La escuela capitalista en Francia.** 5. ed; Madrid: Siglo XXI. 1978

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p.257-272, ago. 2002.

FINCO, Daniela. Socialização de Gênero na Educação Infantil. **Ciênc. let.,** Porto Alegre, n. 43, p. 261-274, jan./jun. 2008.

FORMIGA, Nilton S.; GOLVEIA, Valdiney V.; SANTOS, Maria Neusa dos. Inventário De Sexismo Ambivalente: Sua Adaptação e Relação Com O Gênero. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 103-111, jan./jun. 2002.

FOSTER, Michele. Race, Class, and Gender in Education Research: Surveying the Political Terrain. **Educational Policy,** v.3, n.1, p.77-85*,* 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed, Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987.

GALBRAITH, M. W. (Ed.) **Facilitating adult learning: A transitional process.** Malabar, FL: Krieger, 1991.

GEERTZ, CLIFFORD*.* **A Interpretação Das Culturas.** Rio de Janeiro: Ed. LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A,1989. 321p.

GLAT, R.; NOGUEIRA, M. L. de L. Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil. **Revista Integração**, Brasília, v. 24, ano 14, p. 22-27, 2002.

GLAT, Rosana (org.). **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2007

GODINHO, Tatau (org.) et. al.**Trajetória da mulher na educação brasileira : 1996-2003**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. 149 p. ISBN: 85-86260-10-X

GOODEN, S. **Examining racial differences in employment status among welfare recipients.** : *Race and welfare report* (n.p.). Oakland, CA:Grass Roots Innovative Policy Program, 1997

GUIMARÃES, M. E. **Escolas, galeras e narcotráfico**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

HEMMINGS, Clare. Ready for Bologna? The Impact of the Declaration on Women's and Gender Studies in the UK. **European Journal of Women's Studies***,* v. 13, n.4, p. 315–323, 2006.

HENRIQUES, Ricardo**. Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas na educação**. Brasília: UNESCO, 2002. 100p.

HOLTER, Cysteio Gullvag. Authoritarianism and Masculinity. **IASOM News**, leuer 3, n. 1, p.18-32, 1996.

HYDE, C. A.; DEAL, K. H. Does Gender Matter? Male and Female Participation in Social Work Classrooms. **Affilia**, v. 18, n.2, 2003.

IVINSON, Gabrielle. Feminist Scholarship in Education: The State of the Art? **British Educational Research Journal**, v. 27, n. 2, p. 219-223, Apr. 2001.

JANSSEN, Anna; MURACHVER, Tamar. The Relationship between Gender and Topic in Gender-Preferential Language Use. **Written Communication**, v. 21, n. 4, p. 344-367, October 2004.

JODELET, D. Processos Psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis: Editora Vozes, 1999. p. 53-66.

JOHNSON-BAILEY, J.;CERVERO, R. An analysis of the educational narratives of reentry Black women. **Adult Education Quarterly**, n. 46, p. 142-157, 1996.

JONES, M. Gail. Gender Issues in Teacher Education**. Journal of Teacher Education** , n.40, p.33, 1990.

KEAY, Jeanne. Learning from other teachers: Gender influences. **European Physical Education Review,** v.3, n. 2, p. 209-227, 2007.

KELLY, A. **Gender differences in teacher-pupil interactions: A meta-analytic review.** Munuscipt submitted for publication, 1986.

KLEIN, S. S. *et. al*. Continuing the Journey Toward Gender Equity. **Educational Researcher**, 1994.

KNOWLES, M. S. **The modern practice of adult education: From pedagogy to andragogy**. 2nd ed. New York: Cambridge Books, 1980.

KOBLITZ, A. H. **Science, women, and revolution in Russia.** Amsterdam: Harwood Academic, 2000.

KOBLITZ, Ann Hibner. Gender and Science – where science is on the margins. Bulletin of Science, **Technology & Society**, v. 25, n. 2, April 2005.

KRUEGER, R. A. **Focus group: a pratical guide for applied research**. Newbury Park: Sage Publications, 1988.

LAGESEN, Vivian Anette. A Cyberfeminist Utopia? Perceptions of Gender and Computer Science among Malaysian Women Computer Science Students and Faculty. **Science Technology Human Values**, v. 33, n.1, p. 5-27, 2008.

LENZ, E.**The art of teaching adults.** New York: Holt, Rinehart & Winston, 1982.

LIMA, G. A. B. Mapa Conceitual como ferramenta para organização do conhecimento em sistema de hipertextos e seus aspectos cognitivos. **Perspect., Ciênc. Inf.,** Belo Horizonte, v.9, n.2, 2004.

LING, L. C. A. **Análise experimental dos efeitos do design do mobiliário escolar (assento tradicional e bola de sentar) no desempenho em leitora oral posto de trabalho informatizado.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

LINGARD, B.; MILLS, M. Pedagogies making a difference: issues of social justice and inclusion. **International Journal of Inclusive Education**, v. 11, n. 3, p.233-244, May 2007.

LINHARES, Luciano Lempek; MESQUIDA, Peri; SOUZA, Laertes L. de. **Althusser: A escola como aparelho ideológico do estado.** 2007. Disponível em:<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-204-05.pdf>. Acesso em: 07/02/2013.

LONG, M.; BOLARSKY, G.; THAYER, G. Gender and racial counter-stereotypes in science education television: a content analysis. **Public Understanding of Science**, n.10, p. 255-269, 2001.

LOSH, Susan Carol. Gender, Educational, and Occupational Digital Gaps 1983-2002. **Social Science Computer Review**, v.22, n.152, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação – Uma perspectiva pósestruturalista**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003.

MAIA, M. Processos bottom-up e top-down no rastreamento ocular de imagens. **Veredas On-Line – Psicolinguística**, n.2, p.8-23, 2008.

MARTINS, J. de S. **Exclusão social e nova desigualdade**. São Paulo: Paulos, 1997.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã / Karl Marx e Friedrich Engels** ; [introdução de Jacob Gorender] ; tradução Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo : Martins Fontes, 1998.

MASON, M. A.; GOULDEN, M. Marriage and Baby Blues: Redefining Gender Equity in the Academy. **THE ANNALS of the American Academy of Political and Social Science,** n. 596, p.86, 2004.

MATTOS, C. L. G. de. Etnografia na Escola: duas décadas de pesquisa sobre o fracasso escolar no ensino fundamental. In: MATTOS, C. L. G. de; FONTOURA, H. A. da. **Etnografia e Educação: Relatos de Pesquisa**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.

MATTOS, C. L. G. de. **Relatório Final da Pesquisa Imagens Etnográficas da Inclusão Escolar: o fracasso escolar na perspectiva de alunos.** PROCIÊNCIA/UERJ. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MATTOS, C. L. G. de. **Tecnologia Digital E Pesquisa Etnográfica.** Núcleo de Etnografia em Educação/EDU/PROPED/UERJ APQ1 FAPERJ 2012/2013; Prociencia 2012-2015; The British Columbia University (UBC) Canadá (Professora visitante - 2013), 2013.

MATTOS, C. L. G. de; BRAGANÇA, G. A. A produção do saber nas pesquisas sobre o fracasso escolar (1996-2007): um recorte de gênero. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 9., São Carlos - SP, 2009. **Anais...** São Carlos, 2009.

MATTOS, C. L. G. de; CASTRO, P. A. de. **Relatório Final da Pesquisa Fracasso Escolar: Gênero e Pobreza.** CNPQ, 2008-2010.

MATTOS, C. L. G. de ; ALMEIDA, S. M. de ; CASTRO, P. A. de . As interações de gênero e poder em instituições de internação de jovens em cumprimento de medidas socioeducativas: um estudo etnográfico. In: MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de. (Org.). **Etnografia e Educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EdUEPB, 2011. p. 213-240.

MAXWELL, J. A. **Qualitative research design: An interactive approach.** Beverly Hills, CA: Sage, 1996.

MCLEOD, J. Feminists re-reading Bourdieu: old debates and new questions about gender habitus and gender change. **Theory and Research in Education**, v. 3, n.11, 2005.

MESSINA, Graciela. Estudio sobre el estado da arte de la investigacion acerca de la formación docente en los noventa. In: ORGANIZACIÓN DE ESTADOS IBEROAMERICANOS PARA LA EDUCACIÓN, LA CIÊNCIA Y LA CULTURA. **Reúnion de consulta técnica sobre investigación en formácion del professorado**. México,1998.

MONTECINOS, C; NIELSEN, L. E. Gender and Cohort differences in University students' decisions to become elementary teacher education majors. **Journal of Teacher Education**, January Teacher Education, Jan-Freb, v. 48, n.1, 1997.

MOURAO, L. De M. **Estudo Etnográfico das Percepções de alunos da educação básica.** 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

NOVAK, J. D;GOWIN, D. B. **Aprender a aprender(1984).** Trad. Carla Valadares. 2.ed. Portugal: Plátano Edições Técnicas, 1999.

OKIN, S.M. 'Is multiculturalism bad for women'. In: COHEN, J. et al. (Ed.). **Is Multiculturalism Bad for Women?** Princeton: Princeton University Press, 1999.

OKIN, S.M. **Justice, Gender, and the Family**. New York: Basic Books, 1989.

OKIN, S.M. **Women in Western Political Thought**. Princeton: Princeton University Press, 1979.

OLIVEIRA, Sara. Texto visual, estereótipos de gênero e o livro didático de língua estrangeira. **Trab. linguist. apl.,** v.47, n.1, p.91-117, 2008. ISSN 0103-1813.

PASCOE, C. J. Multiple Masculinities?: Teenage Boys Talk about Jocks and Gender. **American Behavioral Scientist**, v.46, n.10, jun. 2003.

PEACE, Paul. Balancing Power: The Discursive Maintenance of Gender Inequality byWo/Men at University. **Feminism & Psychology** (SAGE), 2003.

PEREIRA, E. da C. P.**Prostituição e sexualidade: uma questão que envolve as meninas de rua?** 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

PICANÇO, Felícia Silva. **Mobilidade e realização de êxito no Brasil: impactos da cor e escolarização entre homens e mulheres.** Gênero: trânsitos multidisciplinares ST. 57 UERJ (2006). Disponível em: <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/F/Felicia_Picanco_57.pdf>. Acesso em 11 de setembro de 2007.

PILCHER, J. Childhood, gender and school health education in England. **Childhood***,* v. 14, n.2, 2007.

PINHEIRO, Verônica de Souza. **Maternidade na adolescência: significados e repercussões.** 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2001.

PITTZ, W.; DELGADO, G. **Race and recession.** Oakland, CA: Applied Research Center, 2002.

QUEIROZ, Danielle Teixeira ; VALL, Janaina ; SOUZA, Ângela Maria Alves et al. Observação Participante Na Pesquisa Qualitativa: Conceitos E Aplicações Na Área Da Saúde. **R Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p.276-283, abr/jun 2007.

QUEIROZ, L. R. S. Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa: Perspectivas para o campo da etnomusicologia. **Claves,** n. 2, p. 87-98, nov. 2006

REESE, H. W. ; LEE, L-J; COHEN, S. H. et al. Effects of intellectual variables, age, and gender on divergent thinking in adulthood. **International Journal of Behavioral Development**, v. 25, n.6, 2001.

RIBEIRO, Giselle R. O afro-brasileiro e sua representação no livro didático de língua **Trab. Ling. Aplic**, Campinas, v.49, n.1, p.101-113, Jan./Jun. 2010.

RIBEIRO, S. da S.**Trabalho docente: vocação para o magistério, qualificação para o trabalho e relações de gênero–as falas de professoras das primeiras séries do ensino fundamental.** 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

RIVADENEYRA, Rocío; WARD, L. Monique. From Ally McBeal to Sábado Gigante: Contributions of Television Viewing to the Gender Role Attitudes of Latino Adolescents. **Journal of Adolescent Research**, v. 20, n. 4, July 2005.

ROBEYNS, I. Three models of education – rights, capabilities and human capital. **Theory and Research in Education**, v. 4, n.1, 2006.

ROCKEYMOORE, M. **TANF, race and reauthorization: What do we know about race and welfare reform?** (Policy Brief No. 1). Washington, DC: National Urban League, 2001.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, v. 6, n. 19, set-dez 2006.

ROSEMBERG, Fúlvia Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.1, p. 47-68, jan./jun. 2001a.

ROSEMBERG, Fúlvia. Multilateral Organizations And Early Child Care And Education Policies For Developing Countries. **Gender & Society**, v. 17, n. 2, p.250-266, April 2003.

ROSEMBERG, FÚLVIA. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. **Rev. Estud. Fem**., v.9, n.2, p.515-540, 2001b.

ROSEN, Allison B.; TSAI, Jerry S.;DOWNS, Stephen M. Variations in Risk Attitude across Race, Gender, and Education. **Medical Decision Making**, v.23, p.511-517, nov–dec 2003

SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Estudos Feministas**, Ano 9, 2001.

SANDERSON, P. Age and gender issues in adolescent attitudes to dance. **European physical Education Review**, v.7, n.2, 2001.

SANTOS, Patrícia de Jesus; SOUZA, Edmacy Quirina. Práticas Sexistas Na Educação Infantil: Uma Questão De Gênero. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v.6, n.11, 2010.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n.2, p. 71-99, 1995.

SEA MAN, D. F.; FELLENZ, R. A. **Effective strategies for teaching adults**. Columbus, OH: Merrill, 1989.

SENNA, L. A. G. Categorias e sistemas metafóricos: um estudo sobre a pesquisa etnográfica. **Educação em Foco**, v.11, p.169-188, 2006.

SENNA, L. A. G. Formação docente e educação inclusiva. **Cadernos de Pesquisa**, v.38, n.1333, p.195-219, jan./ abr., 2008.

SENNA, L. A. G. O planejamento no ensino básico e o compromisso social da educação com o letramento. In: **Educação e Linguagem**. São José dos Campos/ SP: Universidade Metodista, Faculdade de educação e Letras, 2003. 20p.

SHAKIB, Sohaila. Female Basketball Participation: negotiating the conflation of peer status and gender status from childhood through puberty. **American Behavioral Scientist**, v.46, n.10, Jun. 2003.

SILVA, C. D. et al. Meninas bem-comportadas, boas alunas, meninos inteligentes, mas indisciplinados. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.107, p.207-225, jul. 1999.

SILVA, R. L. da. **Diferença e identidade: um recorte da experiência curricular do Colégio Santo Inácio do Rio de Janeiro a partir da década de 70.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SJOGREN, E.; KRISTENSON, M.; LINQUESTGROUP, T. Can gender differences in psychosocial facxtors be explained by socioeconomic status? **Scandinavian Journal of Public Health**, v.34, 2006.

SLEETER, C. E.;GRANT, C. A. **Making choices for multi cultural education: Five approaches to race, class, and gender.** Columbus, OH: Merrill, 1988.

SOARES, M. **Alfabetização no Brasil – O Estado do conhecimento**. Brasília: INEP/MEC, 1989.

SOHN, A.; CHUN, S.S. Gender Differences in Sexual Behavior and Condom-related Behaviours and Attitudes among Korean Youths. **Asia-Pacific Journal of Public Health**, v.19, n.2, 2007.

SOUZA, Érica Renata de. Marcadores sociais da diferença e infância relações de poder no contexto escolar. **Cadernos Pagu**, n.26, p.169-199, jan/jun, 2006.

SPARK, C.; HARRIS, A. Vocation, vocation – a study of prisoner education for women. **Journal of Sociology**, v.41, n.2, 2005.

SPRADLEY, James P. Participant Observation. Orlando, Fl.: Harcourt Brace Jovanovich College Publishers, 1980.

STRAWN, J.; MARTINSON, K. **Steady work and better jobs: How to help low-income parents sustain employment and advance in the work force**. Washington, DC: Manpower Demonstration, 2002.

TAVARES, R. Construindo mapas conceituais. **Ciência e Cognição**, v.12, dez 2007.

TISDELL, E. J. Interlocking systems of power, privilege, and oppression in adult higher education classes. **Adult Education Quarterly**, n.43, p.203-226, 1993.

TRAINA, A. J. M.; JÚNIOR, C. T. Como fazer pesquisa bibliográfica. **SBC Horizontes**, v.2, n.2, p. 30-35, ago. 2009.

VALIENTE, Celia. An Overview of Research on Gender in Spanish Society. **Gender & Society**, v. 16, n. 6, p.767-792, December [200?].

VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. **Rev. bras. Ci. Soc.** [online], v.22, n.63, p.153-155, 2007.

WARDE, Mirian Jorge. Os condicionantes sociais da oposição entre teoria e prática na educação. In: **EDUCAÇÃO e estrutura social: a profissionalização em questão**. São Paulo: Moraes, 1983.

ZITTLEMAN, K.; SADKER, D. Gender Bias in Teacher Education Texts: new (and old) lessons. **Journal of Teacher Education**, v.53, n.2, March/ April, 2002.